

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MARCELO VOTTO TEXEIRA**

**PRÁTICAS DE LEITURA NO LIVRO ELETRÔNICO**

**Caxias do Sul  
2016**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MARCELO VOTTO TEXEIRA**

**PRÁTICAS DE LEITURA NO LIVRO ELETRÔNICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Beatris Valentini.

**Caxias do Sul  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

T355p Texeira, Marcelo Votto

Práticas de leitura no livro eletrônico / Marcelo Votto Texeira. – 2016.  
111 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

Orientação: Carla Beatris Valentini.

1. Práticas de leitura. 2. Livro eletrônico. 3. Leitura digital. I. Valentini, Carla Beatris, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UCS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

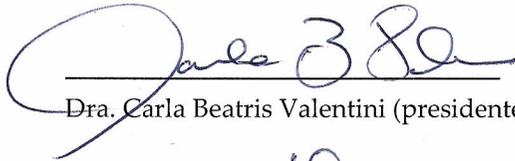
*“Práticas de leitura no livro eletrônico”*

Marcelo Votto Teixeira

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia.

Caxias do Sul, 29 de agosto de 2016.

Banca Examinadora:



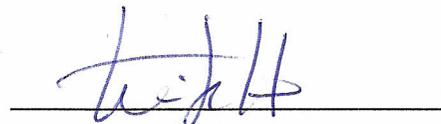
---

Dra. Carla Beatris Valentini (presidente - UCS)



---

Dra. Eliana Maria do Sacramento Soares (UCS)



---

Dra. Eliane Schlemmer (UNISINOS)



---

Dra. Larissa Camacho Carvalho (UCS – Bolsista PNPd)

**CIDADE UNIVERSITÁRIA**

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

## AGRADECIMENTOS

Com muito apreço, agradeço à orientadora Carla Beatris Valentini por toda a paciência, dedicação e confiança depositada nesta pesquisa, bem como, os ensinamentos compartilhados ao longo destes últimos anos. Carla, você não apenas orientou esta pesquisa, você conduziu um ser humano à um caminho novo e com a sua luz permitiu que ele enxergasse mais longe.

Reitero à Universidade de Caxias do Sul, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, meus agradecimentos pela disponibilização de professores altamente capacitados e toda a estrutura necessária para o desenvolvimento desta pesquisa.

Impossível não recordar neste momento e agradecer aos antigos colegas de trabalho da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul, em especial ao Bibliotecário Marcos Leandro Freitas Hübner, por ter incentivado e apoiado meu ingresso no Mestrado em Educação, assim como, sempre ter acreditado em meu potencial profissional.

Sucessivamente, estendo meus agradecimentos aos atuais colegas da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por compreenderem o momento pelo qual passei na finalização desta pesquisa, as ausências que por vezes necessitei e principalmente as conversas entre um café e outro. Certamente sem o apoio de vocês este trabalho não seria o mesmo.

Sempre serei grato a minha namorada Crissiê. Não há palavras que me permitam demonstrar o sentimento de gratidão que tenho pelo incondicional apoio e carinho que recebi nos últimos meses. Junto a isso, agradeço à toda sua família: Ivone, Moacir, Crisley e Leandro, pelo apoio que recebi de todos vocês. Muito obrigado!

Infelizmente o trabalho e estudo muitas vezes nos afastam do convívio de nossos familiares. Assim, agradeço à toda minha família pela paciência e compreensão disposta diante do momento de afastamento do convívio que tive nos últimos anos. Daniely, Alberto, Mariana, Carol, Manuela e Lucas, obrigado pelo apoio de sempre.

E por fim, Nietzsche e Hannah, meus gatos de estimação e parte da família, obrigado!

*Por lo que fue y por lo que pudo ser  
Por lo que hay, por lo que puede faltar  
Por lo que venga y por este instante  
Levanta el vaso y a brindar por el aguante  
(René Pérez e Eduardo Cabra)*

## RESUMO

Estudos focados às práticas de leitura remontam ao fato de que diferentes suportes de leitura proporcionam diferentes práticas. A presente dissertação constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, possuindo como procedimento de análise dos dados a Análise Textual Discursiva, com o objetivo de responder a seguinte questão norteadora: Como se constituem as práticas de leitura no livro eletrônico? O objeto de estudo é constituído por vinte e cinco artigos científicos, recuperados em buscas realizadas no Portal de Periódicos da CAPES, publicados entre 2012 e 2014, em português e inglês. O referencial teórico envolve três ênfases: Historicidade do livro, Práticas de leitura e Leitura digital. Para a historicidade do livro são discutidos os diferentes suportes utilizados para o livro ao longo da história, bem como, a evolução do livro e texto em formato impresso até o eletrônico. Nas práticas de leitura discute-se como diferentes suportes e mídias propiciam novas habilidades sensoriais, afetando a forma de ler e resultando em novos tipos de leitores. Sobre a leitura digital, questões sobre a leitura na tela digital, a revolução e desterritorialização do texto a partir do hiperlink e a aplicação de ferramentas e hipermídias nas práticas de leitura são os temas tratados. A partir da análise emergiram as categorias Interatividade, Propósito de leitura e Sustentabilidade. Os resultados da análise indicam que as práticas de leitura no livro eletrônico se constituem a partir do Propósito de leitura, ao qual pode ser para estudo ou lazer. Quanto à Interatividade do leitor com o livro eletrônico pode ser realizada através da conectividade, ferramentas e hipermídias disponíveis. Por fim, a Sustentabilidade econômica e ambiental mostrou-se importante para a adoção do livro eletrônico na sociedade. Evidencia-se também como os problemas existentes nos atuais dispositivos e formatos de leitura de livros eletrônicos estão prejudicando a interatividade do leitor e conseqüentemente as práticas de leitura. A pesquisa apresenta possibilidades de futuros avanços em pesquisas relacionadas à prática de leitura no livro eletrônico, seja com ênfase em dispositivos ou formatos específicos, ou com o ingresso do livro eletrônico nas políticas educacionais que envolvem o livro didático.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Livro eletrônico. Leitura digital.

## **ABSTRACT**

Studies focused on reading practices date back to the fact that different reading media provide different practices. This work consists in a bibliographical research that applies Discursive Textual Analyses as data analysis procedure, in order to answer the following guiding question: How are the reading practices constituted in electronic book? The study object consists of twenty-five scientific papers, recovered in searches conducted in CAPES Journals Portal, published between 2012 and 2014, in Portuguese and English language. The theoretical framework involves three emphases: Book's Historicity, Reading Practices and Digital Reading. For the book's historicity, the different supports used for the book throughout history are discussed, as well as, the evolution of the book and text from printed to electronic format. In reading practice, it is discussed how the different supports and media provide new sensory abilities that affects the way of reading and results in new types of readers. On digital reading, questions about the reading on the digital screen, the revolution and deterritorialization of text since hyperlink, and the tool and hypermedia application in reading practices are the topics covered on this work. The Interactivity, Reading Purpose and Sustainability categories emerged from the analysis. The analysis results indicate that the reading practices in e-book are constituted from Reading Purpose, which can be done for study or leisure. As for the Interactivity of reader with the e-book, it can be accomplished through available connectivity, tools and hypermedia. Finally, economic and environmental sustainability has shown to be important for the adoption of the electronic book in society. It is also evidenced how the problems in the current devices and e-book reading formats are harming the reader's interactivity and consequently the reading practices. The research presents future advances possibilities in research related to reading practice in the electronic book, either by focusing on specific devices or formats, or by the entry of the electronic book in educational policies that involve the textbook.

Keywords: Reading practices. Electronic Book. Digital reading.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Artigos por ano de publicação.....	41
Figura 2 - Método aplicado nos artigos analisados .....	43
Figura 3 - Artigos por país com o método Estudo de Caso.....	44
Figura 4 - Quantidade de unidades por categoria .....	45

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modelo de planilha .....	36
Quadro 2 - Categorias, subcategorias e indicadores .....	37
Quadro 3 - Subcategorias e indicadores da Categoria Interatividade .....	51
Quadro 4 - Subcategorias e indicadores da Categoria Propósito de leitura .....	63
Quadro 5 - Subcategorias e indicadores da Categoria Sustentabilidade .....	72

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Artigos publicados por periódico em cada ano.....	42
Tabela 2 - Trechos por subcategoria da categoria Interatividade.....	47
Tabela 3 - Trechos por subcategoria da categoria Propósito de leitura .....	48
Tabela 4 - Trechos por subcategoria da categoria Sustentabilidade.....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 REFERÊNCIAL TEÓRICO</b> .....	17
2.1 A HISTORICIDADE DO LIVRO.....	17
2.2 PRÁTICAS DE LEITURA .....	23
2.3 LEITURA DIGITAL.....	28
<b>3 MÉTODO</b> .....	32
3.1 COLETA DOS DADOS .....	34
3.2 ANÁLISE TEXTUAL DO CORPUS .....	36
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	40
4.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS .....	40
<b>4.1.1 Interatividade no Livro Eletrônico</b> .....	46
<b>4.1.2 Propósito de leitura no Livro Eletrônico</b> .....	47
<b>4.1.3 Sustentabilidade com o Livro Eletrônico</b> .....	49
4.2 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA .....	50
<b>4.2.1 Interatividade no livro eletrônico</b> .....	50
4.2.1.1 Hiperlinks .....	52
4.2.1.2 Conectividade.....	55
4.2.1.3 Ferramentas .....	59
<b>4.2.2 Propósito de leitura no livro eletrônico</b> .....	63
4.2.2.1 Leitura para estudo.....	65
4.2.2.2 Leitura de lazer.....	70
<b>4.2.3 Sustentabilidade com o livro eletrônico</b> .....	72
4.2.3.1 Sustentabilidade econômica .....	73
4.2.3.2 Sustentabilidade ambiental .....	76
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84
<b>APÊNDICE A – LISTA DOS ARTIGOS QUE COMPÕEM O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA</b> .....	89
<b>APÊNDICE B – UNIDADES DE ANÁLISE</b> .....	91

## 1 INTRODUÇÃO

Da aurora do homem aos dias atuais, o manuseio de ferramentas em prol de sua sobrevivência tem sido o diferencial dos humanos frente aos demais animais que convivem neste pálido ponto azul chamado planeta Terra. Uma das ferramentas mais úteis criadas pelo homem permitiu que este estendesse a sua memória, perpetuasse as suas ideias por outras eras e as transmitisse para os demais homens, trata-se da escrita.

Para que a escrita cumpra seu papel na comunicação se faz necessário que ela esteja em um suporte de leitura que a permita ser acessada pelos demais, desprendendo-a do seu autor. Neste contexto, vislumbra-se a relevância dos suportes de leitura na propagação da escrita e como a evolução dos suportes de leitura permitiu que o homem tivesse acesso a uma maior quantidade de informação, contribuindo para evolução de nossa sociedade em diversas áreas.

A história da leitura denota o fato de que o homem já se fez valer de diversos suportes para a escrita, indo desde as paredes das cavernas no período neolítico, nada móveis para a compreensão de mobilidade contemporânea, argila, couro de animais, materiais derivados das árvores e entre tantos outros. Sendo que para cada tipo de suporte, diferentes práticas de acesso e manuseio ocorriam para o leitor, fazendo com que a experiência proporcionada pela leitura de um conteúdo fosse impactada também pelo suporte que o continha.

A ascensão da revolução digital não se relaciona somente com a ciência e os negócios, mas também com a leitura, pois impacta a forma como a informação é transmitida e acessada. Neste contexto, a educação é alçada como agente impactada por tais transformações, cabendo aos educadores e pesquisadores um olhar sobre possíveis movimentos nestas relações.

Goodman (1991) menciona que somente no século XX a leitura passou a receber, por parte dos educadores e pesquisadores em educação, maior atenção do que os demais processos linguísticos, como o estudo da língua e desenvolvimento da linguagem. Para o autor, o resultado da negligência no estudo da leitura é uma tecnologia altamente desenvolvida para a instrução em leitura, com uma base teórica superficial.

O fato dos educadores recentemente terem voltados suas pesquisas para a leitura fez com que tenhamos uma lacuna na compreensão das práticas de leitura no livro. Chartier (1996) corrobora com esta afirmação ao apontar as dificuldades de encontrar na literatura técnica, estudos sobre práticas de leitura no século XVIII, tendo que muito se fazer valer de relatos sociais de como a leitura era realizada naquela época, seja a partir de contos literários ou folhetins informativos.

Assim, a relevância desta pesquisa para a educação pode servir como uma introdução aos estudos das práticas de leitura no livro em suporte eletrônico, compreendendo que a revolução digital está presente no cotidiano dos alunos e afeta todo o ambiente escolar. A adoção por um método de pesquisa bibliográfica perpassa por esta questão, pois antes de um estudo de caso, limitado por agentes específicos, procurou-se analisar as práticas de leitura a partir de uma variedade de outras pesquisas, tendo na multiplicidade de análises e dizeres a possibilidade de contribuir teoricamente para futuras pesquisas práticas.

Desta forma, a presente pesquisa tem sua origem na relevância do livro para a educação e como a transformação da leitura no ambiente digital está abrindo novos horizontes nos estudos acerca deste suporte de conteúdo. O livro eletrônico, amplamente conhecido como e-book, uma abreviatura da expressão em inglês *Electronic Book*, dispõe de novas possibilidades de comunicação e a partir disso, diferentes práticas de leitura.

Rao (2003, p. 86, tradução nossa) define o livro eletrônico como "texto em formato digital, um livro convertido em formato digital, material de leitura digital, um livro em um formato de arquivo de computador ou um arquivo de palavras e imagens eletrônicas". Nesta perspectiva, Connaway amplia a definição de livro eletrônico ao mencionar:

"Um e-book é baseado tanto em emular as características básicas dos livros tradicionais em formato eletrônico, bem como, alavancar a tecnologia da Internet para fazer um e-book fácil e eficiente de usar. Um e-book pode assumir a forma de uma única monografia ou a de um conjunto de livros em formato digital, permitindo a visualização em vários tipos de monitores, dispositivos e computadores pessoais". (CONNAWAY, 2003, p. 14, TRADUÇÃO NOSSA)

O ambiente escolar está se adaptando ao ambiente digital, preocupado com este novo espaço em que os alunos estão ativos enquanto agentes sociais. Ações

de inclusão digital vinculadas aos estudos acerca de processos educacionais emergem ao longo dos anos, mas poucos relacionados ao livro eletrônico.

O livro impresso faz parte da educação, dentro dos moldes educacionais que conhecemos, desde o século XII, com o surgimento das primeiras universidades. Já no século XVII, o livro didático era introduzido na concepção pedagógica que emergia (VEIGA, 2007). Assim estamos até os dias atuais, utilizando o livro, seja para a aquisição da língua, para a linguagem, a transmissão do conhecimento ou nosso lazer, cabendo neste momento histórico em que vivemos, estudarmos a conjectura atual do livro e as novas práticas de leitura no ambiente digital.

O estudo do livro eletrônico na leitura digital passa pelo surgimento do livro, ainda no processo de transição do *volumen* para o códice, pois há necessidade de conhecermos os processos históricos que colocam a sociedade contemporânea na concepção atual sobre o livro impresso e o digital. Conforme Chartier (1998, p. 103), “o que as leituras acerca da evolução do livro mais ressaltam ao pesquisador é a quebra de paradigmas, tanto na escrita, na leitura e no próprio formato do livro”.

Ademais, os conceitos que abordam as práticas de leitura não concebem uma concepção única para cada tipo de formato em que a leitura digital se apresenta. Mas o que se encaminha com este projeto, na formulação do seu problema de pesquisa, é o entendimento de que a entrada de novas tecnologias e a escolha por novos dispositivos constituirá diferentes práticas de leitura (MARCUSCHI, 2001).

No que se refere ao livro eletrônico, a falta de um padrão agrava os obstáculos já existentes entre a leitura digital e o leitor (LEE, GUTTEMBERG, MCCRARY, 2002). Neste sentido, da pluralidade de formatos para o livro eletrônico, é que emerge a necessidade de análise das práticas de leitura no formato de livro denominado “Livro eletrônico”.

Sobre as novas formas de leitura, que também estão direcionadas ao ambiente digital, temos uma nova significação de leitura. Tais formas são descritas por Santaella:

Entretanto, desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se restringir apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, desenho e tamanho de tipos gráficos, texto e diagramação. (SANTAELLA, 2004, p. 17)

A leitura digital encontra no livro eletrônico o estado ou condição de variáveis não estabelecidas, mas que estão nas teorizações sobre a leitura e escrita no ambiente digital. Apesar da denominação “Livro Eletrônico” remeter a um formato único, a falta de um padrão existente no mercado remete aos educadores e, por sua vez, aos leitores, a terem diferentes práticas de leitura com diferentes formatos de livro eletrônico.

Dentro deste contexto, as práticas de leitura evoluem junto aos novos suportes e formatos empregados ao livro. Sendo assim, o problema de pesquisa que direciona este trabalho é proposto da seguinte forma: ***Como se constituem as práticas de leitura evidenciadas nas produções científicas que tratam sobre leitura digital ou livro eletrônico?***

O que esta pesquisa se propõe, a partir de sua questão norteadora, é analisar as práticas de leitura no livro eletrônico, resgatando como a história do livro também remonta as variações de formatos, que por sua vez resultavam em diferentes práticas de leitura.

Assim, a realização do estudo justifica-se pela relevância que o formato livro possui para a história da humanidade e conseqüentemente a história da educação. O livro passa por transformações significativas, tanto em sua forma de produção quanto leitura e acesso e compete também à área da educação compreender que movimentos são esses, quais são práticas de leitura decorrentes destas variações e o impacto disso nos processos de ensino e aprendizagem.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos, sendo a Introdução o primeiro capítulo. O referencial teórico é a temática do segundo capítulo, dividido em três subseções, apresentando os referenciais balizadores desta pesquisa para a historicidade do livro, as práticas de leitura e a leitura digital. O método aplicado para o desenvolvimento da pesquisa é o tópico do capítulo três, ao qual é apresentado ao leitor os procedimentos escolhidos para a coleta e análise dos dados. No capítulo quatro os dados são analisados e discutidos sob o prisma dos autores apresentados referencial teórico, sendo dividido em subseções que analisam descritivamente e textualmente questões sobre a interatividade, o propósito de leitura e a sustentabilidade relacionados ao livro eletrônico. Como último capítulo, as considerações finais apresentam os resultados obtidos com a

pesquisa, frente a questão norteadora da pesquisa e a possibilidade de futuras pesquisas sobre temas relacionados ao livro eletrônico e a educação.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Ao pesquisar as práticas de leitura a partir do livro eletrônico, buscou-se resgatar nos autores que contemplam esse referencial teórico, conceitos sobre a história do livro e da leitura, incluindo a materialidade do livro e as diferentes práticas de leitura que a sociedade manifestou ao longo dos séculos.

As seções a seguir apresentam uma estrutura individualizada dos principais temas para esta pesquisa, sendo: A historicidade do livro, Práticas de leitura e a Leitura digital. Entretanto, é possível perceber ao longo do texto a intersecção entre a história do livro e da leitura com o ambiente digital e as práticas de leitura que os acompanham.

### 2.1 A HISTORICIDADE DO LIVRO

Da escrita rupestre à invenção do alfabeto, pelos fenícios, datamos um salto milenar que contrapõe o avanço lento, mas contínuo, do interesse humano em ampliar e sistematizar a comunicação entre os povos. A escrita faz parte deste processo de comunicação, pois protege a memória ativa do homem e propaga facilmente, de forma uniforme e eficaz, as ideias, regras, costumes e cultura dos povos.

Os estudos que abordam a história da escrita, da leitura e do livro afirmam que para a escrita, e conseqüentemente para a leitura e a produção de livros, o homem empregou, e continua empregando, materiais provenientes dos três reinos da natureza, que são: reino mineral, vegetal e animal (CHARTIER, 1998). Todavia, tal processo na construção de suportes para o armazenamento de conteúdo, a partir da última década do século XX, passou a ter um novo tipo de material, que pela primeira vez na história da humanidade saiu da esfera dos três reinos da natureza, trata-se do suporte digital.

Ao longo dos séculos o homem flutuou entre diferentes tipos de materiais para a produção de livros, sendo do reino vegetal extraído a maior quantidade de materiais para o desenvolvimento de livros (CHARTIER, 1998). Das tabuletas de madeira, utilizada pelos egípcios e gregos, aos pedaços de pano utilizados por

romanos e as folhas de seda, já em uma época avançada, utilizado pelos chineses, temos neste suporte uma variedade de formatos que nenhum outro suporte havia oferecido à prática da escrita.

Certamente é no papiro que encontraremos o formato mais utilizado, em questão de tempo, pelo homem. Segundo Martins (1998, p. 61), “sem a menor dúvida, o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita é o papiro, de tanta importância histórica em si mesmo e pelos textos que conteve”.

Mas a escassez natural do papiro, o que agregava um alto valor ao produto, além das dificuldades de importação, levaram diversos povos a desenvolverem outro material que substituísse o rolo de papiro (MARTINS, 1998). Foi neste processo que o homem se fez valer do reino animal para a produção do Pergaminho.

Ao se descobrir que, diferentemente do papiro, era possível ao autor escrever nas duas faces do pergaminho é que teremos a grande ruptura no processo de escrita e leitura, que redirecionou a civilização ao desenvolvimento do livro. A partir do momento que se passou a utilizar o verso e anverso do pergaminho surgiu o códice:

Por volta do século III, o códice - isto é, livros com páginas que são viradas, em oposição a rolos de papiro que são desenrolados se tornou crucial para a difusão do cristianismo. Ele transformou a experiência da leitura: a página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaços), parágrafos e capítulos, além de sumários, índices e outros auxílios à leitura. (DARNTON, 2010, p. 40)

A relevância do pergaminho para o surgimento do livro é imensurável. Contudo, o reino animal nunca foi vantajoso para o homem, no que diz respeito ao fornecimento de matéria prima para a construção dos códices, levando as civilizações a novamente retornarem ao reino vegetal para encontrarem um novo material para o armazenamento da escrita e é na China que surge o papel.

Chartier (2002) descreve o avanço do códice e como este novo formato tornou possível determinadas manifestações, por parte do leitor, que até então não eram possíveis com os *volumens*:

Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis tornavam-se comuns: assim, escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do códex transformaram

profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre o leitor e seus livros. (CHARTIER, 2002, p. 106)

Para os cristãos, a ampla adoção do códice deu-se pela praticidade de transporte e manuseio de obras proibidas pelas autoridades romanas. Junto a isso, as indicações de páginas permitiam fácil localização de trechos específicos, bem como, textos separados, com pouco conteúdo, poderiam agora ser encadernados juntos, em um livro único (MANGUEL, 2001).

Próximo à metade do século XV, o alemão Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg, que como cita Manguel (2001, p. 157) “que o prático mundo dos negócios abreviou para Johann Gutenberg”, percebeu que se poderia agilizar o processo de produção dos livros se as letras do alfabeto fossem cortadas na forma de tipos reutilizáveis e impressas no papel. Surgia aí a maior ruptura, após o códex e até hoje, na evolução do livro, a invenção da imprensa.

O surgimento da imprensa trouxe inúmeras vantagens aos leitores e à propagação do formato do livro impresso. Para os leitores, a uniformidade dos textos e o baixo custo do livro, advindos da produção em série, aperfeiçoaram o processo de leitura, bem como, a partir disso, o livro se propagou na sociedade, criando o vínculo e a percepção que temos atualmente do livro impresso.

Lévy trata o surgimento da imprensa como uma transformação profunda na transmissão de textos, segundo ele:

Dada a quantidade de livros em circulação, não seria mais possível que cada leitor fosse introduzido às suas interpretações por um mestre que tivesse, por sua vez recebido um ensino oral. O destinatário do texto é agora um indivíduo isolado que lê em silêncio. Mais que nunca, a exposição escrita se apresenta como autossuficiente. A nova técnica, tal qual se desenvolveu na Europa a partir do meio do século XV, contribui para romper os elos da tradição. (LÉVY, 2010, p. 96)

Indubitavelmente, a revolução do livro, ou de forma ampla, a revolução do texto, partindo das tabuletas de argila para os *volumens* de papiro e pergaminho, dos *volumens* para os códices, dos códices para o livro impresso e do livro impresso para o livro digital, também deve ser tratado como uma revolução da leitura. De fato,

temos no final do século XX a maior ruptura de paradigma na leitura desde a invenção da imprensa, no século XV, que é a leitura digital (FREITAS, 2003).

Escolar (1977, p. 3), afirma que “a característica essencial do homem tem sido, e é, a criação de instrumentos ou ferramentas que lhe tem permitido ampliar suas aptidões naturais até convertê-lo na criatura mais poderosa”. Em relação ao livro, enquanto formato, é possível afirmar que se trata do mais fecundo invento do homem, a ferramenta mais maravilhosa criada pelo homem. Foi a partir da criação do livro, que o progresso intelectual do homem transcorreu de forma acelerada, chegando aos dias atuais, onde há uma verdadeira explosão bibliográfica e informacional.

Todavia, a falta de um padrão na construção do novo formato para o livro, o códice, fazia dele um livro que por vezes era de difícil acesso e leitura. Sobre as diferentes práticas de leitura no códice, Cavallo descreve:

Na medida em que não era ligado a convenções técnicas mais ou menos fixas, mas podendo assumir diferentes formatos e espessuras, indo do livro de fácil manejo ao mais volumoso, o códice provocará a modificação fisiológica da leitura: determinados livros, em virtude de sua estruturação material, impediam, impunham ou solicitavam atitudes e gestos por parte do leitor. (CAVALLO, 2002, p. 95)

Para a escrita, a leitura no códice propiciou uma nova prática. Agora, com uma das mãos livres, era permitido ao leitor realizar anotações em outro suporte ou inclusive na margem do próprio livro. Destas anotações surgiram a primeira quebra da linearidade do texto, o leitor do livro com anotações poderia contrapor o linear do texto, o que caracteriza hipertexto (LÉVY, 1996).

O livro impresso contemporâneo ainda segue os preceitos do códice, como as páginas, as margens, os alinhamentos e outros aspectos que para o leitor estão intrínsecos ao entendimento das possibilidades de leitura com o livro. Todavia, por mais que os preceitos aplicados ao livro impresso perdurem por séculos, os mesmos não caracterizam novas ou eficientes práticas de leitura quando o livro é transportado para o digital.

Novos preceitos emergem na leitura digital quando direcionadas ao livro eletrônico, entre estas podemos destacar a acessibilidade, continuidade da leitura - orientação, interpretação do texto - novas linguagens, navegabilidade, pesquisa e personalização (LIESAPUTRA; WITTEN, 2012). Estas novas possibilidades

atribuídas ao agora livro eletrônico impactam não somente o leitor, mas primeiramente a primeira via do processo de leitura, que é o escritor e produtor de livros.

A não utilização de toda a potencialidade do livro eletrônico, frente às novas tecnologias digitais, pode estar nos autores, que não elaboram conteúdo visando plenamente à disponibilização em formato digital. Para Chartier (1998, p. 17) “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados”.

Nesta perspectiva, em que o texto transcende a sua materialidade, recorda-se a não existência de um texto fora do suporte que o permita ser lido. Frente a isso, Chartier (1990, p. 127) menciona a existência de três polos pelos quais as obras adquirem sentido, sendo “o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera”.

Negroponete (1995, p. 73) afirma que “no mundo digital, o meio não é mensagem: é uma das formas que ela assume. Uma mensagem pode apresentar vários formatos derivando automaticamente dos mesmos dados”. Assim, a desterritorialização do texto prevista por Lévy integra-se ao contexto da escrita digital e novas competências na prática desta escrita emergem em um novo perfil de autoria, sendo o livro impactado diretamente.

Com isso, a relação entre o livro impresso e o *seu* homônimo eletrônico, por mais que as simbologias das palavras remetam a uma contextualização de singularidade, deve ser remetida como outro formato, ou seja, o *livro eletrônico* não pode e nem deve ser visto e tratado apenas como um formato adicional do livro impresso. Corrobora com isto o fato de o próprio termo *papel* ter sua origem etimológica do papiro, mas, mesmo assim, a relação entre ambos dar-se-á apenas no nome.

Para que seja visto como um formato independente, o livro eletrônico segue padrões próprios que o diferenciam dos outros formatos de leitura digital. Se os periódicos científicos encontraram na internet um mecanismo de divulgação e propagação do seu conteúdo, muito a partir de plataformas estruturadas por entidades e a ampla adoção do formato de arquivo *Portable Document Format* - pdf, o livro eletrônico divide-se em três partes:

- a) Dispositivo de leitura, também denominado como suporte do livro ou hardware, podendo ser *tablets*, *smartphones*, computadores, *notebooks* e *e-readers*;
- b) Plataforma de leitura, também denominado como *software* ou aplicativo de leitura. São instalados nos dispositivos de leitura e que realizam a ligação entre o dispositivo de leitura e o arquivo digital com o conteúdo do livro. Entre os principais, destacam-se o Kindle, o Kobo e o Adobe Reader;
- c) Formato do arquivo de leitura são os diferentes formatos aos quais um conteúdo pode ser armazenado digitalmente. Entre os principais formatos de texto para livros eletrônicos destacam-se o *Portable Document Format* (.pdf), o Mobipocket (.mobi) e o Electronic Publication (.epub).

Quanto aos dispositivos de leitura do livro eletrônico, estes dão fim ao que compreendemos como materialização da obra. Um dispositivo de leitura de livros eletrônicos não é visto como uma obra, mas sim como um objeto integrado ao livro eletrônico, mas não preponderante, e capaz de transportar diversas obras.

Tal concepção, por mais moderna que possa se apresentar, é a mesma que a sociedade da era antiga teve com o surgimento do códice, que reunia em um único suporte-livro uma série de obras encadernadas, a ponto de formar o que foi chamada na época de “biblioteca sem biblioteca” (CAVALLO, 2002). O que vivenciamos atualmente é uma denotação que já ocorreu em outros tempos, onde a concepção de livro estava em trânsito para um novo significado.

A desterritorialização do texto, já abordada anteriormente, encontra na plataforma de leitura a sua navegabilidade no ciberespaço, podendo o mesmo livro ser lido em telas e dispositivos diferentes. O que se faz necessário para isso é a compatibilidade do formato do livro eletrônico com o dispositivo de leitura, que exige do leitor o conhecimento de compatibilidade entre ambos.

Entretanto, em vista a um mercado comercial, softwares de leitura produzidos por diferentes empresas não permitem a integração entre os formatos de livro eletrônico utilizados em seus respectivos dispositivos. Para Procópio (2010, p. 46), “este, por sinal, é um dos entraves da aceitação dos livros eletrônicos por parte dos consumidores”.

Isto significa que um dispositivo e um software de leitura podem ser incapazes de ler publicações criadas em formatos diferentes, ou seja, o dispositivo “y”, com o software “z” instalado não consegue acessar o conteúdo do livro eletrônico devido ao mesmo estar no formato “x”. Pode-se complementar que se a incompatibilidade entre diferentes formatos é um aspecto negativo do livro eletrônico, concomitantemente torna-se um ponto positivo do livro impresso.

## 2.2 PRÁTICAS DE LEITURA

A concepção de prática de leitura surge da compreensão da leitura como um ato de apropriação, criação de significados a partir de signos dispostos em um dispositivo de leitura, quer seja ele manuscrito, impresso ou digital. A leitura pertence ao leitor, uma leitura não é similar a outra, o texto não possui autonomia em seu significado, este é dado pelo leitor desde sempre (CHARTIER, 1998).

Sendo assim, trata-se a leitura desassociada da escrita por compreender a leitura como uma prática criadora e capaz de produzir diferentes significados para o mesmo texto escrito. A ligação objetiva que se faz da leitura à escrita ocorre por idealizarmos a leitura diretamente aos textos escritos, bem como, ao material com o qual a escrita é produzida (BRESSON, 2001).

Para Manguel (2001, p. 42), “a leitura começa com os olhos”, sendo este um sentido primordial para a aquisição das letras que formam a frase e que dão sentido a um texto. Assim, se a visão enxerga as letras, compreende-se que a tipografia, o estilo e a sintaxe são fatores determinantes para os sentidos obtidos a partir de um texto (DARNTON, 2010).

Nesta perspectiva, sendo a visão afetada pela disposição do texto, as práticas de leitura conseqüentemente sofrem modificações conforme variam o suporte, o tipo de mídia e inclusive o tipo de letra, no caso da mídia textual. Por conseguinte, quando relacionada as alterações referentes a disposição e divisão do texto, tipografia e tipo de mídias de uma obra, deparamo-nos com um novo ator no cenário da leitura, tão enraizada na relação *autor-leitor*, trata-se do editor-livreiro (CHARTIER, 2001).

De fato, procedimentos relativos a produção de livros não pertence à escrita do autor, mas sim à impressão, gerenciada por grupos editoriais que publicam livros a partir de modelos estabelecidos por suas políticas mercadológicas (DARNTON, 2007). Tal questão afeta diretamente as práticas de leitura, ao permitir o surgimento de “leituras diferentes do mesmo texto” (CHARTIER, 2001, p. 97).

O que a história das práticas de leitura remonta é que as significações atribuídas pelos leitores variam conforme o tipo de leitura que se apodera da mensagem (CHARTIER, 2001). À leitura não pode ser dado a condição de prática subjacente da escrita, como se o sentido desejado pelo autor em seu texto fosse inscrito imediatamente no leitor. Isto não ocorre, pois entre o texto e o leitor situam-se as práticas de leitura, além de procedimentos inerentes ao objeto lido (CHARTIER, 1990).

Referente ao objeto lido há de se compreender que diferentes formas produzem diferentes sentidos e que um texto, para o leitor, pode adquirir o significado de inédito quando este é apresentado em um novo formato (DARNTON, 2010). Nesta perspectiva, a transformação das formas e dispositivos aos quais um texto é apresentado autoriza adaptações inéditas, criando novos públicos e novos usos (CHARTIER, 1996).

Hérbrard (2011), ao apontar a ótica sobre a prática de leitura mais para o ato de ler do que para o livro lido, ressalta que o ser humano não adquire a leitura, mas sim as maneiras de ler que se revelam a partir do domínio do escrito, através das práticas culturais de sua época ou sociedade. Assim, qualquer resgate histórico das práticas de leitura tem como fundamento identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades do ler (CHARTIER, 1990).

Chartier (1996) menciona que um projeto de uma história das práticas de leitura possui como objetivo assinalar os contrastes mais importantes que podem dar distintos sentidos ao mesmo texto. Ao assinalar os contrastes, o autor destaca três discrepâncias fundamentais para o estudo das práticas da leitura, sendo: leitura oral frente a leitura silenciosa, a leitura intensiva frente a leitura extensiva e a última, leitura privada frente a leitura coletiva.

A primeira discrepância apontada por Chartier (1996) direciona para uma leitura silenciosa e visual frente a uma leitura realizada em voz alta, em que a

compreensão supõe uma leitura oral do texto. Tal contrapartida surge com a obrigatoriedade do silêncio nas bibliotecas universitárias medievais, sendo assim, a leitura silenciosa fixa-se como prática e estabelece uma nova relação entre o leitor e o livro, permitindo o surgimento de um leitor contemplativo (SANTAELLA, 2004).

Conforme Manguel (2001) o difícil acesso aos livros, até então de propriedade única dos ricos, aliado aos baixos índices de alfabetização, ampliaram na Europa medieval a prática da leitura oral. Nesta prática de leitura, grupos reuniam-se para ouvir a leitura de um livro em voz alta, permitindo que os menos afortunados ou os não letrados obtivessem acesso à cultura de sua época.

Enquanto propósito, desde a antiguidade, atribui-se a leitura oral uma função pedagógica e social, que é a de aperfeiçoar a oratória e retórica. Trata-se assim, de um rito de passagem aos jovens daquela época, que demonstravam o domínio da retórica e do falar em público. Por sua vez, à leitura oral ainda foi atribuído um outro propósito, o literário, já que o ato de ler em voz alta era, para o autor, a possibilidade de colocar seu trabalho em circulação (CHARTIER, 2000).

Santaella (2004) traça um paralelo entre a leitura silenciosa e oral ao dizer que com a leitura silenciosa, o leitor estava livre para estabelecer uma relação sem restrições com o livro lido, não necessitando mais dedicar sua atenção ou tempo para a pronúncia das palavras escritas. Este paralelo, quando analisado, remete à leitura silenciosa a individualidade do ato de ler, permitindo ao leitor maior contato com o texto e, por sua vez, uma leitura intensiva da obra.

Dessa forma, compreende-se a relação entre a leitura silenciosa e intensiva, em que o leitor contemplativo de Santaella (2014) encontra ambiente propício para estabelecer laços entre suas percepções e o texto lido. Contudo, o fato de existir um paralelo entre estes dois tipos de leitura, em nada contribui para o estabelecimento de uma relação entre a leitura extensiva e a leitura oral.

A segunda discrepância apontada por Chartier (1996) confronta a leitura denominada como *intensiva* e a leitura *extensiva*. A leitura *intensiva* dada com poucos livros, mas apoiada sobre a atenção e memorização do texto, tido como um certo respeito ao texto lido. Em sua contraposição, a leitura *extensiva*, que trata da leitura de muitos livros, de forma superficial ou com ênfase a partes específicas do texto, dando um caráter menos respeitoso ao texto lido.

Para Santaella (2004), na leitura extensiva surge o leitor fragmentado, ou seja, um leitor acostumado a uma grande quantidade de leituras, mas fragmentadas em diferentes textos, um leitor que se acostumou ao ritmo do último século e tem sido um intermediário entre o leitor contemplativo e o leitor imersivo digital.

A última discrepância apontada por Chartier (1996) está entre a leitura íntima, base de uma leitura privada, e a leitura coletiva, realizada em espaços comunitários e sem uma privação por parte do leitor. Tal discrepância, para Chartier (1996), relaciona-se com a prática de leitura em voz alta ou silenciosa, bem como, com a prática de leitura intensiva e extensiva, uma vez que a leitura íntima ou coletiva gera diferentes possibilidades nas demais práticas.

Mencionado os contrastes mais importantes nas práticas de leitura apontados por Chartier (1996) e que podem dar distintos significados a um texto, compreende-se que tais contrastes culminam em diferentes tipos de leitores. Por certo, não somente estes contrastes propiciam leitores diferentes, mas a evolução social e tecnológica alavancou o conceito de leitura para além da decifração de letras (SANTAELLA, 2004), fazendo surgir novos tipos de leitura e conseqüentemente, novos tipos de leitores.

Salomon (1977) menciona a existência de diferentes tipos de leituras, similares às apontadas por Chartier (1996), mas que em sua concepção seguem uma vertente apontada ao propósito da leitura. Em suma, para o autor, a leitura pode ser, além de oral ou silenciosa, voltada aos estudos ou ao lazer do leitor.

Nesta perspectiva, compreende-se que o propósito da leitura afeta significativamente a prática, fazendo com que o processo de leitura ocorra de diferentes formas, conforme a razão para a leitura (LINDERHOLM; BROEK, 2002). Cita-se, como exemplo específico, a leitura voltada ao estudo, que requer do leitor diferentes estratégias e ferramentas do que a leitura voltada ao lazer.

Linderholm e Broek (2002) apontam como resultado de sua pesquisa o fato de que a leitura voltada aos estudos ocorre em um ritmo mais lento do que quando comparada a leitura de lazer, tendo neste tipo de leitura, a de estudos, estratégias ou ferramentas específicas, como inferências, anotações, seleção específica de partes do texto e entre outras. A partir das diferentes estratégias que emergem com a leitura para o estudo, percebe-se a necessidade de diferentes ferramentas, como a

possibilidade de retornar no texto, realizar anotações e avançar a leitura para um ponto específico do conteúdo.

Darnton (2010) descreve que diferentes estudos sobre a leitura propõem que os textos sempre impactaram da mesma forma a sensibilidade dos leitores. Contudo, um cidadão do século XVII vivia em um universo social diferente de um cidadão do século XX e, para o autor, tais contextos influenciam na percepção de leitura que o indivíduo adquire.

Santaella (2004) menciona que a partir da propagação da publicidade, o escrito aliado a imagem teve forte crescimento no cotidiano social dos leitores, fazendo com que, conforme Santaella (2004, p. 17) cita, não haja mais “uma visão purista da leitura restrita à decifração de letras”. Assim, a inclusão ou surgimento de novas formas de comunicação, para além do escrito, permitiu uma nova concepção da leitura, sendo esta, agora, uma ação de múltiplos sentidos.

Para a sociedade contemporânea, do livro à tela digital dos espaços urbanos, o ato de ler não pertence unicamente à decifração de letras, mas cada vez mais as mensagens híbridas, em que o texto, imagem e som inserem o indivíduo em um ato de leitura constante (SANTAELLA, 2004). Frente a isso, novas habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas passam a ser envolvidas na leitura e são tais habilidades a base para diferenciar os processos de leitura, ou seja, caracterizar os tipos de leitores (SANTAELLA, 2004).

Conforme apresentando nos parágrafos anteriores, as discrepâncias nas práticas de leitura apontadas por Chartier (1996) convergem a uma singularidade com os três tipos de leitores apresentados por Santaella (2004), que são o *Leitor contemplativo*, o *Leitor do mundo em movimento* e o *Leitor Virtual*. Percebe-se nisto o fato de que diferentes práticas de leitura, que também são influenciadas por diferentes suportes, propiciam novas habilidades sensoriais, afetando a forma de ler e resultando em novos tipos de leitores.

Por fim, uma história da leitura remonta ao fato de que as práticas de leitura costumam ser mais lentas que as revoluções técnicas ocorridas nos dispositivos de leitura (CHARTIER, 2010). Assim como, conforme Santaella (2004), embora exista um avanço histórico no aparecimento dos tipos de leitores, a existência de um não

anula a existência do outro, ou seja, trata-se de um processo cumulativo, permitindo uma convivência entre os três tipos de leitores.

### 2.3 LEITURA DIGITAL

O desenvolvimento da informática, com os computadores pessoais, permitiu ao homem um novo suporte à leitura, a tela que até então serviria para televisões e cinemas passou a ser utilizada para a mesma leitura. Conforme Chartier (2002, p. 105) “a antiga oposição entre, de um lado, o livro, a escrita, a leitura, e de outro lado a tela e a imagem é substituída por uma nova situação que propõe um novo suporte para a escrita e uma nova forma para o livro”.

Com o avanço tecnológico vimos surgir redes de compartilhamento de informações estruturadas, que servem como canal para o envio e recebimento de informações geradas em meio digital. Estas redes de comunicação fazem parte do que é conhecido como Ciberespaço.

O ciberespaço para Lévy (2000, p. 92) é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Para Santaella, o ciberespaço receberá a seguinte definição:

Será condicionado como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da Interatividade do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. (SANTAELLA, 2004, p. 45)

É importante neste contexto compreender o que é o ciberespaço, para conjecturar como a informação é compartilhada e acessada na rede. Assim, passamos a ver o computador apenas como um formato de acesso ao escrito, bem como um dia já foi a tabuleta de argila, o papiro, o pergaminho e entre outros. Lévy aborda isso ao tratar sobre a desterritorialização do texto, ao mencionar que:

Teríamos somente uma visão parcial da virtualização contemporânea do texto e da leitura se a focalizássemos unicamente na passagem do papel à tela do computador. O computador como suporte de mensagens potenciais se integrou e quase se dissolveu no ciberespaço... Antes de abordar a desterritorialização do texto, evoquemos a virtualização do computador. (LÉVY, 1996, p. 46)

Dada a virtualização do computador (LÉVY, 2000), que pode ser compreendida a partir da ampliação de dispositivos eletrônicos e o ciberespaço,

emergem novas questões e algumas afirmações proféticas, como o fim do texto. Afirmação esta provavelmente errônea (LÉVY, 1996), já que o texto digital é diferente do texto impresso, mas ainda é texto.

Tanto o livro, quanto a imprensa, são suporte e modo de difusão respectivamente. Não são o texto em si. A desterritorialização do texto no ciberespaço coincide o texto com sua essência, o seu devir (LÉVY, 1996), que pode ser compreendida neste contexto como a função de comunicar e informar.

Santaella (2014) ressalta que antes do ciberespaço, diferentes linguagens estavam incompatíveis as outras, estando cada linguagem vinculada ao seu suporte. O texto pertencia ao papel, a fotografia ou filme à película química, o som ou vídeo à fita magnética e entre outros. Conforme a autora, a linguagem quando digital torna-se independente do suporte, permitindo a hibridização de mídias.

Todavia, se o ciberespaço proporcionou o ambiente para a navegabilidade de informações, faltava ainda um mecanismo que transportasse o usuário entre as informações disponibilizadas nas redes. Este mecanismo surgiu e denominou-se como hipertexto.

Segundo Lévy (2010, p. 28), “a ideia de hipertexto foi enunciada pela primeira vez por Vannevar Bush em 1945, em um célebre artigo intitulado *As we may think*”. Contudo, foi Theodore Nelson o primeiro a utilizar o termo hipertexto com a ideia de escrita e leitura não linear em um sistema de informática (BUGAY e ULBRICHT, 2000).

O hipertexto merece destaque nos estudos sobre a leitura digital, pois transforma a interface da escrita, gerando um conjunto de nós ligados por conexões. Tecnicamente, o hipertexto apresenta recursos próprios do impresso, como o sumário, índices, referências cruzadas e entre outros.

Então, o que o hipertexto apresenta de novo na leitura digital?

Encontramos uma resposta em Lévy, ao tratar o que torna o hipertexto específico à leitura digital:

A velocidade, como sempre. A reação ao clique sobre um botão lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó leva menos de um segundo, A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar em toda sua extensão o princípio da não linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. (LÉVY, 2010, p. 37)

Lévy (1996) aborda novamente a questão da linearidade textual, existente no impresso, ao insistir que a concepção mais simples sobre o hipertexto informatizado é descrevê-lo em oposição ao texto linear. Assim, passamos a entender que a leitura digital possui o hipertexto e neste hipertexto temos a navegação entre o escrito, gerando assim a navegação instantânea entre os livros.

Sobre a não linearidade da leitura digital, Chartier contribui mencionando que:

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 13)

Entretanto, atribuir unicamente ao hipertexto todo o cerne da leitura digital é limitar as possibilidades de comunicação na rede. A utilização de hipertextos mesclados com multimídias permite ao leitor o acesso as hipermídias, que são conjuntos de informação multimídia, como o texto, imagem, áudio ou vídeo, navegáveis entre si e sem uma linearidade pré-fixada (SANTAELLA, 2012).

Bugay e Ulbricht (2000) definem hipermídia a partir das respectivas ligações entre diferentes mídias e um mecanismo para navegar entre tais. Para os autores, a ligação da multimídia com o hipertexto, como vivenciamos na leitura digital, é a base da conceituação de hipermídia, podendo ela ser eficaz ao ensino, a partir da combinação entre diferentes mídias e a interatividade que a navegação entre tais pode proporcionar no desenvolvimento da percepção e do aprendizado.

A hipermídia dispõe ao leitor imersivo a Interatividade com o conteúdo lido, não somente por permitir a navegação sem uma linearidade, mas por disponibilizar em um mesmo conteúdo diferentes mídias e ao mesmo tempo respeitar a autonomia do usuário na escolha destas (BUGAY e ULBRICHT, 2000). Junto a isso, pode-se afirmar que quanto maior a interatividade, maior a imersão do leitor, sendo esta imersão expressada a partir da alta concentração, atenção e interação instantânea com as mídias dispostas (SANTAELLA, 2004).

Ao mesmo tempo em que a hipermídia cria uma ruptura entre o texto e a linearidade na leitura, torna-se necessário abordar a hipermídia como uma

tecnologia voltada à leitura digital. Tal necessidade vem ao encontro do fato de que o texto, o áudio, a imagem estática ou em movimento e todas as diferentes mídias agrupadas em um conteúdo digital partem da programação computacional (NEGROPONTE, 1995) e a hipermídia é uma tecnologia aplicada à leitura digital.

Biancarosa e Griffiths (2012) mencionam que ferramentas também são parte de uma tecnologia voltada à leitura digital e que tal tecnologia serve para solução de questões específicas. Dessa forma, as autoras citam cinco funções aos quais a tecnologia pode fornecer ferramentas de aporte à leitura digital, sendo:

- a) Compensação e instrução em habilidades básicas: por exemplo, ao invés do professor realizar a leitura em voz alta do texto, o computador pode efetuar a leitura, individualizando a ação e dando atenção a palavras específicas, conforme a necessidade de cada aluno;
- b) Apoio a leituras estratégicas
- c) Desenvolvimento do conhecimento e apoio à leitura voltada à aprendizagem;
- d) Individualização de suportes;
- e) Avaliação.

Assim, a leitura na tela não pode ser vista como um ponto final no entendimento sobre a leitura digital, pois ainda temos que evoluir nos dispositivos e plataformas de leitura.

Avançando com o texto, na próxima seção será apresentado o método adotado para esta pesquisa.

### 3 MÉTODO

Este trabalho é uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa. O foco quantitativo constitui-se como um estudo descritivo de caráter inventariante a partir do levantamento bibliográfico (Ferreira, 2002). Para o foco qualitativo optou-se pela análise textual discursiva, para construção e análise das categorias temáticas dos documentos.

A pesquisa bibliográfica é a que se desenvolve na utilização de teorias e conhecimentos disponíveis, com a finalidade de explicar ou responder um problema Köche (2010). Tal método de pesquisa resulta do levantamento de materiais que sirvam como referenciais para o pesquisador, contudo, enquanto método científico, a pesquisa bibliográfica restringe o universo de pesquisa aos limites dos canais de comunicação científica.

Esta investigação tem como objetivo principal analisar como se constituem as práticas de leitura digital evidenciadas nas produções científicas que tratam sobre leitura digital ou livro eletrônico. Constituíram-se, assim, dois objetivos específicos:

- a) Analisar as produções/publicações, identificando os focos/aspectos contemplados nas produções científicas;
- b) Sistematizar e analisar a evolução da leitura e do livro, considerando as práticas de leitura.

Dentro de uma lógica estrutural, que visa delimitar o universo de pesquisa, a constituição do *corpus* encontra-se norteada por quatro parâmetros (LIMA, MIOTO, 2007, p. 41):

- a) Parâmetro temático;
- b) Parâmetro linguístico;
- c) Tipos de fontes;
- d) Parâmetro cronológico.

O parâmetro temático se estabeleceu a partir dos temas que circundam o problema de pesquisa deste projeto. Entretanto, a constituição do referencial teórico encaminhou a pesquisa para novos temas, que paralelo aos temas centrais, contribuiu para a definição de conceitos.

Os temas centrais do problema de pesquisa foram extraídos a um minimizador que compreendem:

- a) Prática de leitura;
- b) Livros eletrônicos (e-books).

Por conseguinte, o parâmetro linguístico desta pesquisa dar-se-á na decisão da língua utilizada na construção dos conceitos a serem utilizados nos parâmetros temáticos. Ainda que os estudos de língua remetam ao paralelo com a linguagem, que se faz presente em qualquer trabalho científico, neste momento específico da pesquisa, o parâmetro linguístico apenas fundamentará a decisão dos idiomas a serem utilizados nos processos de busca, recuperação e análise.

Os idiomas a serem utilizados na construção dos termos foram:

- a) Inglês;
- b) Português.

A escolha pelos dois idiomas supracitados se deu a partir da língua portuguesa enquanto idioma vernáculo da pesquisa e a língua inglesa enquanto idioma tido como a “língua franca” da ciência, conforme descreve Forattini (1996, p. 10).

Enquanto parâmetro para a elaboração do *corpus* deste projeto de pesquisa foi definido como canal de comunicação científica formal o tipo de fonte *Periódicos*. Todavia, para que houvesse um procedimento estruturado na busca e recuperação deste tipo de fonte, foram estabelecidos como fonte de pesquisa os periódicos revisados por pares disponibilizados pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior<sup>1</sup>.

O quarto e último parâmetro indicado por Lima e Miotto é o parâmetro cronológico de publicação. Tal parâmetro visa dar um recorte temporal ao *corpus* que constituirá a análise, garantido assim, junto ao recorte espacial, o caráter científico da pesquisa. O recorte cronológico adotado para a constituição do *corpus* desta pesquisa foi de 2012 (Dois mil e doze) a 2014 (Dois mil e quatorze).

---

<sup>1</sup>Disponível no *site* [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br). Facilidade de acesso à informação científica: o Portal de Periódicos reúne em um único espaço virtual as melhores publicações do mundo. Com uma simples consulta feita pelo computador, usando critérios como autor, assunto ou palavra-chave, é possível acessar, selecionar e recuperar as informações desejadas. (CAPES, 2014)

Embora o recorte temporal seja de três anos, a produção envolvendo os descritores e os idiomas abrangem quantidade significativa de conteúdo para a pesquisa e análise do corpus.

### 3.1 COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados ocorreu seguindo os procedimentos metodológicos descritos na seção anterior. Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa bibliográfica realizada e a constituição do *corpus* da pesquisa.

Antes de apresentar os resultados obtidos na coleta, com a finalidade de colaborar com futuras pesquisas bibliográficas na área da Educação, cabe ressaltar que toda pesquisa em sistemas de busca na web pode ser avaliada a partir de dois indicadores biblioteconômicos: Índice de Precisão e Índice de Revocação. Tais indicadores são norteadores na avaliação dos resultados obtidos num processo de busca.

Segundo Piedade (1983, p. 11) a precisão é “a relação entre os documentos relevantes recuperados e o número total de documentos recuperados”. Já a revocação é a relação entre os documentos relevantes recuperados e o número total de documentos relevantes sabidamente existentes na coleção (PIEADADE, 1983).

Por não sabermos antecipadamente à pesquisa todos os documentos existentes no Portal de Periódicos da Capes, não é possível prever o índice de revocação da busca. Todavia, para o índice de Precisão, é possível gerar um coeficiente percentual de Precisão, através da fórmula apresentada na Equação 1:

$$CP = \frac{R}{L} * 100 \quad (1)$$

Onde:

CP é o coeficiente de precisão percentual

R é o total de documentos relevantes recuperados

L é o total de documentos recuperados

Retornando a coleta dos dados, a pesquisa pelo termo “*Reading practices*”, recuperou o montante de 122 (cento e vinte e dois) artigos, revisados por pares, publicados entre 2012 e 2014. A partir da leitura do título, resumo e palavras-chave, 18 (dezoito) artigos foram selecionados para previamente compor o *corpus* desta pesquisa, o que representa um coeficiente de Precisão de 14,75% no resultado da busca. A não seleção dos demais artigos se deu devido a temática destes estar fora do contexto desta pesquisa, ou seja, apesar de serem recuperados na pesquisa pelo termo “*Reading practices*”, não possuíam como tema a prática de leitura, abordando de forma mínima para que pudesse compor o *corpus* desta pesquisa.

Para a pesquisa pelo termo “*Eletronic book*” foi utilizado o operador booleano *or* para a busca por artigos que também tivessem a abreviatura “*e-book*”. Foram recuperados 770 (setecentos e setenta) artigos, sendo que destes, através do título e palavras-chave, foram selecionados 12 artigos, representando um coeficiente de Precisão de 1,55%. Este baixo índice de precisão na busca justifica-se pelo fato do termo “*e-book*” ser um adjetivo de forma e utilizado em muitos artigos que tratam sobre outras áreas do conhecimento.

A pesquisa pelo termo “práticas de leitura” recuperou 7 (sete) artigos revisados por pares, em português. Destes sete artigos, nenhum foi selecionado para o *corpus*, tendo em vista não estarem na linha temática da pesquisa. Para este caso, o índice de Precisão foi 0%.

O último termo pesquisado foi “Livro eletrônico”, que recuperou 2 (dois) artigos revisados por pares, em português. Para esta busca não foi utilizado a abreviatura “*e-book*”, tendo em vista já ter sido utilizada na busca pelo termo “*Eletronic book*”. Dos dois artigos recuperados, um foi selecionado, indicando um índice de precisão de 50%.

Sendo assim, previamente foram selecionados 31 (trinta e um artigos), onde destaca-se a representatividade de artigos em inglês frente a artigos em português. São 30 (trinta) artigos em inglês e 1 (um) artigo em português, o que denota a baixa produção científica nacional quando nos remetemos a temática da prática de leitura em livros eletrônicos.

Após a leitura integral dos artigos previamente selecionados, foram descartados 6 (seis) artigos por não tratarem da temática da pesquisa. Dessa forma,

estabeleceu-se o *corpus* da pesquisa em 25 (vinte e cinco) artigos científicos, revisados por pares. Destes, 24 (vinte e quatro) são publicações internacionais e 1 (um) é publicação nacional.

A lista dos títulos que compõem o *corpus* da pesquisa é apresentada no Apêndice A.

### 3.2 ANÁLISE TEXTUAL DO CORPUS

A abordagem de análise do *corpus* desta pesquisa foi a Análise Textual Discursiva. Tal abordagem pode ser estruturada em três focos principais, que compõem o ciclo principal de análise (MORAES, 2003), sendo:

- a) Desmontar dos textos (Unitarização);
- b) Estabelecer relações (Categorização);
- c) Capturar o novo emergente (Análise).

Na visão de Moraes e Galiazzi (2011) o primeiro passo para a análise textual discursiva é a leitura e desconstrução dos artigos que compõem o *corpus* da pesquisa. Desta desconstrução surgem as unidades de análise, os quais são definidas pelo pesquisador.

As unidades de análise foram constituídas a partir de leituras e releituras, fragmentando os artigos. Conforme o Quadro 1, a partir de planilhas eletrônicas, os fragmentos foram destacados, codificando-os a partir de um número dado para cada artigo e a respectiva página do fragmento. O Apêndice B apresenta todas as unidades de análise traduzidas para o português, indicando o artigo e página do trecho.

Quadro 1 - Modelo de planilha

<b>Trecho</b>	<b>Artigo</b>	<b>Página do artigo</b>
Fragmento retirado.	1	320
Fragmento retirado.	1	344
Fragmento retirado.	2	15
Fragmento retirado.	2	23

Fonte: o autor (2015)

No processo da análise textual a leitura apoiou-se nos pressupostos advindos do referencial teórico que orientaram a construção dos significados, como citam Moares e Galiazzi:

Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não. Ainda que se possa admitir o esforço em pôr entre parênteses essas teorias, qualquer leitura implica ou exige algum tipo de teoria para poder concretizar-se. É impossível ver sem teoria; é impossível ler e interpretar sem ela. Diferentes teorias possibilitam os diferentes sentidos de um texto. Como as próprias teorias podem sempre modificar-se, um mesmo texto sempre pode dar origem a novos sentidos (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 15).

A partir da leitura aprofundada dos materiais que compõem o *corpus* da pesquisa, a fragmentação gera uma desordem, compreendido como o “limite do caos” (MORAES, GALIAZZI, 2011). Este caos gerado pelas unidades de análise, agora não mais interligadas aos materiais originais, permitiu ao pesquisador avançar ao segundo ciclo da análise textual discursiva: a categorização.

A construção das categorias foi dada pelo método indutivo, a partir das unidades, organizando-as posteriormente em subcategorias das categoriais gerais. Com este processo, evidenciaram-se as categorias e subcategorias emergentes, apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2 - Categorias, subcategorias e indicadores

(continua)

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Interatividade	Hiper mídias	Áudio
		Vídeo
		Hiperlink
	Conectividade	Plataforma
		Dispositivo
		Formato
	Ferramentas	<i>Touch screen</i>
		Pesquisa
		Dicionário
		Realce

(conclusão)

		Favoritos
		Impressão
		Anotação
		Usabilidade
<i>Propósito de leitura</i>	Leitura para estudo	Leitura concentrada
		Leitura não sequencial
		Leitura em profundidade
		Leitura interativa
		Leitura passiva
	Leitura de lazer	Leitura superficial
		Leitura sequencial
		Leitura extensiva
		Leitura interativa
		Leitura passiva
Sustentabilidade	Econômica	Custo
		Modelo de negócio
		Durabilidade
	Ambiental	Impacto ambiental

Fonte: o autor (2015)

Os indicadores relacionados as categorias e subcategorias do quadro acima tratam-se de palavras ou termos existentes nos materiais que compõem o *corpus* da pesquisa. A descrição e interpretação das unidades de análise se basearam no referencial teórico que desta pesquisa e voltou seu olhar as questões que circundam o problema de pesquisa.

A composição de um novo texto, fruto da descrição e interpretação, na análise textual discursiva é compreendida como um metatexto (Moraes, Galiazzi, 2011). Para Moraes (2003, p. 191), “O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores”.

Encerrando o ciclo principal de análise, composto pela unitarização, categorização e análise, ainda contemplou esta etapa um processo auto-organizado (Moraes, 2003), constituído pelo esforço do pesquisador em expressar, relacionar e teorizar os entendimentos obtidos a partir da sua imersão no *corpus* da pesquisa. Esta etapa consistiu de um movimento inconstante do pesquisador, em que não há uma linha única a ser seguida, compreensões emergem a partir de interlocuções teóricas e empíricas.

No capítulo seguinte são apresentados os resultados da análise.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise desta pesquisa se constituiu em uma parte pela abordagem quantitativa e em outra parte pela abordagem qualitativa dos dados.

Para a análise quantitativa, optou-se pela estatística descritiva, ao qual consiste em sumarizar os dados coletados, permitindo visualizar os primeiros mapeamentos acerca das possibilidades de práticas de leitura no livro eletrônico, como citado nos objetivos específicos desta pesquisa. A partir dos indicadores apresentados nesta análise, foi possível identificar algumas relações entre as práticas de leitura com as categorias e subcategorias emergentes.

No que se refere à análise qualitativa dos dados que utilizou a análise textual discursiva, os trechos unitarizados foram traduzidos para o idioma português, e a partir destes operou-se a análise e discussão, gerando assim um metatexto apresentado na sequência desse capítulo.

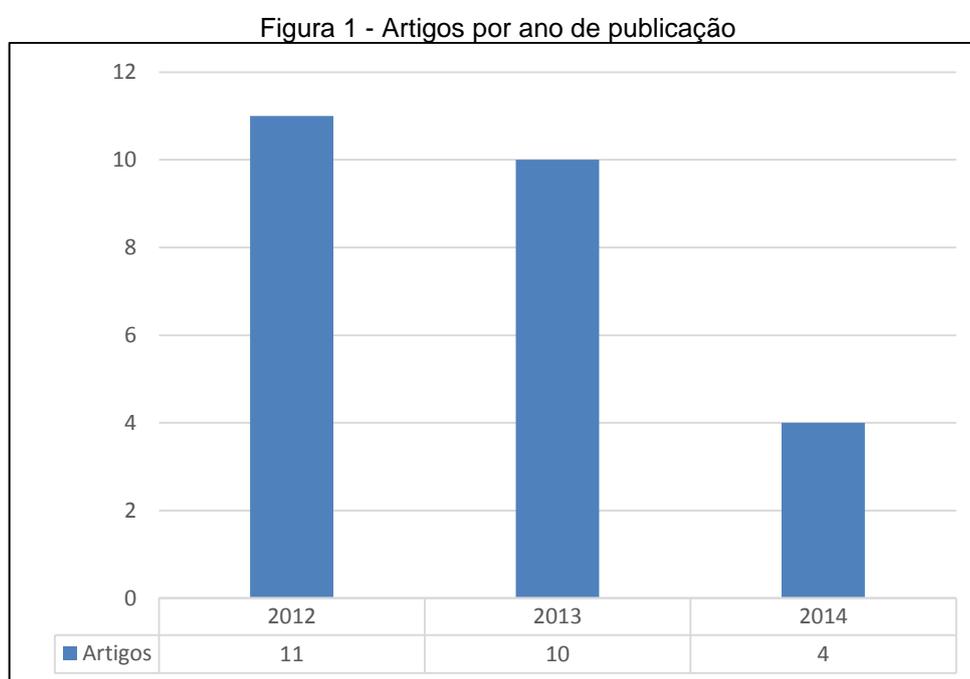
### 4.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

Para a análise quantitativa dos dados, cada categoria, subcategoria e suas respectivas relações, são analisadas com o objetivo de elencar indicadores que nos permitam interpretá-las a partir das questões norteadoras desta pesquisa. Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p. 7) mencionam que a análise quantitativa “caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas”.

Dessa forma, a análise quantitativa dos dados coletados tem como objetivo debater consonâncias relevantes, que de alguma forma possam contribuir para a elucidação das diferentes práticas de leitura no livro eletrônico. Para que esta forma de análise transcorra uniformemente para o leitor, sua organização dar-se-á inicialmente a partir dos dados referentes aos periódicos e artigos coletados e posteriormente, separados em subseções, considerando as categorias e subcategorias emergentes das unidades de análise geradas na análise textual do *corpus*.

Dos 25 (vinte e cinco) artigos que compõem o *corpus* desta pesquisa alguns dados apontam para primeiras considerações acerca da produção científica sobre leitura digital em livros eletrônicos. Elementos como data de publicação, método de pesquisa aplicado, nacionalidade e quantidade de unidades de análise por categoria emergente são elementos analisados.

A partir do gráfico apresentado na Figura 1 é possível analisar a frequência de publicações por ano dos artigos pertencente ao *corpus* desta pesquisa.



Fonte: o autor (2015)

Os artigos publicados entre 2012 e 2013 quando somados, representam mais de 80% do total do *corpus* da pesquisa, o que denota que este período recebeu maior atenção da comunidade científica, no que rege o estudo sobre o livro eletrônico. Alguns fatores podem influenciar o interesse por pesquisa em uma determinada área, como lançamentos tecnológicos, mídia, movimentos sociais e também as chamadas para publicação<sup>2</sup>.

No que se refere as chamadas para publicação, o total de títulos de periódicos dos artigos analisados apresenta grande abrangência, não centralizando

<sup>2</sup> Chamadas para publicação, do termo inglês *call papers*, são chamadas que os Periódicos científicos realizam, convidando os pesquisadores a publicarem pesquisas. Muitos destes periódicos indicam a temática da futura edição, solicitando resultados de pesquisas em determinadas áreas.

as publicações em poucos títulos. Entretanto, é possível analisar que determinados periódicos possuem mais de um artigo publicado no mesmo ano sobre a temática do livro eletrônico, o que permite propor que pesquisas referentes ao livro eletrônico foram publicadas devido a temática indicada pelos periódicos, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Artigos publicados por periódico em cada ano

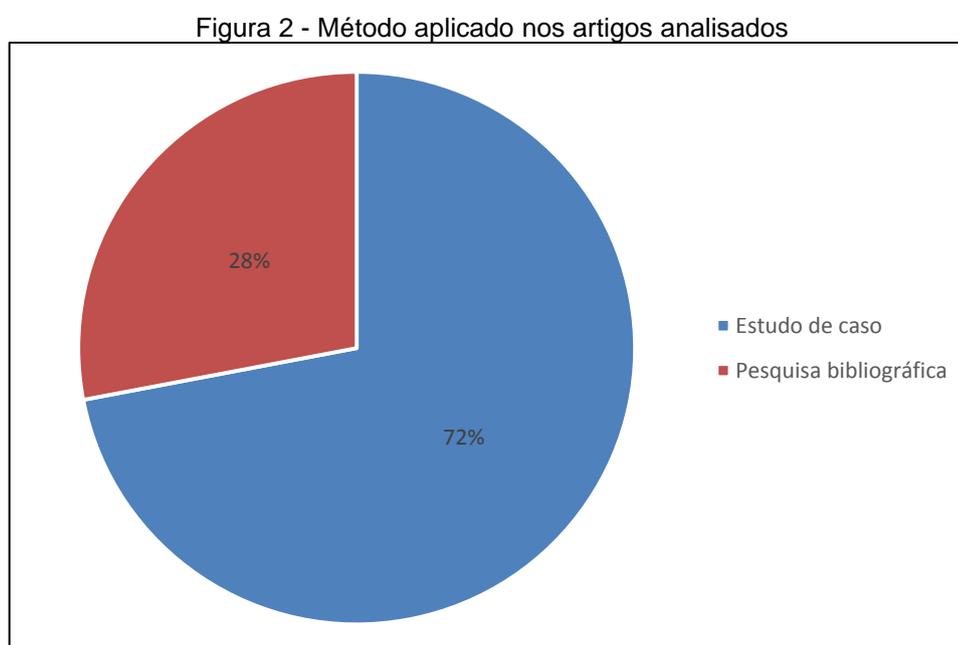
Periódicos	Artigos por ano		
	2012	2013	2014
College & Research Libraries			1
Computers & Education	1	2	1
Computers in Human Behavior		1	
Comunicação, mídia e consumo	1		
Early Childhood Education		1	
Educational technology & society		1	
French Cultural Studies			1
Int. J. Human-Computer Studies	1		
Journal of Language Teaching and Research		1	
Journal of Literacy Research	1		
Language Learning & Technology		1	
New media & society	1		
Procedia - Social and Behavioral Sciences	2		
Read Writ			1
Reference & user services quarterly	2		
Telematics and Informatics		1	
The Electronic Library		1	
The Journal of Academic Librarianship	1	1	
Webology	1		

Fonte: o autor (2015)

Um aspecto que se destaca na análise dos artigos é a predominância do Estudo de Caso como procedimento metodológico das pesquisas que deram origem

aos artigos analisados. Dos 25 (vinte e cinco) artigos analisados, 17 (dezessete) utilizam o estudo de caso, enquanto que o restante, 8 (oito) artigos, realizam o procedimento de pesquisa bibliográfica. Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a falta de referencial teórico sobre a temática do livro eletrônico frente a prática de leitura é perceptível no mercado editorial de livros e paralelamente nas publicações científicas, que adotam preferencialmente o estudo de caso, com vista a uma compreensão sociológica dos fenômenos envolvidos.

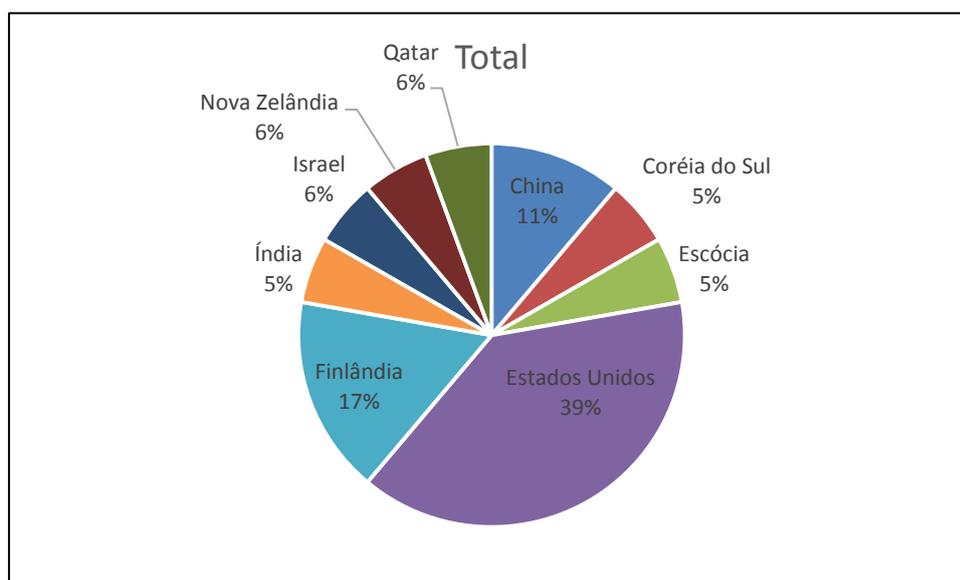
A Figura 2 apresenta percentualmente a discrepância que há na aplicação destes dois procedimentos metodológicos nas pesquisas sobre Livro Eletrônico:



Fonte: o autor (2015)

Dado a expressiva porcentagem de artigos que utilizaram estudo de caso, cabe analisar o contexto demográfico em que tais pesquisas foram aplicadas. Sendo assim, identificou-se que os Estados Unidos foram o país com o maior número de pesquisas envolvendo o estudo de caso, com 7 (sete) artigos, seguido pelos países Finlândia e China, com 3 (três) e 2 (dois) artigos respectivamente. A Figura 3 apresenta a distribuição percentual de artigos por país:

Figura 3 - Artigos por país com o método Estudo de Caso



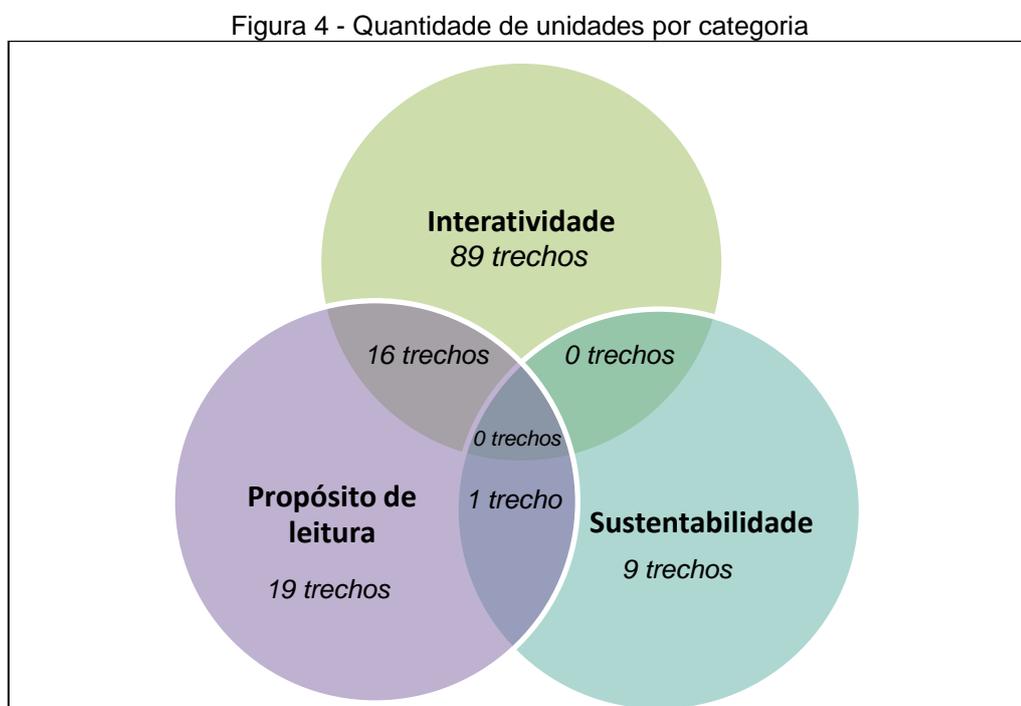
Fonte: o autor (2015)

Para o método de pesquisa bibliográfica, dos 7 (sete) artigos que apresentam tal método, 3 (três) destes tiveram a pesquisa realizada nos Estados Unidos e os demais estão divididos entre Brasil, França, Malásia e Romênia, com uma pesquisa em cada país. Estes artigos, quando agregados ao *corpus* desta pesquisa, assumem papel relevante ao constituírem uma ponte entre a análise dos resultados desta pesquisa e os autores utilizados como referencial nos artigos.

A partir da leitura integral dos 25 (vinte e cinco) artigos, emergiram 134 (cento e trinta e quatro) unidades de análise relevantes para os objetivos da pesquisa, representando uma média de aproximadamente 6 unidades de análise por artigo. Contudo, conforme temática de cada artigo, alguns obtiveram maior ou menor quantidade de trechos a média apresentada, bem como, nem todas unidades de análise serviram para a análise dos resultados.

Durante o processo de categorização, na perspectiva da análise textual discursiva (Moraes e Galiazzi, 2011) percebeu-se que algumas unidades de análise deveriam ser categorizadas em mais de uma categoria, o que ocasionou intersecções entre tais. O cruzamento entre as categorias geradas na análise

qualitativa e a estatística descritiva permitiram ampliar a análise. A Figura 4 apresenta o total de trechos por categoria:



Fonte: o autor (2015)

Observa-se que a categoria da *Interatividade*, que apresenta o maior número de ocorrência, aborda um aspecto de destaque na prática de uso do livro eletrônico. A *Interatividade* com o livro eletrônico é tema abordado com frequência superior a 50% das demais categorias, permitindo constatar a relevância deste processo na prática de leitura no livro eletrônico.

Do ponto de vista de Santaella (2014), a interatividade está na estrutura do texto eletrônico, pois o hipertexto, compreendido pelas diferentes formas de comunicação, textual e audiovisual, implica a autonomia do usuário-leitor, dando a este agente o domínio sobre a então linearidade do texto. Todavia, conforme os indicadores elencados na categoria *Interatividade*, o hipertexto pertence a uma parte do processo que envolve a interatividade, aqui denominada *Hipermídias*. A *Interatividade* ainda que também esteja na estrutura do texto eletrônico, dado a sua relação com as demais subcategorias, denota ser ampla, havendo espaço para *Ferramentas e Conectividade*.

O *Propósito de leitura*, com 24% de frequência na categorização dos trechos, é a segunda categoria com maior quantidade de ocorrências. Tal dado remete a constatação de que se a Interatividade com o livro eletrônico é o tema central de discussão nos artigos analisados, o *Propósito de leitura* do mesmo livro possui função importante no estabelecimento de eventuais práticas de leitura, incluindo as interações.

Este dado corrobora com o apresentado por Darnton (2010), ao mencionar a revolução ocorrida no século XVIII, em que o tipo de leitura, até então unicamente minuciosa, lenta e baseada em poucos textos, deu lugar a uma leitura de entretenimento, rápida e de muitos textos, ou seja, houve uma alteração significativa no propósito de leitura. E o que levou a esta alteração? Darnton (2010), menciona que a literatura popular, aliada as facilidades na aquisição e acesso ao livro no século XVIII foram um dos elementos que contribuíram com o surgimento de uma leitura extensiva, sem tanto apego ao escrito, tratando o livro como uma mercadoria.

A terceira categoria de análise é a *Sustentabilidade*, que surge com pouco mais de 5% de frequência nos trechos categorizados. Apesar da baixa representatividade desta categoria, quando comparada as demais, emerge aqui uma projeção de estudo frente às práticas de leitura no livro eletrônico, tendo em vista a Sustentabilidade Econômica e Ambiental serem fatores contemporâneos e também estarem se inserindo nas escolhas de formas de publicação.

#### **4.1.1 Interatividade no Livro Eletrônico**

Dos 25 (vinte e cinco) artigos analisados nesta pesquisa, 24 (vinte e quatro) artigos apresentaram trechos referentes às subcategorias da categoria *Interatividade*, o que denota a amplitude deste tópico na discussão sobre as práticas de leitura no livro eletrônico.

Engloba-se nesta categoria o total de 105 (cento e cinco) trechos, sendo que destes, 89 (oitenta e nove) trechos foram categorizados unicamente por *Interatividade* e 16 (dezesesseis) trechos dividiram a categorização com a categoria *Propósito de leitura*, conforme a Tabela 2. Tal relação permite considerar que é

possível denotar a relação entre o *Propósito de leitura* e as necessidades de Interatividade entre o usuário e o livro eletrônico.

Tabela 2 - Trechos por subcategoria da categoria Interatividade

Subcategorias	Subcategorias relacionadas ( <i>Categoria</i> )	Trechos
Conectividade	-	17
	Ferramentas ( <i>Interatividade</i> )	2
	Hiperlinks ( <i>Interatividade</i> )	1
	Leitura de Lazer ( <i>Propósito de leitura</i> )	3
	Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> )	2
Ferramentas	-	46
	Hiperlinks ( <i>Interatividade</i> )	1
	Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> )	9
	Leitura de Lazer / Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> )	1
Hiperlinks	-	22
	Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> )	1

Fonte: o autor (2015)

A intersecção entre as subcategorias da *Interatividade* é outro dado relevante, pois retrata em determinados pontos a relação entre a Conectividade, Ferramentas e as Hiperlinks nas práticas de leitura do livro eletrônico. Junto a isso, estão as interseções com as subcategorias do *Propósito de leitura*, que interseccionam com as três subcategorias da *Interatividade*, apontando especificamente para onde ocorrem as relações entre a *Interatividade* e o *Propósito de leitura* no livro eletrônico.

#### 4.1.2 Propósito de leitura no Livro Eletrônico

A categoria *Propósito de leitura* emerge na dedução do motivo pelo o qual os livros eletrônicos são utilizados. A partir da leitura para estudo ou de lazer, é possível estabelecer indicadores para a prática de leitura e compreender as relações do *Propósito de leitura* com outras categorias.

Conforme a Tabela 3, apresentada no início desta seção, o *Propósito de leitura* é a única categoria a ter subcategorias relacionadas tanto com as subcategorias da Interatividade quanto as da Sustentabilidade. Tal informação, especificada na Tabela 3, permite compreender como diferentes Propósitos de leitura podem estar relacionados com diferentes percepções ou resultados nas práticas de leitura no livro eletrônico.

Tabela 3 - Trechos por subcategoria da categoria Propósito de leitura

Subcategorias	Subcategorias relacionadas ( <i>Categoria</i> )	Trechos
Leitura de lazer	-	3
	Conectividade ( <i>Interatividade</i> )	3
	Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> ) / Ferramentas ( <i>Interatividade</i> )	1
	Leitura para estudo ( <i>Propósito de leitura</i> )	3
Leitura para estudo	-	13
	Conectividade ( <i>Interatividade</i> )	2
	Econômica ( <i>Sustentabilidade</i> )	1
	Ferramentas ( <i>Interatividade</i> )	9
	Hiperlinks ( <i>Interatividade</i> )	1

Fonte: o autor (2015)

A subcategoria *Leitura para estudo* destaca-se como o principal *Propósito de leitura* nos trechos categorizados, com 30 (trinta) trechos subcategorizados. Isto pode ter ocorrido devido a predominância de pesquisas que utilizaram o estudo de caso como procedimento metodológico, sendo que quase todas envolveram alunos do ensino fundamental, médio ou superior.

Todavia, dos trechos subcategorizados como *Leitura para estudo*, mais da metade foram subcategorizados junto a outra subcategoria, o que novamente denota o *Propósito de leitura* relacionado as demais categorias. A predominância de relação da *Leitura para estudo* ocorre com a subcategoria *Ferramentas*, dando um enfoque mais detalhado da relação entre o *Propósito de leitura* e a Interatividade na prática

de leitura do livro eletrônico, onde a *Leitura para estudo* utilizasse mais das Ferramentas que o e-book disponibiliza do que a *Leitura de Lazer*.

### 4.1.3 Sustentabilidade com o Livro Eletrônico

Das três categorias emergentes nesta pesquisa, a *Sustentabilidade* emergiu como uma categoria de menor expressão quando comparada quantitativamente as outras duas que lhe acompanham.

Conforme apresentado nos dados iniciais deste capítulo, são 9 (nove) os números de trechos categorizados como *Sustentabilidade*, o que representa pouco mais de 5% do total de trechos categorizados. Junto a isso, os 9 (nove) trechos estão distribuídos em 4 (quatro) artigos diferentes, que representam 16% do total de artigos analisados.

No que tange as subcategorias da *Sustentabilidade*, e que emergiram dedutivamente, formando assim a categoria agora analisada descritivamente, as subcategorias *Sustentabilidade Ambiental* e *Sustentabilidade Econômica* não possuem relações significativas com outras subcategorias, conforme é demonstrado na Tabela 4

Tabela 4 - Trechos por subcategoria da categoria *Sustentabilidade*

Subcategorias	Subcategorias relacionadas ( <i>Categoria</i> )	Trechos
Sustentabilidade econômica	-	6
	Leitura para estudo (Propósito de leitura)	1
Sustentabilidade ambiental	-	3

Fonte: o autor (2015)

É possível detectar, a partir dos dados apresentados na Tabela 4, que por mais que os valores numéricos sejam baixos, há uma tendência nas ações que envolvem a prática de leitura no livro eletrônico, em que a *Sustentabilidade econômica* vem a se tornar uma divisora nas ações de preferência daqueles que optam entre o livro impresso ou eletrônico. Frente a isso, o livro eletrônico reinventa-se, não sendo somente uma mídia alternativa com o exato conteúdo do impresso, já

que economicamente isto não é viável, por mais que ambientalmente seja, mas com a perspectiva de tornar o livro eletrônico em um produto interativo ao leitor. O que significa, em termos econômicos, a geração de valor agregado ao consumidor, substituindo o consumo e o apego pelo impresso por uma possibilidade de serviços interativos (LÉVY, 1996)

Por fim, muitos dos aspectos que foram apresentados descritivamente e problematizados, seguem para um olhar qualitativo, que permitirá aprofundar questões abordadas, fornecendo uma continuidade da análise a partir de outra perspectiva.

## 4.2 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

A pesquisa qualitativa não visa comprovar hipóteses ou refutá-las, o seu objetivo está na análise, compreensão e reconstrução do conhecimento existente a partir de temas investigados (MOARES; GALIAZZI, 2011). Conforme Paviani (2013, p. 75) “a análise ocupa-se da elucidação de discursos, de preposições, de conceitos e de argumentos”. Conforme anunciado no capítulo do método as categorias emergiram da análise das unidades.

### 4.2.1 Interatividade no livro eletrônico

A primeira categoria a ser analisada refere-se à *Interatividade* do leitor com livro eletrônico e analisará as unidades de análise que tratam direta ou indiretamente sobre *Hipermídias*, *Conectividade* e *Ferramentas* no livro eletrônico e, conseqüentemente, na leitura digital.

Para Mantovani e Moura (2012) a interatividade pode ser compreendida na relação existente entre as mídias digitais e o objetivo de ampliar a participação do leitor no processo de leitura. Assim, a percepção sobre interatividade em dispositivos eletrônicos de leitura pode estar relacionada a atitude de uso do mesmo, ou seja, a capacidade de o leitor interferir ou ter autonomia sobre o texto, quebrando barreiras como a linearidade imposta pelo texto impresso ou a escolha do tipo de mídia (MANTOVANI e MOURA, 2012).

A escolha pelo termo *Interatividade* ao invés de *Interação* teve como referencial teórico Padovani e Moura (2008) ao descreverem que a *Interação* está relacionada a comunicação entre o leitor e o sistema ou dispositivo, enquanto que a *Interatividade* está relacionada a capacidade deste mesmo sistema ou dispositivo em permitir que o leitor seja proativo em suas decisões durante a leitura. Pelo exposto, pode-se afirmar que todo livro eletrônico permite a interação entre o leitor e o sistema, já que o acesso ao conteúdo já é uma forma de interação e o que será analisado a seguir é como a *Interatividade* do livro eletrônico influenciam nas práticas de leitura.

Nessa categoria emergem como subcategorias a *Hipermídia*, a *Conectividade* e as *Ferramentas*, sendo estas conceituadas em relação as experiências de leitura no livro eletrônico. Junto a tais subcategorias, uma série de indicadores são apresentados e servem como direcionamento específico aos temas que tratam tais subcategorias, conforme é apresentado no Quadro 3:

Quadro 3 - Subcategorias e indicadores da Categoria Interatividade

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Interatividade	Hipermídias	Áudio
		Vídeo
		Hiperlink
	Conectividade	Plataforma
		Dispositivo
		Formato
	Ferramentas	<i>Touch screen</i>
		Pesquisa
		Dicionário
		Realce
		Favoritos
		Impressão
		Anotação
Usabilidade		

Fonte: o autor (2016)

#### 4.2.1.1 Hiperfídias

Conforme apresentado no referencial teórico desta pesquisa, Santaella (2004) estabelece a existência de quatro traços fundamentais da hiperfídia, sendo estas estabelecidas a partir da configuração da hiperfídia como linguagem e não apenas como conteúdo dos suportes. Estes quatro traços fundamentais tornam-se, nesta etapa da pesquisa, a estrutura base para a relação entre as possíveis práticas de leitura e a hiperfídia no livro eletrônico.

A hibridização de mídias é o primeiro traço estabelecido, remetendo ao fato de que a hiperfídia proporciona a partir da integração de textos, imagens, áudios, vídeos e ilustrações, uma “*mistura de sentidos receptores*” (SANTAELLA, 2009, p. 47). Tal conceituação vem ao encontro do que é exposto em algumas unidades de análise desta pesquisa, que mencionam a aplicação de mídias variadas como um caminho complementar às diferentes leituras, afetando diretamente a prática de leitura no livro eletrônico. Neste aspecto, podemos apontar as seguintes unidades de análise:

Artigo 22, p. 1048 - Um campo em que e-books podem gerar benefícios significativos é a educação. Livros escolares, especialmente aqueles destinados a assuntos técnicos, como a química, matemática ou física podem agora usar o novo formato de arquivo EPUB 3 para incluir além do texto e ilustrações, gráficos animados e figuras, sobreposições de mídia, vídeos com mensagens de profissionais ou técnicos, sons e imagens das reações químicas, assim como muitas outras formas de comunicação.

Artigo 21, p. 47 - Por exemplo, imagens e animações ajudaram as crianças a reconhecer as novas palavras do vocabulário.

Artigo 8, p. 258 - A sexta resposta mais frequente foi a de que áudio de fundo e efeitos de som em um e-book foram muito interessantes e úteis para desencadear uma leitura agradável.

A leitura das unidades supracitadas remonta ao fato de que livros eletrônicos que apresentam hiperfídias em seu conteúdo podem proporcionar experiências positivas, tanto para os leitores quanto para os que lidam com a área de ensino. Além de proporcionar uma prática de leitura interativa ao usuário, as hiperfídias contribuem para uma leitura voltada ao estudo, ao mesclarem diferentes mídias em uma mesma obra, atraindo o leitor, o imergindo no texto e, ainda assim, respeitando a sua autonomia sobre o caminho a ser percorrido nesta leitura.

O segundo traço fundamental das hipermídias apontado por Santaella (2004), refere-se à capacidade de armazenamento de informação que as hipermídias proporcionam através de *hyperlinks*. Esta característica das hipermídias proporciona a denominada desterritorialização do texto (Lévy, 1996), substituindo o fluxo linear do texto impresso por “nós e nexos associativos” (SANTAELLA, 2004, p. 49), constituindo assim o terceiro traço fundamental das hipermídias, a não linearidade.

Algumas unidades de análise discorrem sobre o impacto das hipermídias na leitura do livro eletrônico, com foco no hiperlink, e como tais mecanismos de Interatividade afetam a leitura. Abaixo seguem três unidades que exemplificam tal afirmação:

Artigo 12, p. 2 - As tecnologias de hipertexto e hipermídia permitem aos leitores irem de uma página para outra selecionando links em várias direções, popularmente conhecido como surfar.

Artigo 4, p. 616 - Crianças expostas a animações demonstram maior progresso nas habilidades de linguagem e compreensão narrativa do que aquelas expostas a imagens estáticas nos e-books.

Artigo 3, p. 108 - O texto tradicional não é o único construtor de significado; vídeos, músicas, mídia social, e hipertextos multidimensionais também levam o leitor ao longo dos caminhos de criação de significado durante o qual o leitor é um agente ativo. Esses processos, em que os textos são misturados e reconstruídos, diluem os limites da propriedade textual e autoria.

Todavia, se o hiperlink no livro eletrônico proporciona uma prática de leitura extensiva, o mesmo pode prejudicar esta experiência a partir do acúmulo de informações que o leitor recebe e a dificuldade de orientação deste leitor imersivo em diferentes mídias. Sem um mapeamento da navegabilidade, a leitura em hipermídias pode causar desorientação ao leitor (SANTAELLA, 2004), afetando sua experiência de uso e gerando distração. Algumas unidades de análise demonstram tal característica:

Artigo 17, p. 717 - Acesso a links foi valioso para os alunos quando eles estavam usando formatos eletrônicos; apesar do menor número de leituras eletrônicas registrados no estudo, a maioria dos casos em que os participantes acessavam um link ou uma citação, eles estavam em um formato eletrônico. Esta é uma vantagem de trabalhar por via eletrônica, mas também se verificou participantes se distraindo em alguns momentos.

Artigo 16, p. 593 - Por outro lado, a utilização de hiperlinks para a suplementação de material pode confundir e distrair.

Nunes e Gonçalves (2011) apontam para o fato de que o leitor deve saber como se deslocar entre as diferentes conexões que os hiperlinks oferecem, afim de que não fique desorientado durante a leitura em hipermídias. Para que isso ocorra, a plataforma ao qual o e-book está armazenado, bem como, a usabilidade do mesmo, são fatores importantes e afetam a prática de leitura.

Questões referentes à plataforma e usabilidade do e-books, pertencentes as subcategorias *Conectividade* e *Ferramentas*, também emergem nas unidades de análise relacionadas as *Hipermídias*, apontando a relação que engloba a categoria *Interatividade* na prática de leitura do livro eletrônico:

Artigo 8, p. 259 - No geral, os resultados da pesquisa e comentários escritos pelos alunos indicam que as principais características de um e-book, ou seja, a flexibilidade no acesso e uso de multimídia, motivou os alunos a gostar de ler e estudar Inglês, e, portanto, promoveu o interesse e o desejo em avançar os estudos e a leitura.

Artigo 6, p. 260 - E-books usam um sistema de formato flexível que inclui mídia dinâmica e permite ao usuário modificar tanto o layout quanto os recursos interativos do e-book para se adequar ao visor.

A interatividade, quarto traço fundamental das hipermídias estabelecido por Santaella (2004), remete as novas experiências no uso de ferramentas tradicionais, como dicionários e outras fontes de referência. Se com o hiperlink temos o armazenamento de informação em “nós e nexos”, ao vincularmos esta capacidade tecnológica com produtos paralelos, já existentes na leitura impressa, gera-se uma interatividade auxiliar, em que o usuário não interage unicamente com o texto, mas utiliza-se desta Interatividade para otimizar a sua leitura.

Três unidades de análise apontam para a utilização de hipermídias como suporte a conteúdo complementar, auxiliando o leitor na compreensão do significado de palavras até então desconhecidas ou na pronúncia correta de palavras:

Artigo 16, p. 593 - Com documentos eletrônicos, a compreensão pode ser melhorada por meio de hiperlinks em palavras e frases que remetam para um glossário. Os leitores que não tem certeza do significado de um termo podem clicar nele e imediatamente ver sua definição.

Artigo 13, p. 479 - Opções como essa não só incentivam os alunos a aprender visualmente, mas também sinestesicamente, porque eles têm que usar seus dedos para ativar as diferentes características dos programas. Quando aprendem com e-books, as crianças também têm acesso a áudio, permitindo-lhes não só para ouvir música, mas também a narração, e a pronúncia correta de palavras desconhecidas.

Artigo 3, p. 108 - O processo de leitura cada vez mais incorpora uma variedade de materiais e recursos sociais, como vídeos, imagens e outras pessoas (construção colaborativa e redes sociais ligados a leitura). Do ponto de vista pedagógico, isto significa que o foco é sobre as atividades estimuladas por textos em vez de medir ou avaliar a capacidade de um leitor em compreender um texto individual.

Para Negroponte (1995) toda hipermídia proporciona Interatividade, pois se a experiência de uso de uma multimídia fosse passiva, sem a participação do leitor na ação, qualquer mídia mesclada, vídeo com legendas por exemplo, poderia ser definida como hipermídia, o que não é correto na percepção do autor. Idealizar a hipermídia no livro eletrônico é ter a noção de que o conteúdo flui entre as diferentes mídias, aguçando sentidos distintos no leitor e permitindo que este as utilize dentro de um livre arbítrio, onde a autonomia da fluência do conteúdo está nas mãos do leitor imersivo e não mais dependente das escolhas do autor (NEGROPONTE, 1995; CHARTIER, 1999; SANTAELLA, 2004).

#### 4.2.1.2 Conectividade

A conectividade, enquanto subcategoria da *Interatividade no livro eletrônico*, emerge do princípio de que o livro eletrônico permite ao leitor visualizar vídeos incorporados junto ao texto, acessar hiperlinks textuais, consultar referências na web, a partir do acesso à internet, realizar download de outros livros e entre outros. Todavia, tais operações interativas perpassam entre as hipermídias e as ferramentas para a leitura no livro eletrônico e encontram na Conectividade os requisitos essenciais para tais realizações.

Conforme Silva Filho (2010), a conectividade propiciada pelas tecnologias digitais, aliadas à internet, passou a facilitar a interação social entre os indivíduos, através do compartilhamento de conteúdo, redes de colaboração na realização de atividades e criação de novas comunidades. Concomitantemente, Mantovani e Moura discorrem sobre o desenvolvimento das tecnologias digitais e as novas possibilidades de conexão ao mencionarem que:

Na era da mobilidade e da conectividade, o desenvolvimento das tecnologias digitais, que combinou um melhoramento da interface, em termos de usabilidade e funcionalidades, com a ampliação das possibilidades de conexão com ambientes informacionais, fez com que os fluxos de interação se tornassem menos desiguais ao transitar entre os sujeitos, tornando esvaecida a própria linha divisória existente entre as

categorias de emissor/autor/produtor e receptor/leitor/consumidor. (MANTOVANI e MOURA, 2012, p. 62)

Indiferente a tecnologia digital que se trate, a busca por mecanismos que propiciem a interação estruturada na conectividade com outros indivíduos é fator preponderante nas escolhas dos leitores. Dentro da conjuntura apresentada, a conectividade torna-se um fator de escolha do leitor quando deparado com diferentes tecnologias digitais. Neste contexto, o livro eletrônico é impactado e tais apontamentos surgem em algumas unidades de análise desta pesquisa:

Artigo 21, p. 46 - E-books atraíram o interesse e a atenção das crianças por causa da estrutura, interatividade e funcionalidade.

Artigo 8, p. 258 - A segunda resposta mais frequente foi a de que a utilização de um e-book foi mais conveniente do que um livro impresso. Isto está de acordo com as respostas positivas para a instrução da pesquisa de satisfação de que o uso de um e-book é útil para a aprendizagem de Inglês porque não tem limitação de tempo e espaço.

Artigo 5, p. 1806 - A capacidade de apresentar informações e atividades em vários formatos também significa que os e-Books podem aceitar uma variedade de entradas de alunos, variando de cliques de mouse para texto escrito e palavras faladas. Ele pode ser programado para verificar o trabalho de um estudante.

Artigo 5, p. 1806 - O e-book pode, por exemplo, gravar as respostas de todos os estudantes de uma classe e, em seguida, comunicar imediatamente ao professor os erros cometidos por cada aluno, bem como os erros comuns feitos por toda a classe.

Dentro de um escopo que aponta para o livro eletrônico a desterritorialização do texto (LÉVY, 1999) e que tem na conectividade a possibilidade de tornar o conteúdo do livro onipresente, torna-se importante salientar que tal capacidade não se apoia unicamente na questão da conectividade, mas também em questões como o *hardware* e a interface (MANTOVANI e MOURA, 2012). A partir disso, a estrutura de análise da *Conectividade* no livro eletrônico pode ser dividida em três partes: o dispositivo de leitura ou o suporte do livro; a plataforma ou aplicativo que auxilia na leitura; o formato digital do livro (PROCÓPIO, 2010).

Tratando-se especificamente dos dispositivos de leitura, estes são responsáveis pelo acesso ao conteúdo do livro eletrônico, não sendo obrigatoriamente um dispositivo específico, denominados e-readers, mas podendo ser computadores de mesa, *notebooks*, *smartphones* e entre outros (PROCÓPIO,

2010). Nas últimas décadas muitos aplicativos para leitura de livros eletrônicos foram lançados por editoras e fornecedores, permitindo ao leitor o acesso ao conteúdo em diferentes dispositivos (YEH *et al.*, 2015).

Artigo 8, p. 255 - Em segundo lugar, como mencionado anteriormente, um e-book é simplesmente baseado na Internet, o que é muito sugestivo para o uso de vários dispositivos eletrônicos.

Artigo 8, p. 255 - E em terceiro lugar, devido ao desenvolvimento da tecnologia da informação, um benefício notável que um e-book detém é sua portabilidade que torna possível para os leitores desfrutar do prazer de ler em qualquer lugar ou em qualquer momento.

Artigo 11, p. 355 - O e-book não é apenas outra maneira de transmitir o conteúdo que poderia ser apresentado na forma física; a passagem do texto de um livro para o formato digital pode alterar, de maneira sutil, as quais estamos apenas começando a entender, a própria experiência fundamental do que é o conteúdo.

Artigo 25, p. 125 - O livro entra em uma era de bancos de dados e tanto o dispositivo como a leitura ganham novas dimensões: buscar livros em bancos de dados extensos (Amazon, Google Books), encontrar passagens de um livro em outro livro, ver o que os leitores marcaram, cruzar quando e quantas vezes uma palavra aparece nos livros por ano etc.

A variedade de dispositivos que permitem a leitura do livro eletrônico proporciona ao leitor facilidade na escolha de qual dispositivo melhor se adapta as suas necessidades em determinado momento e espaço. A conectividade entre tais dispositivos requer unicamente a instalação de um *software* ou aplicativo, ao qual servirá como plataforma de leitura, permitindo ao leitor o acesso ao conteúdo que já estava sendo lido em outro dispositivo.

Tal conectividade entre diferentes dispositivos é uma das premissas que podem ser validadas para a constatação de apenas uma unidade de análise mencionar o problema de acesso ao livro eletrônico devido ao dispositivo de leitura:

Artigo 19, p. 539 - Outro retorno negativo para a leitura na tela se relaciona com o tamanho e as dimensões limitadas da tela.

A partir da unidade de análise supracitada e a concepção de conectividade entre diferentes dispositivos, compreende-se que quando o leitor considerar um dispositivo inadequado para o uso bastará substituí-lo por outro. Assim, o conteúdo

lido não será perdido, pois o mesmo está alocado na plataforma de leitura e não unicamente no dispositivo.

Entretanto, se nos dispositivos encontramos possibilidades de conectividade, as plataformas de leitura estão por limitar tais possibilidades. Constata-se isso tendo em vista uma série limitações impostas por diferentes plataformas, “que exigem que o “usuário” restrinja suas ações àquelas previstas e suportadas pela programação” (PRIMO, 2001, p. 6).

Procópio (2010) discorre sobre a necessidade de uma plataforma única, que servisse de modelo internacional para o acesso e leitura de livros eletrônicos. Para o autor, a inconsistência entre diferentes plataformas gera o descontentamento atual sobre os livros eletrônicos, pois o leitor sente-se frustrado ao perceber que diferentes plataformas exigem diferentes conhecimentos de uso, devido a diferentes interfaces. Algumas unidades de análise evidenciam isso, quando relatam:

Artigo 20, p. 266 - A falta de consistência para o usuário mover-se entre as duas plataformas e o fato de que não há uma interface padrão causou problemas porque botões e abas estavam em locais diferentes.

Artigo 20, p. 260 - Algumas das razões para a baixa aceitação de e-books incluem a limitada disponibilidade de e-book acadêmicos pelos editores, o desconhecimento dos potenciais utilizadores de e-books, o desconforto na leitura on-line e os problemas de interfaces em plataformas de e-book.

Artigo 20, p. 272 - Estudantes acadêmicos que usam e-books enfrentam problemas no acesso, como o insuficiente contexto em resultados de pesquisa, ferramentas de navegação inábil, uma experiência de leitura desagradável e interfaces que não são de uso intuitivo.

Artigo 5, p. 1805 - DRM rigoroso (Digital Rights Management) muitas vezes impede os e-Books de serem deslocados de um dispositivo para outro.

Artigo 14, p. 330 - Outro ponto importante enfatizado por este estudo é a questão da acessibilidade do e-book. Esta é uma questão multifacetada que engloba não só a usabilidade de um e-book por pessoas com deficiência, mas também a sua portabilidade e compatibilidade entre diferentes plataformas.

Artigo 2, p. 32 - Embora os dispositivos móveis tenham melhorado consideravelmente a leitura na tela, estudos recentes mostraram que o apoio para a leitura intensiva, como a leitura de livros acadêmicos, continua a ser inadequada e insuficiente. Um problema é que os leitores têm dificuldade de construir um mapa cognitivo eficaz, que represente a disposição espacial entre objetos num ambiente.

Yeh *et al.* (2015) relacionam as questões de interface nas plataformas de livros eletrônicos aos diferentes tipos de formatos existentes e a incompatibilidade

entre tais. Além disso, Procópio (2010) menciona que algumas plataformas acessam formatos específicos ou proprietários, não permitindo que o leitor acesse livros eletrônicos em formatos desenvolvidos por outras empresas ou editoras. A partir das unidades analisadas nesta seção, é possível afirmar que a falta de uma plataforma de leitura padrão e os diferentes formatos existentes são entraves para leitura e aceitação e impactam nas práticas de leitura no livro eletrônico.

#### 4.2.1.3 Ferramentas

Lévy (1996) aponta a utilização de ferramentas no ambiente digital como uma combinação de gestos que aparecem como solução momentânea, gerando um mecanismo de apoio para uma série de problemas.

Segundo Procópio (2010) a plataforma de leitura pode ser genericamente percebida como um *browser*, disponibilizando ao leitor algumas das facilidades já existentes nos navegadores da Internet, além de mais algumas ferramentas específicas para os livros eletrônicos. O autor cita algumas ferramentas que podem ser aplicadas como básicas para o uso do livro eletrônico, entre os quais estão:

- a) Possibilidade de criação de biblioteca pessoal;
- b) Acesso site de livrarias e bibliotecas virtuais, com a possibilidade de aquisição de obras;
- c) Marcadores de página e busca rápida dessas marcações;
- d) Busca por palavras e frases nos textos;
- e) Alteração do tamanho da fonte;
- f) Sublinhar/Destacar trechos;
- g) Dicionário;
- h) Adicionadores de notas.

Se na história do livro impresso novas tecnologias ampliaram o escopo de ferramentas para o leitor, cita-se como exemplo a numeração das páginas, o sumário, as diferentes pontuações e entre outros, no livro eletrônico novamente as ferramentas tornam-se um atrativo para o leitor, permitindo novas ações nas práticas de leitura, como mencionado nas seguintes unidades de análise:

Artigo 19, p. 539 - Para concluir, o material de pesquisa indica que os estudantes finlandeses estão no meio de uma transição da leitura em papel

em relação à leitura em tela. Alguns entrevistados descrevem como eles foram recentemente direcionados com sucesso para leitura em materiais eletrônicos, como eles descobriram que esta leitura é apoiada por funcionalidades, tais como anotações e realces, que eles também gostam de utilizar no papel.

Artigo 11, p. 355 - As duas principais vantagens dos e-books apontados pelos usuários da biblioteca que responderam ao estudo foram a capacidade de pesquisa e a disponibilidade do material a qualquer hora.

Artigo 10, p. 421 - Três vantagens de literatura digital podem ser facilmente identificadas: a facilidade de som, as opções de ajuda e o aspecto visual.

Em outro viés, algumas unidades de análise apontam para o fato de que não somente as ferramentas atraem o leitor para o livro eletrônico, mas o inverso também ocorre. Com o livro eletrônico e a facilidade de acesso a diferentes ferramentas, os leitores fizeram maior uso destes mecanismos. Pode-se citar para estes casos as seguintes unidades:

Artigo 23, p. 372 - Mais recursos foram utilizados quando os participantes estavam lendo com as fontes eletrônicas do que quando eles estavam lendo materiais impressos, mesmo que tenha sido disponibilizado os mesmos tipos de recursos para ambas as condições.

Artigo 23, p. 373 - Os resultados apoiam a hipótese de que as crianças acessam recursos de suporte a leitura (por exemplo, um dicionário) com mais frequência ao usar um leitor eletrônico.

Artigo 6, p. 263 - Os estilos para fazer anotações variaram consideravelmente por grupo. Usuários de e-books didáticos eram quase três vezes mais propensos a fazer anotações diretamente no texto, quando comparado com usuários do texto impresso. Ambos os grupos utilizaram regularmente notas manuscritas em papel.

Dentro do contexto desta pesquisa, a relevância das ferramentas para a leitura do livro eletrônico também pode ser mensurada na conectividade e interação que as mesmas proporcionam. Ferramentas como sincronização de notas, ao qual permite ao leitor resgatar anotações realizadas em determinado trecho de um livro eletrônico em diferentes dispositivos, e o compartilhamento de anotações com outros leitores, seja na plataforma de leitura ou em redes sociais, propiciam ao leitor uma experiência de leitura singular, pertencente unicamente ao livro eletrônico, transpondo assim, a simples digitalização de ferramentas existentes no livro eletrônico. As seguintes unidades de análise apontam este tema:

Artigo 22, p. 1047 - Algumas empresas também oferecem a possibilidade de sincronizar notas, favoritos e outras informações entre dispositivos.

Artigo 22, p. 1048 - E-readers podem armazenar milhares de títulos, telas sensíveis ao toque metragens, iluminação para leitura no escuro e conectividade com redes sociais para compartilhar opiniões ou passagens favoritas.

Artigo 16, p. 588 - Os sistemas atuais de documentos eletrônicos oferecem grande valor acrescentado sobre os livros de papel: os autores podem revisar as informações de forma rápida e incorporar hiperlinks e multimídia, e os leitores podem localizar palavras ou frases através de pesquisa de texto completo.

Artigo 15, p. 332 - As novas plataformas de e-books tem dedicado grande esforço para a criação de um ambiente de leitura eletrônica de fácil utilização dos leitores. Para suportar o uso de estratégias cognitivas por parte do usuário, várias ferramentas são fornecidas em sistemas de e-book, como marca-texto eletrônico, marcadores, registro do histórico de leitura e anotações eletrônicas.

Artigo 14, p. 329 - Outra característica muito importante foi enfatizada pelos respondentes do estudo:

A capacidade de copiar e colar um trecho de texto. Embora houvesse um momento em que plataformas como NetLibrary era mais restritiva ao copiar o texto, a indústria do e-book está agora adotando plenamente esta funcionalidade. Este é outro exemplo de uma área em que os usuários naturalmente esperam que o ambiente digital se diferencie de um livro impresso.

Falhas no desenvolvimento das plataformas prejudicam as ferramentas de leitura, gerando frustração no leitor e afetando negativamente a prática de leitura no livro eletrônico. A má aplicação de uma ferramenta pode ser pior do que a sua não existência em uma plataforma de leitura, pois ao gerar a expectativa de uso, afeta a percepção do leitor.

Artigo 20, p. 264 - A estudante "B" tentou localizar quatro vezes a caixa de pesquisa no PDF, na plataforma MyiLibrary, e depois desistiu. Ela paginou para a frente através do e-book e demorou a encontrar informações relevantes. Ela nunca descobriu a função de busca e comentou (na entrevista reflexiva depois da tarefa) que ela teria "gostado de ter sido capaz de procurar em todo o e-book."

Artigo 20, p. 266 - A maioria dos participantes na tarefa observada tiveram dificuldades com a navegação entre as páginas: partindo em descobrir as características que os permitiam navegar pelas páginas para usá-los adequadamente.

Artigo 16, p. 592 - A navegação e personalização na leitura digital apresentam muitos problemas de usabilidade: Acessando e abrindo o livro; saber onde se está nele; fornecendo acesso e informações suplementares; navegar dentro dele; localizar informações por pesquisa de texto completo ou um índice e a personalização com anotação ou favoritos.

Artigo 14, p. 329 - Algumas plataformas, como a Ebrary e EBSCO eBooks (anteriormente NetLibrary), estão bem equipados para acomodar interações como realce e anotações, permitindo salvar tais anotações em uma conta pessoal. No entanto, surpreendentemente, nem todas as novas plataformas de e-book incorporam essas funcionalidades.

Artigo 5, p. 1804 - Alguns e-readers desencorajam anotação de texto. Os alunos não podem escrever, sublinhar, circular ou mesmo comentar nas margens para ajudá-los a compreender e analisar o texto.

Nem todas as funcionalidades disponibilizadas como ferramentas são utilizadas pelos leitores ou fomentam uma melhor prática de leitura. Isto corrobora com a afirmação de Procópio (2010) de que a simples digitalização dos atos de leitura existentes no livro impresso não representa eficácia no livro eletrônico.

Artigo 16, p. 594 - No entanto, em contraste com a riqueza de práticas de personalização em livros impressos, os leitores raramente personalizam os documentos on-line.

Artigo 2, p. 33 - A Rolagem (scroll) e o número de páginas são dois métodos comuns para a navegação em documentos digitais. No entanto, estes métodos têm fraca eficácia para a formação de uma representação espacial do documento durante a leitura. A Rolagem pode indicar uma posição aproximada imprecisa e dá aos leitores proporções diferentes. Já os números de página tornam a navegação de página para página imaterial, enfraquecendo a associação entre páginas e texto. Estes dois problemas impedem o leitor de construir mapas cognitivos e prejudicam a prática de leitura digital

Biancarosa e Griffiths (2012) apontam para o fato de que devido cada dispositivo ou plataforma possuírem características e limitações específicas, torna-se difícil estabelecer conclusões generalizadas acerca do livro eletrônico. Tal colocação vem ao encontro com o que a análise desta pesquisa se depara neste momento, ao diagnosticar que ações relativas a possibilidade de acesso a hipermídias, a conectividade entre dispositivos e entre os próprios leitores, bem como, as ferramentas utilizadas durante a leitura são indicadores de práticas de leitura no livro eletrônico. Contudo, diante das variações entre dispositivos e plataformas,

apontados tanto no referencial teórico quanto nas unidades de análise desta pesquisa, não há como conjecturar o momento ao qual se encontram os livros eletrônicos quando analisado a interatividade na prática de leitura.

Avançando com a análise, na próxima seção será abordada a segunda categoria, o Propósito de leitura no livro eletrônico.

#### 4.2.2 Propósito de leitura no livro eletrônico

A segunda categoria a ser analisada refere-se ao *Propósito de leitura* no livro eletrônico. Nessa categoria emergem como subcategorias a *Leitura para estudo* e a *Leitura de lazer*, Junto a tais subcategorias, uma série de indicadores são apresentados e servem como direcionamento específico aos temas que tratam tais subcategorias, conforme é apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 - Subcategorias e indicadores da Categoria Propósito de leitura

Categoria	Subcategorias	Indicadores
<i>Propósito de leitura</i>	Leitura para estudo	Leitura concentrada
		Leitura não sequencial
		Leitura em profundidade
		Leitura interativa
		Leitura passiva
	Leitura de lazer	Leitura superficial
		Leitura sequencial
		Leitura extensiva
		Leitura interativa
		Leitura passiva

Fonte: o autor (2016)

Conforme apontam Linderholm e Broek (2002) os estudantes utilizam diferentes processos e estratégias de leitura quando os propósitos para a leitura são para o estudo ou entretenimento. Para os autores, o propósito de leitura impacta diretamente nas estratégias para a leitura e tal afirmação vem ao encontro do que Andrade, Gil e Tomitch (2012, p. 7) mencionam ao escreverem que “um propósito

para leitura pode influenciar o processo de compreensão e a memorização do texto. Por esta razão, os leitores modificam suas estratégias de acordo com o propósito da leitura”.

Neste contexto, algumas unidades de análise desta pesquisa apontam para a relação entre o propósito de leitura e os diferentes tipos de interatividade que o leitor possui com o livro eletrônico. Abaixo seguem tais unidades, com atenção especial ao artigo 15, que possuía como foco de sua pesquisa as diferentes estratégias de leitura no livro eletrônico:

Artigo 17, p. 713 - Quando perguntado sobre a diferença que faz o propósito da leitura em suas práticas de leitura, os participantes citaram diferenças em sua postura física, o seu compromisso com o texto e os gêneros que se encontravam na leitura. Essas diferenças indicam que a maioria dos participantes acreditavam que eles eram mais propensos a se envolver em leitura intensiva quando eles estavam lendo para a escola; ou seja, eles se engajaram com o texto para integrá-lo com o que eles já sabiam, ao invés de receber mais passivamente a informação (leitura receptivo).

Artigo 15, p. 336 - Na categoria de "compreensão e tomada de decisão", os estudantes empregaram estratégias que os ajudaram na tomada de decisões para compreender a leitura eletrônica do conteúdo. Por exemplo, os estudantes usaram estruturas de conteúdo fornecidos nos e-books para auxiliar na visualização das relações entre os componentes, a fim de decidir o que ler. Outras estratégias, como o uso de informação sobre o autor, a indicação do assunto, anotações, gráficos, enciclopédias e o motor de busca também ajudaram os alunos a compreender a leitura de conteúdo

Artigo 15, p. 337 - De acordo com as 201 respostas válidas, os alunos expressaram as maiores necessidade de estratégias de leitura eletrônica para leitura acadêmica, incluindo: "motor de busca para obter várias fontes de informação para ajudar a compreensão", "Pré-análise da leitura do conteúdo" e "Definir o conteúdo necessário para leitura" ; Para a leitura de lazer os alunos expressaram "Comece com conteúdo interessante e importante", "Definir o conteúdo necessário para leitura" e "Usar gráficos para interpretar conteúdo lido".

Artigo 15, p. 338 - Para avaliar a necessidade dos alunos nos vários recursos suportados por sistemas de e-book, o nível de necessidade de recursos dos e-books revela maior necessidade para os seguintes itens na leitura acadêmica e lazer:

"Acesso rápido ao conteúdo específico de leitura", "função de pesquisa na página", "leitura off-line", "Histórico das leituras anteriores", "O acesso a uma página específica através da tabela de conteúdo", "ampliação e redução da fonte", "Pesquisar no texto completo".

Para leitura acadêmica, a necessidade maior foi observada nos seguintes itens: "Impressão", "Esboço do conteúdo do capítulo" e "Salvar cópia da leitura anterior", "O acesso a uma página específica através da tabela de conteúdo".

Artigo 15, p. 340 - Entre as várias estratégias identificadas a partir dos dados das entrevistas, a avaliação quantitativa revela a necessidade de

diferentes estratégias eletrônicas para fins acadêmicos e de lazer. A partir de uma comparação estatística, estudantes reagiram de forma diferente (em muitos itens do questionário) para a necessidade de estratégias de leitura eletrônica e recursos de e-book quando o objetivo era a leitura acadêmica ou a leitura para lazer.

Dada as unidades de análise supracitadas, é possível regressar a questão norteadora desta pesquisa, que consiste em perguntar *Como se constituem as práticas de leitura a partir do livro eletrônico?* As unidades de análise ainda que não permitam responder à questão, direcionam esta pesquisa para um ponto específico: o propósito de leitura afeta a prática de leitura, inclusive no livro eletrônico.

#### 4.2.2.1 Leitura para estudo

Sponholz, Gerber e Volker (2006) apontam para o fato de que o leitor adequa diferentes tipos de estratégias e processos cognitivos conforme o objetivo da leitura, sendo que tais processos empregados possuem efeito direto na assimilação da informação contido no objeto lido. No que se refere a leitura para estudo, os autores contribuem com a afirmação de que para este propósito, os leitores “liam mais devagar e enfatizavam processos cognitivos e estratégias como inferências, paráfrases, e repetições de informações do texto” (SPONHOLZ; GERBER; VOLKER, 2006, p.6).

Gerber e Tomitch (2008) mencionam que o ritmo da leitura para estudo é lento quando comparada a leitura de lazer, tendo em vista a necessidade de retomada de partes e outras inferências no conteúdo lido. Assim, o leitor permanece mais tempo em frente ao livro eletrônico, exigindo maior contato com a tela digital. Neste aspecto, as unidades de análise direcionam algumas questões:

Artigo 19, p. 539 - Em relação aos retornos negativos da leitura na tela, observações encontradas a partir do material de pesquisa são um pouco mais numerosos. Como oposto lógico para os profissionais de leitura em papel, foi mencionado que a leitura de textos mais longos na tela cansa os olhos.

Artigo 17, p. 714 - Alguns participantes explicaram que tinham maior dificuldade de concentração com textos eletrônicos e ficaram frustrados ao não poderem interagir da mesma maneira que interagem com os livros impressos

Artigo 7, p. 22 - Os alunos em condições eletrônicas geralmente levaram mais tempo para ler do que aqueles que leem a partir de livros didáticos tradicionais.

O fato da leitura para estudo exigir do aluno maior concentração e tempo de contato com a tela digital do livro eletrônico, permite a relação entre a leitura para estudo no livro eletrônico e a leitura intensiva. Conforme tratado no referencial teórico desta pesquisa, a leitura intensiva no século XVIII, com o livro impresso, era dada com poucos livros, mas apoiada sobre a atenção e memorização do texto lido.

Todavia, com o livro eletrônico o leitor é também um leitor imersivo, dada a quantidade de mídias disponíveis para acesso dentro de um conteúdo, bem como, ferramentas de auxílio à leitura. Esses apontamentos podem remeter a uma conclusão precipitada de que a leitura no livro eletrônico impossibilita uma leitura intensiva, já que a atenção do leitor fica dispersa na navegação ilimitada do livro eletrônico e o uso de uma tela digital. Contudo, unidades de análise apontaram justamente para o oposto ao mencionarem a capacidade que as ferramentas possuem, quando inseridas nos livros eletrônicos, para aumentar a compreensão e atenção do aluno ao conteúdo didático.

Artigo 5, p. 1806 - A maioria dos softwares de e-books oferecem a possibilidade de realçar seções do texto e tomar notas. Alguns até mesmo permitem criar desenhos no livro. Todos esses recursos podem aumentar a compreensão e a atenção do aluno para uma determinada obra.

Artigo 4, p. 619 - E-books com dicionário interativo propiciam melhores práticas de leitura para crianças do que a interferência de adultos, para explicação ou o uso de um dicionário impresso.

Artigo 1, p. 347 - Para livros de referência, como dicionários, que necessitam de pesquisa na obra, os alunos preferem o e-book, com os hiperlinks ao invés do impresso.

Outro fator de análise que as unidades supracitadas permitem é a relação entre a leitura intensiva e extensiva, citadas como discrepantes por Chartier (1996) e apresentadas no referencial teórico desta pesquisa. Pode-se afirmar que a leitura intensiva é apoiada sobre a atenção e memorização do texto lido, algo encontrado nas práticas de leitura para estudo (GERBER; TOMITCH, 2008) e que remete ao fato de que a inclusão de ferramentas de apoio à leitura pode contribuir com o aprendizado. Assim, a leitura intensiva também é percebida no livro eletrônico a partir da utilização de ferramentas específicas, tendo em vista que a concentração aplicada à leitura não somente pertence ao texto, mas ao conteúdo como um todo, vindo ao encontro da imersão na leitura digital, apontado por Santaella (2004).

Frente a isso, outras unidades de análise corroboram com a relevância das ferramentas quando o propósito de leitura é voltado aos estudos, bem como, sua influência na escolha pelo livro impresso ou eletrônico:

Artigo 21, p. 46 - Isso quer dizer que, embora as crianças de ambos os grupos foram expostas ao mesmo conteúdo, as crianças que lidaram com e-books tiveram acesso ao texto digital, que inclui efeitos de mídia, como texto escrito, leitura oral, efeitos sonoros, animações, narração e música. Esses recursos fornecem as crianças muitas oportunidades para se envolverem com o texto

Artigo 19, p. 540 - Uma forma de prática de "leitura intensiva" surge com estudantes que estão começando a aprender a anotar e realçar textos eletrônicos.

Artigo 8, p. 256 - Como o resultado indicado acima, houve uma evidente eficácia na instrução para a leitura de e-book. Com o aumento da pontuação média, este resultado pode ser deduzido que o uso de um e-book com um glossário levou ao aumento do vocabulário. E é claro que um aumento do vocabulário não só melhorou a aptidão acadêmica global, compreensão de leitura, pensamento crítico e habilidades para resolver problemas, mas também desencadeou a imaginação dos alunos e os expôs a novas experiências e conceitos.

Artigo 6, p. 264 - Os alunos escolhem livros eletrônicos devido ao custo e portabilidade, mas quatro em cada cinco alunos esmagadoramente continuam a preferir livros didáticos impressos devido à familiaridade com versões impressas e a capacidade de destacar texto, colocar orelhas nas páginas e tomar notas.

Porém, a leitura para estudo também apresenta características da leitura extensiva, tendo em vista a fragmentação de textos com o objetivo de estudo de partes específicas de cada conteúdo. No caso da leitura com o livro eletrônico, devido a conectividade, o leitor passa a ter acesso a um imensurável acervo de títulos a sua disposição e a possibilidade de fácil navegação entre eles.

Devido ao grande acervo de títulos e a facilidade no acesso, que conforme Chartier (1994) caracterizam o surgimento da leitura extensiva no século XVIII, percebe-se a existência de um leitor fragmentado, acostumado com uma grande quantidade de leituras concomitantes, fragmentadas em trechos ou capítulos específicos. Santaella (2004) menciona que este leitor fragmentado é um intermediário entre o leitor contemplativo e o leitor imersivo digital.

Das unidades de análise que compõem o *corpus* desta pesquisa, somente uma faz menção a leitura extensiva na prática de leitura para estudo, ao mencionar:

Artigo 20, p. 263 - Um estudante abriu duas abas no navegador e acessou ambos os e-books antes de prosseguir com as pesquisas. Isto foi interessante, pois é semelhante a abordagem que poderia ter levado com livros impressos, ou seja, consultado mais de um livro de cada vez e usá-los abertos no ambiente de trabalho.

A unidade de análise citada acima, quando comparada as unidades de análise que tratam sobre a leitura intensiva, remete ao fato de que a interatividade no livro eletrônico tem fornecido maior prática de leitura intensiva, com a utilização de ferramentas e hipermídias, ao invés de uma leitura fragmentada, em que o leitor navega entre diferentes textos. Uma das possibilidades da baixa representatividade da leitura extensiva no livro eletrônico pode estar nas questões que acercam a *Conectividade*, tendo em vista a incompatibilidade entre diferentes dispositivos de leitura, especialmente os *e-readers*, bem como, diferentes formatos e plataformas, o que dificulta ou impossibilita a navegabilidade entre dois livros eletrônicos.

Outra questão relevante quando abordada a leitura extensiva, com base na navegação entre diferentes livros eletrônicos, é o fato de que a leitura digital pode gerar dispersão na atenção requerida em uma leitura para estudo, tendo em vista o fácil acesso a conteúdo não direcionado ao propósito da leitura, como canais de notícias, redes sociais e entre outros. Algumas unidades de análise mencionam esta questão, também abordando recursos inseridos em páginas da Internet e que podem prejudicar a leitura concentrada:

Artigo 13, p. 481 - Os professores precisam fazer uso dos e-books com cuidado, pois os alunos podem perder o foco da história ao usar esses recursos em algumas situações.

Artigo 12, p. 7 - As possíveis razões para o declínio na leitura concentrada durante a navegação na internet são os hiperlinks embutidos nos recursos da web, imagens piscando no site, a abertura de sites indesejados e a rolagem-retorno das páginas. Estes problemas precisam ser resolvidos durante a navegação para a leitura concentrada.

Artigo 7, p. 22 - É razoável especular que estudantes de leitura de texto a partir do mesmo computador no qual eles verificam e-mail, Facebook, etc. podem ser tentados a buscar essas mesmas atividades como leem.

Não consta como um dos objetivos desta pesquisa a elucidação do livro eletrônico nas práticas pedagógicas, entretanto, relacionado à menção sobre dispersão na leitura digital e o decréscimo que isso causa em uma leitura para o

estudo, pode-se afirmar que no livro eletrônico há potencial pedagógico. Tal afirmação parte da análise das unidades que compõem o *corpus* desta pesquisa e direcionam os resultados para o aspecto positivo do livro eletrônico na sala de aula.

Artigo 24, p. 474 - Os resultados deste estudo parecem sugerir que a leitura on-line colaborativa entre pares auto selecionados, organizados em torno de uma tarefa argumentativa, promove o processamento de informações que vai além da simples recolha de fatos e se estende até a construção de significados e conhecimentos mais profundos.

Artigo 23, p. 374 - Pedagogicamente, a conclusão lógica é que a evidência a partir desta pesquisa apoia o uso de e-book em grupos de leitura e na sala de aula.

Artigo 21, p. 46 - Os resultados indicaram que as crianças expostas a atividades com e-books alcançaram significativamente maior progresso de alfabetização emergente no pós-teste quando comparados com as crianças expostas apenas as atividades com livros impressos tradicionais.

Artigo 13, p. 483 - Crianças podem se beneficiar desses recursos através de características que incluem som, ilustração, animação e vídeo. Os investigadores têm mostrado que, quando crianças pequenas fazem uso de ferramentas adicionais de texto, elas fazem um bom progresso na leitura

Algumas alternativas estão propensas a ampliação da utilização do livro eletrônico na leitura para estudo, como, por exemplo, a adoção de dispositivos de leitura e livros eletrônicos para os Livros Didáticos no Ensino Fundamental e Ensino Médio brasileiro. Tópico este ignorado pelo Decreto Federal nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010, que dispõe sobre os programas de material didático, ao sequer mencionar se o livro didático deverá ser disponibilizado em meio impresso ou eletrônico.

Outra alternativa, agora para o Ensino Superior, é o aumento de títulos disponibilizados em meio eletrônico e principalmente, a capacidade de conectividade entre diferentes dispositivos e plataformas. O modelo de negócio do livro eletrônico entre as editoras e as universidades brasileiras tem sido, em sua grande maioria, por assinatura de serviços de acesso a uma plataforma de leitura que possui títulos de diferentes áreas e editoras. Assim, o aluno “x” que deseja consultar o livro eletrônico “y”, deverá primeiramente identificar em quais das plataformas assinadas pela instituição o título está disponível e compreender as diferenças de interatividade entre cada uma delas.

#### 4.2.2.2 Leitura de lazer

A leitura de lazer surge na análise desta pesquisa dada a sua relação com a leitura para estudo. Conforme apontado na análise quantitativa, dos vinte e cinco artigos que compõem o *corpus* da pesquisa, dezessete fizeram aplicação do método estudo de caso, sendo que todas estas pesquisas foram realizadas em ambientes escolares ou universitários, o que remete ao fato da leitura de estudo predominar no propósito de leitura no livro eletrônico.

Em contraste à leitura para estudo, a leitura de lazer ocorre em um ritmo acelerado, permitindo ao leitor outras estratégias ou ferramentas, como a geração de associações, formulação de opiniões sobre o conteúdo lido, a procura de textos complementares ao assunto do livro e entre outros (LINDERHOLM; BROEK, 2002). Dessa forma, a leitura para lazer requer menos concentração na leitura do conteúdo, pois nela não há necessidade ou a obrigatoriedade em prover uma leitura ativa, gerando significados diferentes sobre o conteúdo lido quando comparado a uma leitura para estudo (ANDRADE; GIL; TOMITCH, 2012). Uma unidade de análise aponta esta questão, ao mencionar o acréscimo de interatividade com a leitura digital, conforme segue:

Artigo 16, p. 589 - Leitura passiva é frequentemente associada com a leitura para lazer ou entretenimento, como ao ler romances, poemas e e-mails. Ele requer menos pensamento e esforço do que a leitura ativa. Leitura ativa envolve não apenas a leitura do documento, mas também a tomada crítica de pensamento, aprendizagem e decisão. Por exemplo, enquanto um aluno está estudando um livro, ele ou ela pode marcar algumas páginas do livro, e adicionar seus próprios comentários ao texto.

Clark e Rumbold (2006) em pesquisa sobre a importância e o impacto da leitura de lazer na alfabetização apontam que a leitura de lazer produz benefícios diretos ao indivíduo, como a compreensão de textos, domínio da gramática, aumento do conhecimento geral e o próprio prazer pela leitura. Estas questões se não estão direcionadas diretamente à leitura para estudo, contribuem sim com a questão escolar, ao preparem o estudante culturalmente para os desafios do ambiente escolar ou universitário.

Andrade, Gil e Tomitch (2012) mencionam que os leitores ficam mais relaxados e propensos a uma leitura interativa e superficial quando o propósito da leitura é o lazer. Assim, é possível compreender que a leitura interativa no livro

eletrônico pode querer ferramentas específicas, como o compartilhamento de opinião sobre o texto lido, a pesquisa em textos complementares e a utilização de hipermídias, enquanto que a leitura superficial pode estar associada com a conectividade entre diferentes dispositivos e plataformas, já que o leitor pode desejar acessar o conteúdo do livro eletrônico em um computador de mesa, *notebook*, *tablet*, *e-reader* ou *smartphone*.

A relevância do entendimento da leitura superficial e interativa nas práticas de leitura de lazer são evidenciadas em duas unidades de análise, ao mencionarem práticas de leitura e aplicação dos dispositivos de leitura por estudantes, conforme segue:

Artigo 12, p. 5 - Maioria dos alunos admitem que a navegação na Internet aumenta leitura interativa e superficial e diminui a leitura sequencial e concentrada.

Artigo 17, p. 719 - Os alunos que usaram e-readers, na maioria das vezes, utilizavam para leitura de lazer e raramente para a escola.

Em um contexto geral, as unidades apresentadas para a análise do propósito de leitura para lazer, ainda que em baixo número, permitem a dedução de que esta prática de leitura tem sido pouco afetada pelo livro eletrônico. Uma destas possibilidades, ainda a partir das unidades de análise, é a compreensão de que a leitura de lazer no livro eletrônico exige as mesmas práticas que a leitura em um site, blog ou redes sociais.

Por fim, ao encerrarmos a análise desta seção, podemos concluir que o *Propósito de leitura* é fator chave para a compreensão das práticas de leitura no livro eletrônico, visto que o propósito determina as ações e as necessidades do leitor. Por sua vez, o livro eletrônico também molda tal prática, muito a partir das variações de interatividade com a qual o leitor se depara no dispositivo ou plataforma utilizada para a leitura, fazendo com que as ações e necessidades advindas do propósito de leitura também se adequem ao livro eletrônico disponibilizado.

A afirmação acima não se distancia do que Cavallo (2002) descreveu sobre a introdução do códice no século III, ao mencionar que a falta de um padrão mínimo para a produção do então novo formato do livro, impedia ou obrigava o leitor a atitudes e gestos ainda não convencionais para a época, como folhear páginas em livros pesados ou grandes demais para serem segurados pelas mãos humanas.

Assim como a evolução do livro impresso, a evolução do livro eletrônico perpassa pela adoção de convenções entre dispositivos e plataformas, uniformizando a prática de leitura neste formato. Diante disso, uma última unidade de análise corrobora com a afirmação feita, ao mencionar que:

Artigo 16, p. 588 - Compare um livro medieval com um livro moderno: os mesmos princípios estão ainda nas obras. Os leitores só precisarão aprender essas convenções uma vez e podem usá-las para o resto de suas vidas.

Avançando com a análise, na próxima seção será abordada a terceira categoria, a Sustentabilidade com o livro eletrônico.

#### 4.2.3 Sustentabilidade com o livro eletrônico

A terceira categoria a ser analisada refere-se à *Sustentabilidade* com o livro eletrônico e apresentará as unidades de análise que tratam direta ou indiretamente sobre a *Sustentabilidade Econômica* e a *Sustentabilidade Ambiental* dado a adoção do livro eletrônico na sociedade.

O termo *Sustentabilidade* é utilizado nesta pesquisa em preferência ao termo *Desenvolvimento Sustentável*, devido ao fato da sustentabilidade poder ser definida como o destino pretendido pela sociedade, enquanto que o desenvolvimento sustentável é entendido como um processo de decisão pontual, com foco a atingir um objetivo (DIAS, 2015). Assim, a categoria *Sustentabilidade* é utilizada para agrupar unidades de análise que propõem o livro eletrônico como um elemento capaz de contribuir com o futuro econômico e ambiental da sociedade, apontando questões relacionadas ao custo do livro, modelos de negócios, durabilidade e o impacto ambiental, conforme é apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 - Subcategorias e indicadores da Categoria Sustentabilidade

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Sustentabilidade	Econômica	Custo
		Modelo de negócio
		Durabilidade
	Ambiental	Impacto ambiental

Fonte: o autor (2016)

#### 4.2.3.1 Sustentabilidade econômica

A sustentabilidade econômica na ótica do mercado virtual não deve ter seu foco direcionado aos produtos, serviços ou empregos, mas sim a uma nova percepção de mercado e trabalho, onde as relações de produção e consumo alteram-se significativamente (LÉVY, 1996). O mercado virtual amplia as possibilidades de negócios ao pôr fim a distâncias geográficas que impossibilitam transações rápidas e o consumo imediato (LÉVY, 2001). Ao especificarmos o tema ao livro eletrônico, livrarias ou editoras negociam seus livros com o consumo a pronta entrega, conforme a velocidade de *download* do cliente.

A capacidade de acesso imediato ao conteúdo desejado é uma premissa encantadora do ciberespaço, muito a partir da disponibilidade *on demand* de produtos ou serviços na Internet. Conforme o Cambridge *Dictionary*, a expressão *on demand* significa “disponível quando um cliente quer ou pede algo” e serve para representar a oferta de conteúdo eletrônico por uma empresa conforme a demanda imediata do consumidor (LEME, 2015).

Leme (2015) menciona que serviços *on demand* estão por redefinir os planos econômicos na Internet e cada vez mais fazem parte do cotidiano daqueles que consomem conteúdo digital na Internet. Para o autor, um novo tipo de consumidor surge no consumo *on demand*, abandonando a concepção de posse sobre um produto adquirido e avançando para um consumo baseado na necessidade de uso, compartilhamento e interação entre o produto, o serviço e as pessoas que o adquirem.

A concepção de uso conforme a necessidade, podendo um conteúdo, indeterminante a mídia, ser adquirido quando e onde um cliente necessitar, contribui para a sustentabilidade econômica com o livro eletrônico. Todavia, questões como estas retomam a vinculação da prática de leitura no livro eletrônico com a *Interatividade*, tendo em vista que o acesso ao conteúdo requer conectividade do dispositivo e plataforma utilizados na leitura. Das unidades analisadas nesta pesquisa, uma referenciou diretamente a vantagem de acesso imediato ao conteúdo do livro eletrônico a partir do acesso *on-line*, conforme segue:

Artigo 22, p. 1047 - A introdução dos e-books adiciona vantagens de entrega imediata e preços mais baixos. Os livros podem ser baixados em

segundos a um e-reader, um computador, um tablet ou um smartphone, usando redes Wi-Fi ou 3G.

Conforme mencionado no referencial teórico desta pesquisa, quanto tratou-se das práticas de leitura no livro eletrônico, a evolução das práticas de leitura ocorre lentamente comparada as tecnologias aplicadas à leitura (CHARTIER, 2010), bem como, o surgimento de uma prática não anula a existência das demais (SANTAELLA, 2004). A partir destas citações, é possível compreender que a prática de leitura no livro eletrônico é atingida pela forma como o livro é adquirido, mas esta forma ainda não é predominante e nem totalitário frente ao livro impresso. Tal aspecto é referenciado em uma unidade de análise, ao tratar dos perfis demográficos que consomem o livro eletrônico, ao mencionar:

Artigo 9, p. 217 - No que diz respeito aos perfis demográficos de consumo, os mais jovens, os mais instruídos e os consumidores de maior renda tenderam a apresentar níveis mais elevados de consciência, interesse e intenção de usar e-books.

Lévy (1996) refere ao fato de que os produtos e serviços mais valorizados no mercado virtual são interativos, destacando que percepção de consumo deve ser substituída pela coprodução em serviços interativos. Esta interação entre o então consumidor e o produtor estabelece uma nova forma de mercado e, entre os adeptos, torna-se um aspecto de escolha para aqueles que preferem o livro eletrônico. Esta questão impacta o mercado editorial e é apontado por uma unidade de análise ao mencionar como a interatividade no livro eletrônico pode ameaçar o mercado do livro impresso de um país, conforme segue:

Artigo 10, p. 424 - Os novos livros aprimorados oferecem simulações de áudio, vídeo e de computador. Estes livros aprimorados podem potencialmente ameaçar o mercado do livro tradicional francês, como eles são particularmente interessantes como livros infantis ou, como vimos, com a livre autoria.

Um aspecto abordado indiretamente por duas unidades de análise é a questão da sustentabilidade econômica no livro eletrônico frente a matéria prima utilizada na produção do livro impresso, o papel. A historicidade do livro, tratado no referencial teórico, demonstra que a escassez de recursos sempre afetou economicamente o livro, influenciando a sociedade nos avanços do papiro para o

pergaminho, de onde surgiu o códice, bem como, do pergaminho para o papel (MARTINS, 1998). Ainda que não estejamos vivenciando a escassez do papel, questões ambientais impactam o valor agregado ao livro impresso fazendo com que, para alguns movimentos da sociedade, o livro eletrônico seja economicamente mais vantajoso, pelo o que apontam as seguintes unidades:

Artigo 17, p. 719 - Os políticos e os administradores de instituições educacionais vêm tentando estender o uso dos e-books, em grande parte por razões econômicas.

Artigo 5, p. 1084 - Do ponto de vista dos pais ou responsáveis, o uso de e-books nas salas de aula será econômico. A maioria dos e-books são subsidiados pelas escolas, emprestados aos alunos, e mantidos por tecnólogos.

Todavia, um aspecto a ser considerado nas unidades de análise supracitada é o contexto ao qual os artigos das respectivas análises se encontram. O artigo dezessete é uma pesquisa de estudo de caso aplicada em instituições de ensino norte-americanas, enquanto que o artigo cinco é uma pesquisa de estudo de caso aplicada na Malásia. Assim, a conjectura apontada nas duas unidades de análise pertence a um espaço determinado e questões políticas e sociais afetam decisões e impactam a sustentabilidade no livro eletrônico.

Ainda sobre a matéria prima do livro impresso em comparação com o livro eletrônico, aspectos diretamente relacionados a mobilidade oportunizada por cada suporte influenciam as práticas de leitura (DARNTON, 2010) e conseqüentemente a sustentabilidade econômica, visto que a mobilidade se torna um fator de escolha entre os leitores. O propósito de leitura requer ações de mobilidade e o livro eletrônico oportuniza novas experiências quando este propósito é direcionado à leitura extensiva, dada com grande quantidade de títulos, conforme mencionado na seguinte unidade de análise:

Artigo 5, p. 1084 - Para os estudantes, o uso de e-Books traz uma série de impactos, uma delas é a redução do esforço para transportar os livros convencionais. E-Books beneficiam fisicamente, academicamente e psicologicamente o aluno. Um e-reader pode comprimir o conteúdo de um livro convencional.

Procópio (2010) menciona que a questão da pirataria afeta economicamente o livro eletrônico, fazendo com que editores restrinjam formatos e criem alternativas de inibir o compartilhamento de conteúdo sem a aquisição dos mesmos, interferindo

negativamente na conectividade entre dispositivos e plataformas. Esta percepção impacta diretamente a interatividade do leitor no livro eletrônico e é causada pela necessidade de controle das editoras e a preocupação que o compartilhamento ilegal ocasione queda nas vendas e conseqüentemente nas receitas. A preocupação com a sustentabilidade econômica no livro eletrônico é mencionada por uma unidade de análise, apresentada também na análise da subcategoria *Conectividade*, e que menciona:

Artigo 5, p. 1805 - DRM rigoroso (Digital Rights Management) muitas vezes impede os e-Books de serem deslocados de um dispositivo para outro.

Avançando com a análise, na próxima seção será abordada a Sustentabilidade Ambiental com o livro eletrônico.

#### 4.2.3.2 Sustentabilidade ambiental

Dias (2015) menciona que a sustentabilidade ambiental sobrepõe as prioridades, os hábitos, as crenças e os valores das pessoas em prol de um bem maior, que é o ambiente ao qual vivemos. Este ponto de vista permite resgatar no referencial teórico desta pesquisa aspectos que abordam na evolução do livro quebras de paradigmas e os avanços causados por questões ambientais.

Chartier (1998) menciona que o homem sempre se fez valer do reino mineral, vegetal ou animal para a produção de suportes à escrita, fazendo uso da natureza para conseguir matéria prima na produção do que seriam os primeiros livros da humanidade. Junto a isso, a utilização de materiais naturais na produção de livros móveis, ainda que alguns suportes não proporcionassem tanta mobilidade, criou o que pode ser chamado de materialização do livro (ESCOLAR, 1977), ou seja, o livro deixou de ser uma ferramenta de anotação do escrito e passou a ser tratado como um objeto social.

Darnton (2010) afirma que devido a passagem da leitura intensiva para a leitura extensiva, dada a popularização e facilidade no acesso e aquisição de livros, a sociedade começou a compreender o livro como uma mercadoria tão descartável como qualquer outra. No final do século XVIII os livros já não eram produzidos sobre demanda específica e a alta produção de materiais facilitava a reposição e descarte

de livros danificados ou com conteúdo não válido (DARNTON, 2010). Neste sentido, uma unidade de análise relaciona a sustentabilidade ambiental com o livro eletrônico, ao mencionar que dada a virtualização do texto, os conteúdos podem ser repostos sem a necessidade de descarte do dispositivo eletrônico.

Artigo 5, p. 1084 - O empréstimo de e-Books irá eliminar a necessidade de comprar livros didáticos impressos, que são objeto de menor vida útil em comparação com os livros didáticos eletrônicos.

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2005) a educação voltada a sustentabilidade é um processo em que se aprende sobre as decisões que objetivam o futuro a longo prazo da economia e ecologia de uma sociedade. No contexto ambiental, a adoção do livro eletrônico pode contribuir com o ambiente escolar e acadêmico, promovendo um *pensar* sustentável sobre os livros utilizados no ensino e aprendizagem.

Entre os anos de 1950 a 1997 o uso de papel aumentou seis vezes mais (UNESCO, 2005), fazendo com que o uso de recursos naturais para a sua fabricação seja revisto e que a sociedade repense formas sustentáveis de prover que o conhecimento continue sendo disponibilizado. O livro eletrônico é uma das possibilidades atuais que a sociedade dispõe para reduzir a utilização do papel, sendo que entidades educacionais, enquanto consumidoras de livros, podem contribuir para a inclusão social do suporte eletrônico no cotidiano social. Esta questão é analisada em duas unidades desta pesquisa, que mencionam a inclusão do livro eletrônico como uma ferramenta capaz de promover a sustentabilidade, bem como, a sobreposição de nossos hábitos pela necessidade de uma consciência sustentável, conforme exposto:

Artigo 5, p. 1087 - Enquanto suporte que prevê o processo de aprendizagem, também deverá promover o desenvolvimento sustentável do conhecimento e da aprendizagem social.

Artigo 14, p. 328 - No entanto, considerando as tendências atuais de publicação, as questões ambientais, preocupações com espaço físico e a necessidade de atender a uma população crescente de estudantes à distância, pode-se concluir que os alunos não preferem e-books, mas vão usá-los por conveniência e que os e-books em bibliotecas acadêmicas não são apenas uma moda passageira.

Ao finalizar a análise da categoria *Sustentabilidade com o livro eletrônico*, destaca-se o baixo número de unidades que direcionaram o livro eletrônico para questões relacionadas a sustentabilidade, principalmente quando comparada a categoria *Interatividade*. Esta baixa representatividade pode estar associada a falta de percepção do livro eletrônico enquanto provedor de aspectos sustentáveis à nossa sociedade em ambientes educacionais, tendo em vista que a maioria dos artigos que compõem o *corpus* desta pesquisa resultaram de estudos de caso em ambientes escolares ou universitários.

Assim, ao encerrarmos a análise da categoria *Sustentabilidade* no livro eletrônico permitimo-nos retornar a questão norteadora desta pesquisa, *Como se constituem as práticas de leitura a partir do livro eletrônico?*, e compreender que conforme as unidades analisadas, a *Sustentabilidade Econômica* influencia na constituição das práticas de leitura no livro eletrônico a partir das formas de aquisição, acesso, conectividade e custo final do livro. Já a *Sustentabilidade Ambiental*, dada as unidades analisadas, impacta a constituição das práticas de leitura no livro eletrônico a partir da redução de espaço físico para guarda e acesso aos livros e a conscientização ambiental no uso de recursos naturais.

Ao completarmos a análise desta pesquisa, direcionamos as práticas de leitura no livro eletrônico para uma perspectiva ampla, em que a leitura não ocorre somente com o livro em mãos e com o acesso ao conteúdo. Práticas de leitura passam a englobar o uso do livro e o porquê deste uso, fazendo com que questões externas ao livro eletrônico sejam fatores preponderantes na constituição de diferentes práticas de leitura. Tais questões serão abordadas no capítulo posterior, ao qual tratará das considerações finais desta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, investigou-se como se constituem as práticas de leitura no livro eletrônico a partir de artigos científicos relacionados a temática leitura digital em livros eletrônicos. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, trabalhando os artigos que compuseram o *corpus* da pesquisa a partir da análise textual discursiva.

Ao chegarmos na finalização desta pesquisa, permitimo-nos dimensionar as práticas de leitura no livro eletrônico e, dados os resultados obtidos, dialogar sobre como o livro tem sido abordado em seu formato eletrônico, como o acesso e uso tem sido realizado por aqueles que se aventuram a utilizá-lo, os entraves ainda existentes nesta leitura e as possíveis causas e ações que podem aprimorar a experiência do leitor. Entretanto, a sequência deste texto será dada com zelo, pelo entendimento de que estamos vivenciando um momento de transição na história milenar do livro, em que o livro eletrônico atual pode ser considerado, respeitando todas as ressalvas, como os primeiros códices existentes, que pesavam mais de setenta quilos e mediam mais de um metro de comprimento, causando desconforto aos leitores e ainda distante da concepção de livro que se consolidou socialmente.

O primeiro dimensionamento a ser realizado, neste momento, é que dada a questão norteadora da pesquisa “*Como se constituem as práticas de leitura a partir do livro eletrônico?*”, propõe-se que as práticas de leitura no livro eletrônico se constituem em três partes: Interatividade com o livro eletrônico, Propósito de leitura para o uso do livro eletrônico e a Sustentabilidade na escolha pelo livro eletrônico. Cada uma destas partes é constituída por agentes que interferem nas práticas de leitura no livro eletrônico, impactando a experiência do leitor.

Destacamos como aspecto principal para a constituição das práticas de leitura no livro eletrônico o *Propósito de Leitura*, pois como pôde ser observado, primeiramente no referencial teórico. Os estudos sobre práticas de leitura denotam para o fato de que novas práticas de leitura surgiram com o acesso e a leitura de mais livros por um mesmo leitor, principalmente quando esta leitura era dedicada aos estudos. Sendo assim, o referencial teórico nos permitiu compreender como o propósito de leitura para estudo e o maior acesso aos livros fizeram com que surgisse um leitor silencioso, intensivo, com apego ao conteúdo e não mais ao livro

em si e com uma leitura não sequencial, ou seja, uma prática que *fatiava* os livros em pequenas partes para leitura, desrespeitando a então linearidade desejada pelo autor.

A análise do passado no livro impresso permitiu compreender como o propósito afeta a prática de leitura e ao transpormos esta questão ao livro eletrônico, a partir da análise dos resultados, deparamo-nos com apontamentos relacionados à historicidade das práticas no livro impresso e com novas práticas pertencentes somente ao livro eletrônico. A leitura sequencial ou não sequencial é uma prática de leitura que continua relacionado ao propósito de leitura no livro eletrônico, todavia, novas questões emergem neste contexto, pois a não sequencialidade do texto no livro eletrônico é reforçado pela capacidade de o conteúdo conter hiperlinks, que por sua vez, remetem o leitor de um texto para outro.

Conforme citado no referencial teórico, Manguel (2001, p. 42) menciona que “a leitura começa com os olhos”. Ao finalizarmos esta pesquisa, diante dos dados e resultados obtidos, percebe-se um avanço na compreensão de leitura, podendo ser possível complementar a citação de Manguel, compreendo que o início de toda leitura ocorre no momento em que o leitor decide *o que ler* e *o porquê ler*. A partir do estabelecimento do propósito de leitura de um determinado livro, um leque de ações necessárias se estabelece e diferentes ações podem ser requisitadas pelo leitor para atender a sua necessidade, assim, antes mesmo de visualizar o conteúdo de um livro, o leitor já estabelece os primeiros dimensionamentos para tal leitura e que resultarão em sua prática de leitura.

Todavia, o que os resultados da pesquisa permitem elencar é que com o livro impresso, o leitor consegue idealizar tais práticas de leitura antes mesmo de acessar o suporte físico, tendo em vista que o formato ao qual o livro impresso se apresenta na contemporaneidade segue pressupostos gerais, familiarizando seu uso entre os diferentes livros. Por sua vez, o livro eletrônico ainda não permite ao leitor tal idealização, muito devido as variações de interatividade com a qual o leitor se depara com diferentes dispositivos ou plataformas utilizadas para a leitura.

Enquanto o *Propósito de leitura* é relacionado como o aspecto principal para a constituição das práticas de leitura no livro eletrônico, a *Interatividade no livro eletrônico* é o aspecto que mais impacta o leitor na constituição de tais práticas.

Conforme os resultados, a utilização de hipermídias, ferramentas e conectividade que o livro eletrônico pode proporcionar ao leitor impacta diretamente na constituição das práticas de leitura.

A navegabilidade entre diferentes textos, proporcionado pelo *hiperlink*, torna-se uma prática de leitura essencial para o leitor do livro eletrônico, que espera encontrar no livro acessado eletronicamente possibilidades ou indicações de conteúdos complementares, que o permitam ampliar o escopo de sua leitura e a compreensão sobre determinado conteúdo. Entretanto, questões relacionadas à conectividade entre diferentes plataformas, dispositivos e formatos tem prejudicado a navegabilidade, tendo em vista questões comerciais que limitam a conexão entre livros eletrônicos de diferentes empresas.

Procópio (2010) menciona que para os editores ou produtores do livro eletrônico o principal aspecto ao disponibilizar um livro é o conteúdo, focando na relevância do mesmo para a sociedade. Em segundo lugar, os dispositivos e formatos de acesso ao conteúdo, permitindo com que o livro seja comercializado amplamente. Por último, o nível de interação dos leitores com o livro eletrônico, que pode ser realizado através da inclusão de hiperlinks e conteúdo hipermídia.

Percebe-se a falta de percepção no modelo de negócio dado ao livro eletrônico e como a produção e disponibilização dos livros em meio digital está atrelado as facilidades e lucro que os editores podem se beneficiar e não ao leitor. Um erro que necessita ser reparado, cabendo aos pesquisadores e demais profissionais da educação um olhar especial sobre este tema, tendo em vista a relevância do livro para o ensino e a sua relevância como mecanismo de memória social e cultural. Neste sentido, esta pesquisa deixa em aberto a continuidade para futuros trabalhos explorarem questões relacionadas às práticas de leitura em plataformas, dispositivos e formatos específicos do livro eletrônico, apontando diferenças e semelhanças que podem otimizar as práticas de leitura.

A leitura de hipermídias, como o áudio e vídeo, pelos leitores de livros eletrônicos também é uma prática de leitura apontada nos resultados da pesquisa. Os resultados obtidos denotam a contribuição do uso de livros eletrônicos com conteúdo em hipermídias dentro do contexto escolar, a partir de novas formas de aprendizagem proporcionadas.

Conforme mencionado no capítulo da análise, as hipermídias contribuem para uma leitura voltada ao estudo, ao mesclarem diferentes mídias em uma mesma obra, atraindo o leitor, o imergindo no texto e, ainda assim, respeitando a sua autonomia sobre o caminho a ser percorrido nesta leitura. Diante disso, ao menos duas questões ficam abertas para futuras pesquisas na área da educação: a primeira é como os processos de aprendizagem ou compreensão textual podem ser potencializados pelas ferramentas e mídias disponíveis nos livros eletrônicos. A segunda é se o uso de novas mídias no livro eletrônico afeta a cognição do leitor?

O ingresso do livro eletrônico nas escolas também é um caminho a ser pesquisado futuramente. A entrada do livro eletrônico nas escolas brasileiras perpassa pelas ações que o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação tomará nos próximos anos. Cita-se como exemplo, para o ponto de vista pedagógico, a utilização do livro didático, que no Brasil é regido pelo Decreto Federal nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010 e que não aponta em seu conteúdo menção ao formato do livro, seja impresso ou eletrônico. O fato é que o livro eletrônico pode ser economicamente viável para uma política educacional que prevê atualização do conteúdo dos livros didáticos para cada três anos (BRASIL, 2010). Ainda como possibilidade educacional, embora pouco frequente na realidade brasileira, situa-se a produção de livro eletrônico por professores e estudantes potencializando a autoria, a criação e o letramento digital no processo educacional.

Os aspectos econômicos e ambientais são apontados nesta pesquisa como ações que constituem as práticas de leitura no livro eletrônico. Alguns resultados demonstram como a *Sustentabilidade econômica* é um fator de adoção pelo livro eletrônico e como instituições educacionais podem futuramente a virem adotar o livro eletrônico por questões econômicas. Todavia, preocupa-nos a baixa percepção no uso do livro eletrônico pela perspectiva da *Sustentabilidade ambiental*, conforme analisado nos resultados desta pesquisa. Conforme a UNESCO (2005) a nossa sociedade consome seis vezes mais papel do que no mesmo período do século anterior, sendo que, naquela época não haviam ainda a escrita e a leitura digital, o que denota a voracidade com a qual consumimos nossos recursos naturais e como a área da Educação pode contribuir para uma consciência ambiental coletiva.

Por conseguinte, direcionando-se à conclusão deste estudo, compreende-se que assim como a invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler (CHARTIER, 2010), o livro eletrônico ainda se encontra em uma fase de ajuste social e mercadológica, em que as práticas de leitura a partir do seu uso estão em transição para o que será o livro do futuro. Este trabalho espera contribuir para futuras pesquisas na área da educação que busquem, através do caminho científico, respostas para as questões que envolvem o livro eletrônico em nossa sociedade e o futuro que este artefato social terá na evolução humana.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ângela Maria Tremarin de; GIL, Glória; TOMITCH, Lêda Maria Braga. Percepção de estratégias de leitura em LE de alunos universitários. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 6, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/viewFile/3391/2654>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

BIANCAROSA, Gina; GRIFFITHS, Gina C. Technology tools to support Reading in the digital age. **Future of Children**, v. 22, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://go-galegroup.ez314.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?ty=as&v=2.1&u=capes&it=search&s=RELEVANCE&p=AONE&qt=SP~139~~IU~2~~SN~1054-8289~~VO~22&lm=DA~120120000&sw=w&authCount=1>>. Acesso em: 10 jun. 2016

BRASIL. Decreto nº 7084, de 27 de janeiro de 2010. **Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7084.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7084.htm)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BUGAY, Edson Luiz; ULBRICHT, Vânia Ribas. **Hipermídias**. Florianópolis: Bookstore, 2000. 132 p. ISBN: 85-7502-0021

CAVALLO, Guglielmo. Entre volumen e codex: a leitura no mundo romano. In.: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002. p.71-102. ISBN: 85-08-07187-6

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitura, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII**. 2.ed. Brasília: Ed. UnB, 1998. 111 p. ISBN: 85-230-0378-9

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. 159 p. ISBN: 85-7139-223-4

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002. 144 p. ISBN: 85-7139-390-7

\_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estud. av.**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **A histórica cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **El mundo como representación** : estúdios sobre historia cultural. Barcelona: Gedisa, 1996.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. ISBN: 978-85-7526-393-8

CLARK, Christina; RUMBOLD, Kate. **Reading for pleasure**: a research overview. London: National Literacy Trust, 2006.

CONNAWAY, Lynn Silipigni. Electronic books (eBooks): current trends and future directions, **DESIDOC**: Bulletin of Information Technology, vol. 23, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/TGI061%20Connaway.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **Perguntas mais frequentes**. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/perguntas-mais-frequentes.html>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau**, v. 2, n. 4, 2008. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/metodos\\_quantitativos\\_e\\_qualitativos\\_um\\_resgate\\_teorico.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2016

DARNTON, Robert. **A questão do livro** : passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010. ISBN: 978-85-359-1676-8

\_\_\_\_\_. "What is the history of books?" revisited. **Modern Intellectual History**, [s.l.], v. 4, n.3, 2007. Disponível em <<https://dash.harvard.edu/handle/1/3403039>>. Acesso em: 15 jun. 2015

DIAS, Reinaldo. **Sustentabilidade**: origem e fundamentos, educação e governança global, modelo de desenvolvimento. São Paulo: Atlas, 2015. ISBN: 978-85-224-9919-9

ESCOLAR, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras** : Hipólito Escolar; Tradução Aida Nery da Fonseca. São Paulo: Quíron, 1977.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas 'estado da arte'. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. A tríade da publicação científica. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 1, fev. 1996 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101996000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101996000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 out. 2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Leitura, escrita e literatura na internet. In.: PAIVA, Aparecida *et al.*(Org.). **Literatura e letramento: Espaços, suportes e interfaces : o jogo do livro.**Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.155-173. ISBN: 978-85-7526-092-0

GERBER, Regina Márcia; TOMITCH, Lêda Maria Braga. Leitura e cognição: propósitos de leitura diferentes influem na geração de inferências? **Acta Sci. Lang. Cult.**, Maringá, v. 30, n. 2, p. 139-147, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6001>>. Acesso em: 05 jul. 2016

GOODMAN, Kenneth. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. **Letras de Hoje**, n. 86, p. 9-43, 1991.

LEME, Arthur. On demand, o novo conceito de consumo através da tecnologia. **OnoFree Consulting**. Disponível em: <<http://www.onoffre.com/artigos/2015/9/24/on-demand-o-novo-conceito-de-consumo-atravs-da-tecnologia>>. Acesso em: 01 julho 2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência** : o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 2010. 206 p. ISBN: 85-85490-15-2

\_\_\_\_\_. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Ed. 34, 2001. 189 p. ISBN: 85-7326-200-1.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p. ISBN: 85-7326-126-9.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. 157 p. ISBN: 85-7326-036-X.

LIESAPUTRA, Veronica; WITTEN, Ian H. Realistic electronic books. **International Journal Of Human-computer Studies**, [s.l.], v. 70, n. 9, p.588-610, set. 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1071581912000316>>. Acesso em: 10 out. 2014.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v.10, n.esp., 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 jul. 2014.

LINDERHOLM, Tracy; BROEK, Paul van den. The effects of reading purpose and working memory capacity on the processing of expository text. **Journal of Educational Psychology**. [S.l.], v. 94, n. 4, 2002, p. 778-784. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/232568050\\_The\\_effects\\_of\\_reading\\_purpose\\_and\\_working\\_memory\\_capacity\\_on\\_the\\_processing\\_of\\_expository\\_text\\_Journal\\_of\\_Educational\\_Psychology\\_94\\_778-784](https://www.researchgate.net/publication/232568050_The_effects_of_reading_purpose_and_working_memory_capacity_on_the_processing_of_expository_text_Journal_of_Educational_Psychology_94_778-784)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 405 p. ISBN: 85-7164-700-3

MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. MOURA, Maria Aparecida. Informação, Interação e Mobilidade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 55-76, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: Azeredo, José Carlos de (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 87-111.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1998. 519 p. ISBN: 85-08-05757-1

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2011. 223 p. (Coleção educação em ciências) ISBN 978-85-7429-914-3.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2014

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 207 p. ISBN: 85-7164-455-1

NUNES, Juliane Vargas. GONÇALVES, Berenice Santos. Hipermídias para aprendizagem da língua espanhola: avaliação qualitativa realizada por usuários/tutores. **InfoDesign**, v. 8, n. 3, p. 34-43, 2011. Disponível em: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/151>>. Acesso em: 28 maio 2016

ON demand. In: **Cambridge Dictionary**. [s.l.]: Cambridge, 2016. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/on-demand>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. 143 p. ISBN: 978-85-7061-698-2

PADOVANI, Stephania. MOURA, Dinara. **Navegação em Hipermídia: uma abordagem centrada no usuário**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

PIEDEDE, M. A. Requião. **Introdução à Teoria da Classificação**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 186 p.

PRIMO, Alex. Ferramentas de interação em ambientes educacionais mediados por computador. **Educação**, v. 24, n. 44, p. 127-149, 2001. Disponível em: <[http://www.pesquisando.atravesda.net/ferramentas\\_interacao.pdf](http://www.pesquisando.atravesda.net/ferramentas_interacao.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**: o Mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: GIZ, 2010. 230 p. ISBN: 978-85-7855-103-2

RAO, Siriginidi Subba. Electronic books: a review and evaluation. **Library Hi Tech**, vol. 21, n,1, 2003, p. 85-93. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/07378830310467427>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

SALOMON, Décio Vieira. **Como fazer uma monografia**: elementos de metodologia do trabalho científico. 5.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SANTAELLA, Lucia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a13v9n2.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço** : o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. 191 p. ISBN:85-349-2267-5

SANTAELLA, Lucia. Transmutações da escrita em suporte digital. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v.37, n. 62, p. 2-15, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 03 jan. 2016

SILVA FILHO, Antônio Mendes da Silva. Conectividade: do consumo à produção da informação. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 105, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/403>>. Acesso em: 01 jul. 2016

SPONHOLZ, Iria; GERBER, Regina Márcia; VOLKER, Taciana Bylaardt. Propósito de leitura e tipo de texto na geração de inferências. **Revista Letra Magna**. v. 03, n. 05, 2006. Disponível em: < <http://www.letramagna.com/leitura.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: UNESCO, 2005. 120 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139937por.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007. 328 p. ISBN: 978-85-08-11095-7

YEH, Hsiu-lien. *et al.* CloudBook: Implementing an E-book reader on a cloud platform by an optimized vector graphic library. **Computer Standards & Interfaces**. v. 43, 2016, p. 68-78. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/09205489>>. Acesso em: 10 jun. 2016

**APÊNDICE A – LISTA DOS ARTIGOS QUE COMPÕEM O CORPUS DA PESQUISA**

	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>AUTOR(ES)</b>	<b>PERIÓDICO</b>
1	Audiobooks and E-books : a literature review	2012	Moyer, Jessica E.	Reference & user services quarterly
2	Construction of cognitive maps to improve e-book reading and navigation	2012	Liang-Yi Li, Gwo-Dong Chen*, Sheng-Jie Yang	Computers & Education
3	Digital texts for learning finnish: shared resources and emerging practices	2013	Jalkanen, Juha Vaarala, Heidi	<i>Language Learning &amp; Technology</i>
4	E-book as facilitator of vocabulary acquisition: support of adults, dynamic dictionary and static dictionary	2014	Korat, Ofra <i>et al.</i>	Read Writ
5	E-Books as textbooks in the classroom	2012	Embong, Abd Mutalib <i>et al.</i>	Procedia - Social and Behavioral Sciences
6	Electronic versus traditional print textbooks: A comparison study onthe influence of university students'learning	2013	Rockinson- Szapkiwet <i>al.</i>	Computers & Education
7	E-textbooks at what cost? Performance and use of electronic v. print texts	2013	Daniel, David B. Woody, William Douglas	Computers & Education
8	Exploring a Literacy Development in Young Korean ELLs with Online E-books	2013	Yoon, Tecnam	Journal of Language Teaching and Research
9	Factors affecting e-book reader awareness, interest, and intention to use	2012	Jung, Jaemin <i>et al.</i>	New media & society
10	From book to e-book: A digital revolution in French cultural studies?	2014	Duché, Véronique Bourgeois, Bertrand	French Cultural Studies
11	How the e-books are used: a literature review of the e-books studies conducted from 2006 to 2011	2012	Staiger, Jeff	Reference & user services quarterly
12	Impact of the Internet surfing on reading practices and choices	2012	Loan, Fayaz Ahmad	Webology
13	Multimodal Children's E-Books Help Young Learners in Reading	2013	Morgan, Hani	Early Childhood Education
14	Not in Love, or Not in the Know? Graduate Student and Faculty Use (and Non-Use) of E-Books	2012	Cassidy, Erin Dorris Martinez, Michelle Shen, Lisa	The Journal of Academic Librarianship
15	Reading strategy and the need of e-book features	2013	Lih-Juan ChanLin	The Electronic Library

16	Realistic electronic books	2012	Liesaputra, Veronica Witten, Ian H.	Int. J. Human-Computer Studies
17	Student Reading Practices in Print and Electronic Media	2014	Foasberg, Nancy M.	College & Research Libraries
18	Students' expectation, confirmation, and continuance intention to use electronic textbooks	2013	Stone, Robert W. Baker- Eveleth, Lori	Computers in Human Behavior
19	The affordances of reading/writing on paper and digitally in Finland	2013	Taipale, Sakari	Telematics and Informatics
20	The Case for e-Book Literacy: Undergraduate Students' Experience with e-Books for Course Work	2013	Muir, Laura Hawes, Graeme	The Journal of Academic Librarianship
21	The effect of electronic books on enhancing emergent literacy skills of pre-school children	2014	Ihmeideh, Fathi M.	Computers & Education
22	The role of e-books in reshaping the publishing industry	2012	Maxim, Andrei Maxim, Alexandru	Procedia - Social and Behavioral Sciences
23	Using e-readers and internet resources to support comprehension	2013	Wright, Sandra Fugett, April Caputa, Francine	Educational technology & society
24	Working on Understanding During Collaborative Online Reading	2012	Kiili, Carita <i>et al.</i>	Journal of Literacy Research
25	Dispositivos de leitura eletrônicos	2012	Lemos, André	Comunicação, mídia e consumo

## APÊNDICE B – UNIDADES DE ANÁLISE

Unidades	Página	Artigo	Categoria	Subcategoria	Indicador
No caso dos livros, o objeto que dá suporte ao texto é muito sensorial e o corpo identifica a prática de leitura exigida por esse suporte.	119	25	Interação	Conectividade	Dispositivo
O que quero destacar aqui é que a mudança de dispositivo (os e-readers e tablets) mobiliza uma rede de atores humanos e não humanos, produzindo controvérsias (memória, confiabilidade, referências, discussão, indexação) e alterando as formas de produção, difusão e estoque de informação.	124	25	Interação	Conectividade	Dispositivo
Nos dispositivos de leitura eletrônicos, o suporte em papel (forma fechada pela edição) dá lugar a uma superfície eletrônica de onde emergem signos textuais que podem ser modificados (mudança de tamanho de fonte), colocados em contato com outros textos de forma mais performática que a referência em pé de página em um suporte em papel, ou compartilhados em redes sociais	124-125	25	Interação	Conectividade Ferramentas	Dispositivo Usabilidade
O livro entra em uma era de bancos de dados e tanto o dispositivo como a leitura ganham novas dimensões: buscar livros em bancos de dados extensos (Amazon, Google Books), encontrar passagens de um livro em outro livro, ver o que os leitores marcaram, cruzar quando e quantas vezes uma palavra aparece nos livros por ano etc.	125	25	Interação	Conectividade	Dispositivo
Práticas de processamento de conteúdo e localização de informação foram responsáveis por 88% do tempo total de trabalho, e a variância em cada era substancial. Ou seja, os alunos que passaram mais tempo com a localização de informações tiveram menos tempo para o processamento de conteúdo. Isso apoia a ideia de que a capacidade de localizar informações é importante durante a compreensão de leitura on-line	471	24	Interação	Ferramentas	Pesquisa
Tal como indicado pela Figura 1, os participantes utilizaram mais recursos de alfabetização ao lerem em formato eletrônico.	372	23	Interação	Ferramentas	Dicionário

Mais recursos foram utilizados quando os participantes estavam lendo com as fontes eletrônicas do que quando eles estavam lendo materiais impressos, mesmo que tenha sido disponibilizado os mesmos tipos de recursos para ambas as condições.	372	23	Interação	Ferramentas	
Os resultados apoiam a hipótese de que as crianças acessam recursos de suporte a leitura (por exemplo, um dicionário) com mais frequência ao usar um leitor eletrônico.	373	23	Interação	Ferramentas	
Pedagogicamente, a conclusão lógica é que a evidência a partir desta pesquisa apoia o uso de e-book em grupos de leitura e na sala de aula.	374	23	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
A introdução dos e-books adiciona vantagens de entrega imediata e preços mais baixos. Os livros podem ser baixados em segundos a um e-reader, um computador, um tablet ou um smartphone, usando redes Wi-Fi ou 3G.	1047	22	Sustentabilidade	Econômica	
Algumas empresas também oferecem a possibilidade de sincronizar notas, favoritos e outras informações entre dispositivos.	1047	22	Interação	Ferramentas	
E-readers podem armazenar milhares de títulos, telas sensíveis ao toque metragens, iluminação para leitura no escuro e conectividade com redes sociais para compartilhar opiniões ou passagens favoritas.	1048	22	Interação	Ferramentas	
Um campo em que e-books podem gerar benefícios significativos é a educação. Livros escolares, especialmente aqueles destinados a assuntos técnicos, como a química, matemática ou física podem agora usar o novo formato de arquivo EPUB 3 para incluir além do texto e ilustrações, gráficos animados e figuras, sobreposições de mídia, vídeos com mensagens de profissionais ou técnicos, sons e imagens das reações químicas, assim como muitas outras formas de comunicação.	1048	22	Interação	Hipermídias	Áudio Vídeo
E-books atraiu o interesse e a atenção das crianças por causa da estrutura, interatividade e funcionalidade	46	21	Interação	Conectividade	

Isso quer dizer que, embora as crianças de ambos os grupos foram expostas ao mesmo conteúdo, as crianças que lidaram com e-books tiveram acesso ao texto digital, que inclui efeitos de mídia, como texto escrito, leitura oral, efeitos sonoros, animações, narração e música. Esses recursos fornecem as crianças muitas oportunidades para se envolverem com o texto	46	21	Interação	Hipermídias	
Por exemplo, imagens e animações ajudaram as crianças a reconhecer as novas palavras do vocabulário	47	21	Interação	Hipermídias	
Algumas das razões para a baixa aceitação de e-books incluem a limitada disponibilidade de e-book acadêmicos pelos editores, o desconhecimento dos potenciais utilizadores de e-books, o desconforto na leitura on-line e os problemas de interfaces em plataformas de e-book.	260	20	Interação	Conectividade	Plataforma
Maioria dos alunos (98,3%) já tinham usado e-books para o estudo.	262	20	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
Um estudante abriu duas abas no navegador e acessou ambos os e-books antes de prosseguir com as pesquisas. Isto foi interessante, pois é semelhante a abordagem que poderia ter levado com livros impressos, ou seja, consultado mais de um livro de cada vez e usá-los abertos no ambiente de trabalho.	263	20	Interação	Ferramentas	Usabilidade
A estudante " B" tentou localizar quatro vezes a caixa de pesquisa no PDF, na plataforma MyLibrary, e depois desistiu. Ela paginou para a frente através do e-book e demorou a encontrar informações relevantes. Ela nunca descobriu a função de busca e comentou (na entrevista reflexiva depois da tarefa) que ela teria "gostado de ter sido capaz de procurar em todo o e-book."	264	20	Interação	Ferramentas	Pesquisa
As tabelas de conteúdo foram usadas para fornecer algum contexto para os alunos, algo que os resultados da pesquisa não forneceram.	265	20	Interação	Ferramentas	
A maioria dos participantes na tarefa observada tiveram dificuldades com a navegação entre as páginas: partindo em descobrir as características que os permitiam navegar pelas páginas para usá-los adequadamente	266	20	Interação	Conectividade	Plataforma

A falta de consistência para o usuário mover-se entre as duas plataformas e o fato de que não há uma interface padrão, causou problemas porque botões e abas estavam em locais diferentes.	266	20	Interação	Conectividade	Plataforma
Estudantes acadêmicos que usam e-books enfrentam problemas no acesso, como o insuficiente contexto em resultados de pesquisa, ferramentas de navegação inábil, uma experiência de leitura desagradável e interfaces que não são de uso intuitivo.	272	20	Interação	Conectividade Ferramentas	Plataforma
Em relação aos <i>retornos</i> negativos da leitura na tela, observações encontradas a partir do material de pesquisa são um pouco mais numerosos. Como oposto lógico para os profissionais de leitura em papel, foi mencionado que a leitura de textos mais longos na tela cansa os olhos.	539	19	Propósito de leitura	Leitura Educacional	Leitura extensiva
Outro retorno negativo para a leitura na tela se relaciona com o tamanho e as dimensões limitadas da tela	539	19	Interação	Conectividade	Dispositivo
Para concluir, o material de pesquisa indica que os estudantes finlandeses estão no meio de uma transição da leitura em papel em relação à leitura em tela. Alguns entrevistados descrevem como eles foram recentemente direcionados com sucesso para leitura em materiais eletrônicos, como eles descobriram que esta leitura é apoiada por funcionalidades, tais como anotações e realces, que eles também gostam de utilizar no papel.	539	19	Interação	Ferramentas	
Uma forma de prática de "leitura intensiva" surge com estudantes que estão começando a aprender a anotar e realçar textos eletrônicos.	540	19	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educacional	
Assim, os alunos têm necessidades de leituras especializados, porque eles precisam de ler para suas aulas. Suas práticas de leitura como estudantes difere do que eles vivenciam quando não estão matriculadas na escola.	713	17	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
Para os participantes deste estudo, leitura acadêmica é uma experiência física e mental muito diferente de outros tipos de leitura.	713	17	Propósito de leitura	Leitura Educacional	

Quando perguntado sobre a diferença que faz o propósito da leitura em suas práticas de leitura, os participantes citaram diferenças em sua postura física, o seu compromisso com o texto e os gêneros que se encontravam na leitura. Essas diferenças indicam que a maioria dos participantes acreditavam que eles eram mais propensos a se envolver em leitura intensiva quando eles estavam lendo para a escola; ou seja, eles se engajaram com o texto para integrá-lo com o que eles já sabiam, ao invés de receber mais passivamente a informação (leitura receptivo).	713	17	Propósito de leitura	Leitura Educacional	Leitura concentrada
Um sinal de leitura responsiva responde ao texto, anotando, destacando, e tomando notas.	713	17	Propósito de leitura	Leitura educacional	Leitura interativa
Apoia a ideia de que estes comportamentos os ajuda a ler responsabilmente e são úteis para leitura acadêmica, os estudantes indicaram acreditar que o processo de anotação de textos auxilia a absorver informações	714	17	Propósito de leitura	Leitura educacional	Leitura interativa
Os diários refletiram o mesmo comportamento descrito acima; participantes eram muito mais propensos a tomar notas ou marcar sua leitura quando a leitura foi para a aula.	714	17	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
Alguns participantes explicaram que tinham maior dificuldade de concentração com textos eletrônicos e ficaram frustrados ao não poderem interagir da mesma maneira que interagem com os livros impressos	714	17	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
Acesso a links foi valioso para os alunos quando eles estavam usando formatos eletrônicos; apesar do menor número de leituras eletrônicas registrados no estudo, a maioria dos casos em que os participantes acessavam um link ou uma citação, eles estavam em um formato eletrônico. Esta é uma vantagem de trabalhar por via eletrônica, mas também se verificou participantes se distraíndo em alguns momentos	717	17	Interação	Hipermídias	Hiperlink
Os políticos e os administradores de instituições educacionais vêm tentando estender o uso dos e-books, em grande parte por razões econômicas.	719	17	Sustentabilidade	Econômica	
Os alunos que usaram e-readers, na maioria das vezes, utilizavam para leitura de lazer e raramente para a escola	719	17	Propósito de leitura	Leitura de lazer	

Compare um livro medieval com um livro moderno: os mesmos princípios estão ainda nas obras. Os leitores só precisarão aprender essas convenções uma vez e podem usá-las para o resto de suas vidas.	588	16			
Os sistemas atuais de documentos eletrônicos oferecem grande valor acrescentado sobre os livros de papel: os autores podem revisar as informações de forma rápida e incorporar hiperlinks e multimídia, e os leitores podem localizar palavras ou frases através de pesquisa de texto completo.	588	16	Interação	Ferramentas	
Leitura passiva é frequentemente associada com a leitura para lazer ou entretenimento, como ao ler romances, poemas e e-mails. Ele requer menos pensamento e esforço do que a leitura ativa. Leitura ativa envolve não apenas a leitura do documento, mas também a tomada crítica de pensamento, aprendizagem e decisão. Por exemplo, enquanto um aluno está estudando um livro, ele ou ela pode marcar algumas páginas do livro, e adicionar seus próprios comentários ao texto.	589	16	Propósito de leitura	Leitura de lazer Leitura Educacional	
A navegação e personalização na leitura digital apresentam muitos problemas de usabilidade: Acessando e abrindo o livro; saber onde se está nele; fornecendo acesso e informações suplementares; navegar dentro dele; localizar informações por pesquisa de texto completo ou um índice e a personalização com anotação ou favoritos.	592	16	Interação	Ferramentas	
Com documentos eletrônicos, a compreensão pode ser melhorada por meio de hiperlinks em palavras e frases que remetam para um glossário. Os leitores que não tem certeza do significado de um termo podem clicar nele, e imediatamente ver sua definição.	593	16	Interação	Hipermídias	
Por outro lado, a utilização de hiperlinks para a suplementação de material pode confundir e distrair.	593	16	Interação	Hipermídias	

<p>Livros físicos fornecem uma tabela de conteúdo e índice de palavras a ser usado como pontos rápidos de entrada para o conteúdo do documento e como um mapa para navegar através do livro. Documentos eletrônicos geralmente têm um índice de conteúdo e uma função de pesquisa de texto completo: eles raramente incluem índices de palavras. Em vez disso, os usuários digitam uma palavra ou frase para obter a informação desejada através de pesquisa. No entanto, as pessoas usam uma variedade de palavras para se referir à mesma coisa.</p>	593	16	Interação	Ferramentas	Pesquisa
<p>Sistemas de anotação e marcações on-line são destinadas a dar aos documentos eletrônicos as mesmas facilidades de personalização dos documentos impressos.</p>	594	16	Interação	Ferramentas	Anotação
<p>No entanto, em contraste com a riqueza de práticas de personalização em livros impressos, os leitores raramente personalizam os documentos on-line.</p>	594	16	Interação	Ferramentas	
<p>As pessoas tendem a empregar as mesmas ferramentas e estratégias ao ler texto eletrônico como fazem para os livros físicos.</p>	607	16	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
<p>Com o uso de tecnologias web, recursos interativos são fornecidos por plataformas de e-book, como ferramentas de edição, hiperlinks e capacidades de pesquisa. Estes recursos interativos são uma vantagem que os e-books têm sobre os livros impressos. No entanto, precauções devem ser tomadas no projeto desses recursos interativos. Como os usuários são tão familiarizados com ferramentas on-line onipresentes, tais como a função de pesquisa do Google, eles podem tornar-se frustrados e confusos quando e-books não funcionam de forma semelhante.</p>	331	15	Interação	Ferramentas	
<p>As novas plataformas de e-books tem dedicado grande esforço para a criação de um ambiente de leitura eletrônica de fácil utilização dos leitores. Para suportar o uso de estratégias cognitivas por parte do usuário, várias ferramentas são fornecidas em sistemas de e-book, como marca-texto eletrônico, marcadores, registro do histórico de leitura e anotações eletrônicas.</p>	332	15	Interação	Ferramentas	

<p>Na categoria de "compreensão e tomada de decisão", os estudantes empregaram estratégias que os ajudaram na tomada de decisões para compreender a leitura eletrônica do conteúdo. Por exemplo, os estudantes usaram estruturas de conteúdo fornecidos nos e-books para auxiliar na visualização das relações entre os componentes, a fim de decidir o que ler. Outras estratégias, como o uso de informação sobre o autor, a indicação do assunto, anotações, gráficos, enciclopédias e o motor de busca também ajudaram os alunos a compreender a leitura de conteúdo</p>	336	15	Interação	Ferramentas	
<p>De acordo com as 201 respostas válidas, os alunos expressaram as maiores necessidade de estratégias de leitura eletrônica para leitura acadêmica, incluindo: "motor de busca para obter várias fontes de informação para ajudar a compreensão", "Pré-análise da leitura do conteúdo" e "Definir o conteúdo necessário para leitura" ; Para a leitura de lazer os alunos expressaram "Comece com conteúdo interessante e importante", "Definir o conteúdo necessário para leitura" e "Usar gráficos para interpretar conteúdo lido".</p>	337	15	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
<p>Para avaliar a necessidade dos alunos nos vários recursos suportados por sistemas de e-book, o nível de necessidade de recursos dos e-books revela maior necessidade para os seguintes itens na leitura acadêmica e lazer: "Acesso rápido ao conteúdo específico de leitura", "função de pesquisa na página", "leitura off-line", "Histórico das leituras anteriores", "O acesso a uma página específica através da tabela de conteúdo", "ampliação e redução da fonte", "Pesquisar no texto completo". Para leitura acadêmica, a necessidade maior foi observada nos seguintes itens: "Impressão", "Esboço do conteúdo do capítulo" e "Salvar cópia da leitura anterior", "O acesso a uma página específica através da tabela de conteúdo"</p>	338	15	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa Leitura de lazer	

Entre as várias estratégias identificadas a partir dos dados das entrevistas, a avaliação quantitativa revela a necessidade de diferentes estratégias eletrônicas para fins acadêmicos e de lazer. A partir de uma comparação estatística, estudantes reagiram de forma diferente (em muitos itens do questionário) para a necessidade de estratégias de leitura eletrônica e recursos de e-book quando o objetivo era a leitura acadêmica ou a leitura para lazer	340	15	Propósito de leitura	Leitura de lazer Leitura Educacional	
A partir de uma avaliação qualitativa, dados de entrevistas também revelaram que os estudantes têm o hábito de re-leitura de conteúdo já lido, empregando notações para explicação explícita, e integrando e extraindo diferentes recursos simultaneamente.	340	15	Interação	Ferramentas	
Quando se trata de recursos dos e-books, ambos os grupos de usuários e não-usuários classificaram a capacidade de pesquisar em todo o texto e a impressão como as funções mais importantes, seguidas pelas habilidades para tomar notas e destacar textos. Ambos os grupos também concordaram que a capacidade de imprimir páginas individuais (classificados 4.01 out of 5) foi mais importante do que a capacidade de imprimir um capítulo inteiro (3,80 de 5) ou o livro inteiro (3,05 de 5). A interatividade de texto, como vídeos incorporados e hiperlinks, foi classificada como a característica menos importante por ambos os grupos.	328	14	Interação	Ferramentas	
No entanto, considerando as tendências atuais de publicação, as questões ambientais, preocupações com espaço físico e a necessidade de atender a uma população crescente de estudantes à distância, pode-se concluir que os alunos não preferem e-books, mas vão usá-los por conveniência e que os e-books em bibliotecas acadêmicas não são apenas uma moda passageira.	328	14	Sustentabilidade	Ambiental	
Algumas preferências dos usuários sobre as funcionalidades de e-book não foram surpreendentes para os autores. Por exemplo, pesquisar e imprimir foram classificados com importância, e ambos estão entre as características mais comuns encontrados nas plataformas de e-book.	329	14	Interação	Ferramentas	

<p>No entanto, eles preferem ter um livro impresso para facilitar a anotação, marcações, destacando, saltando para trás e para a frente entre as páginas e outras atividades com as quais a maioria dos pesquisadores estão familiarizados. Os autores interpretam isso como evidência de que muitos estudantes estão escolhendo os e-books não porque eles especificamente preferem o meio digital, mas simplesmente porque os e-books preenchem uma necessidade, quando os alunos sentem que têm pouca escolha.</p>	329	14	Sustentabilidade	Econômica	
<p>Além disso, outros trabalhos evidenciam que as técnicas de leitura ativa, tais como anotações e realce, podem ajudar no engajamento crítico do leitor sobre um texto e melhorar a compreensão da leitura.</p>	329	14	Interação	Ferramentas	
<p>Algumas plataformas, como a Ebrary e EBSCO eBooks (anteriormente NetLibrary), estão bem equipados para acomodar interações como realce e anotações, permitindo salvar tais anotações em uma conta pessoal. No entanto, surpreendentemente, nem todas as novas plataformas de e-book incorporam essas funcionalidades.</p>	329	14	Interação	Ferramentas	
<p>Os autores esperam que todos os editores e desenvolvedores de plataforma de e-books considerem cuidadosamente a necessidade de disponibilizar esses recursos, para facilitar a adoção dos e-books pelos pesquisadores, que podem atualmente optar pelo livro impresso só porque os e-books que eles têm experimentado até agora ainda não servem de forma adequada às suas necessidades.</p>	329	14	Interação	Ferramentas	
<p>Outra característica muito importante foi enfatizada pelos respondentes do estudo: A capacidade de copiar e colar um trecho de texto. Embora houvesse um momento em que plataformas como NetLibrary era mais restritiva ao copiar o texto, a indústria do e-book está agora adotando plenamente esta funcionalidade. Este é outro exemplo de uma área em que os usuários naturalmente esperam que o ambiente digital se diferencie de um livro impresso.</p>	329	14	Interação	Ferramentas	

Outro ponto importante enfatizado por este estudo é a questão da acessibilidade do e-book. Esta é uma questão multifacetada que engloba não só a usabilidade de um e-book por pessoas com deficiência, mas também a sua portabilidade e compatibilidade entre diferentes plataformas.	330	14	Interação	Ferramentas	
Sobre este ponto, os autores recomendam que os editores de livros eletrônicos e projetistas de plataformas tentem fornecer tantas opções quanto possível para ajustar visualmente a exibição do texto, bem como opções para impressão e conversão de texto em fala, de forma a proporcionar a melhor experiência possível para o número máximo de usuários, independentemente de habilidades.	330	14	Interação	Ferramentas	
E-books multimodais promovem o desenvolvimento da alfabetização, fornecendo aos jovens alunos orientação por meio do uso de ferramentas de texto adicionais (Larson 2010).	478	13	Interação	Hipermídias	
Lacina e Mathews (2012) explicam que quando os instrutores permitem que crianças utilizem ferramentas de texto nos e-books multimodais, elas tendem a melhorar a compreensão da leitura, obtendo ajuda na pronúncia, vocabulário e narração. Estes e-books multimodais fornecem displays visuais de palavras que ajudam os alunos a entender o vocabulário, o texto repetido que permite que palavras possam ser lidos novamente, a animação e o som que os ajudam a se concentrar no significado.	478	13	Interação	Hipermídias	Áudio vídeo
E-books multimodais foram originalmente concebidos para crianças com idades entre três e doze anos, e foram desenvolvidos pela primeira vez cerca de 15 anos atrás. O uso de e-books infantis para fornecer instrução ajuda os professores a integrar o conteúdo de forma mais visual, como vídeo, animação e imagens independentes.	479	13	Interação	Hipermídias	
Quando jovens aprendizes usam aplicativos de e-book, que podem ser vistos em um iPad, iPod ou outro tipo de e-reader, eles podem tocar a tela em seu dispositivo de leitura a fim de ativar vários recursos.	479	13	Interação	Ferramentas	

Opções como essa não só incentivam os alunos a aprender visualmente, mas também sinestesticamente, porque eles têm que usar seus dedos para ativar as diferentes características dos programas. Quando aprendem com e-books, as crianças também têm acesso a áudio, permitindo-lhes não só para ouvir música, mas também a narração, e a pronúncia correta de palavras desconhecidas.	479	13	Interação	Hipermídias	
Quando os professores permitem que as crianças utilizem estas ferramentas adicionais, eles não só fornecem apoio pedagógico, mas também oferecerem mais maneiras para o leitor compreender o significado de uma história. Leitores proficientes também se beneficiam na compreensão de leitura com o apoio dessas ferramentas.	479	13	Interação	Ferramentas	
Os professores precisam fazer uso dos e-books com cuidado, pois os alunos podem perder o foco da história ao usar esses recursos em algumas situações.	481	13	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura educacional	
Estes tipos de e-books, muitas vezes proporcionam às crianças com deficiência o acesso a textos que anteriormente eram muito difícil de entender.	482	13	Interação	Ferramentas	
Baixos níveis de alfabetização certamente farão com que as crianças tenham menor desempenho em muitas disciplinas acadêmicas futuramente. Para impedir isto, os professores e os pais podem usar estratégias e recursos que tornam a leitura mais fácil e agradável para os jovens estudantes. Uma dessas estratégias é utilizar e-books multimodais para o ensino da leitura.	482	13	Interação	Hipermídias	
Crianças podem se beneficiar desses recursos através de características que incluem som, ilustração, animação e vídeo. Os investigadores têm mostrado que, quando crianças pequenas fazem uso de ferramentas adicionais de texto, elas fazem um bom progresso na leitura	483	13	Interação	Ferramentas	
As tecnologias de hipertexto e hipermídia permitem aos leitores irem de uma página para outra selecionando links em várias direções, popularmente conhecido como surfar.	2	12	Interação	Hipermídias	Hiperlink
Maioria dos alunos admitem que a navegação na Internet aumenta leitura interativa e superficial e diminui a leitura sequencial e concentrada.	5	12	Propósito de leitura	Leitura de lazer	

Assim, a inferência pode ser extraída a partir do teste e verificação da hipótese de que navegar muito impacta nas práticas de leitura. Ao analisar o valor calculado de <i>Chi Square</i> ( $X^2$ ) individualmente, a inferência pode ser extraída de que o maior impacto é sobre leitura interativa, seguido pela leitura superficial, leitura sequencial e leitura concentrada, respectivamente, e menos na leitura extensiva, seguida da leitura em profundidade. Estes resultados vêm como nenhuma surpresa, pois vários estudos já demonstraram a mesma tendência	6	12	Propósito de leitura	Leitura Educacional	
As possíveis razões para o declínio na leitura concentrada durante a navegação na internet são os hiperlinks embutidos nos recursos da web, imagens piscando no site, a abertura de sites indesejados e a rolagem-retorno das páginas. Estes problemas precisam ser resolvidos durante a navegação para a leitura concentrada	7	12	Interação Propósito de leitura	Hipermídias Leitura educacional	
Além disso, os novos dispositivos de leitura, como o Kindle da Amazon, podem fazer da leitura digital uma leitura contínua, aprofundada e concentrada.	7	12	Interação	Ferramentas	
O estudo revela que a navegação na Internet tem um grande impacto sobre as práticas de leitura tradicionais. As práticas de leitura estão em transição: De: Leitura sequencial                      Para: Leitura não sequencial De: Leitura passiva                            Para: Leitura interativa De: Leitura concentrada                      Para: leitura superficial De: Leitura em profundidade                Para: leitura extensiva	8	12	Propósito de leitura	Leitura de lazer Leitura Educacional	
As duas principais vantagens dos e-books apontados pelos usuários da biblioteca que responderam ao estudo foram a capacidade de pesquisa e a disponibilidade do material a qualquer hora	355	11	Interação	Ferramentas	
As desvantagens mais citadas foram a dificuldade de navegação e a perda da capacidade de realizar as práticas de investigação habituais, tais como ler atentamente e andar pelas estantes dos livros físicos.	355	11	Propósito de leitura	Leitura educacional	
O e-book não é apenas outra maneira de transmitir o conteúdo que poderia ser apresentado na forma física; a passagem do texto de um livro para o formato digital pode alterar, de maneira sutil, as quais estamos apenas começando a entender, a própria experiência fundamental do que	355	11	Interação	Conectividade	Formato

é o conteúdo.					
Coerentes com as suas conclusões que os e-books não suportam a leitura prolongada ou imersiva, afirmam que livros impressos e e-books não concorrem entre si.	360	11	Propósito de leitura	Leitura educacional	
Em outras palavras, talvez o que esses estudos têm descoberto é a simples prática padrão dos estudantes, quando se trata de livros de qualquer tipo, de modo que o que aparece como uma forma precipitada de investigação encorajados pela presença de e-books on-line e funções de pesquisa é simplesmente uma transposição para o novo meio de procedimentos e atitudes já existentes.	361	11	Interação Propósito de leitura	Conectividade Leitura de lazer	
Três vantagens de literatura digital podem ser facilmente identificadas: a facilidade de som, as opções de ajuda e o aspecto visual.	421	10	Interação	Ferramentas	
E-books clássicos permitem alguns ajustes - tamanhos de fonte podem ser alterados e realce ou anotações são possíveis - e podem ser lidos em um computador de tela grande, um tablet ou um smartphone.	424	10	Interação	Ferramentas	
Os novos livros aprimorados oferecem simulações de áudio, vídeo e de computador. Estes livros aprimorados podem potencialmente ameaçar o mercado do livro tradicional francês, como eles são particularmente interessantes como livros infantis ou, como vimos, como livre autoria	424	10	Sustentabilidade	Econômica	
No que diz respeito aos perfis demográficos de consumo, os mais jovens, os mais instruídos e os consumidores de maior renda tenderam a apresentar níveis mais elevados de consciência, interesse e intenção de usar e-books.	217	9	Sustentabilidade	Econômica	
Contrário às expectativas anteriores, o uso da mídia de massa não foi encontrado para se relacionar com a consciência, interesse ou intenção de utilizar um e-book reader; no entanto, a quantidade de tempo no uso da internet foi positivamente relacionada para as três variáveis de adoção. É plausível que as práticas de um leitor de e-book é mais funcionalmente semelhante ao meio da internet, tanto em termos de seu formato / entrega de materiais de leitura e à natureza das informações em causa.	217	9	Interação	Hipermídias	

Existem quatro principais benefícios pedagógicos com um e-book. Em termos de uma animada e-book, a primeira consideração é o som de música e efeito, que as pessoas de todas as idades ouvir.	255	8	Interação	Hipermídias	
Em segundo lugar, como mencionado anteriormente, um e-book é simplesmente baseado na Internet, o que é muito sugestivo para o uso de vários dispositivos eletrônicos.	255	8	Interação	Conectividade	Dispositivo
E em terceiro lugar, devido ao desenvolvimento da tecnologia da informação, um benefício notável que um e-book detém é sua portabilidade que torna possível para os leitores desfrutar do prazer de ler em qualquer lugar ou em qualquer momento.	255	8	Interação	Conectividade	Dispositivo
Como o resultado indicado acima, houve uma evidente eficácia na instrução para a leitura de e-book. Com o aumento da pontuação média, este resultado pode ser deduzido que o uso de um e-book com um glossário levou ao aumento do vocabulário. E é claro que um aumento do vocabulário não só melhorou a aptidão acadêmica global, compreensão de leitura, pensamento crítico e habilidades para resolver problemas, mas também desencadeou a imaginação dos alunos e os expôs a novas experiências e conceitos.	256	8	Interação	Ferramentas	
A segunda resposta mais frequente foi a de que a utilização de um e-book foi mais conveniente do que um livro impresso. Isto está de acordo com as respostas positivas para a instrução da pesquisa de satisfação de que o uso de um e-book é útil para a aprendizagem de Inglês, porque não tem limitação de tempo e espaço.	258	8	Interação	Conectividade	
A sexta resposta mais frequente foi a de que áudio de fundo e efeitos de som em um e-book foram muito interessantes e úteis para desencadear uma leitura agradável.	258	8	Interação	Hipermídias	
A razão para a melhoria da compreensão de leitura e vocabulário é considerado pelo fato de que os alunos foram capazes de ter mais oportunidades de envolvimento quando estão em uma atividade de leitura online.	259	8	Interação	Hipermídias	

No geral, os resultados da pesquisa e comentários escritos pelos alunos indicam que as principais características de um e-book, ou seja, a flexibilidade no acesso e uso de multimídia, motivou os alunos a gostar de ler e estudar Inglês, e, portanto, promoveu o interesse e o desejo em avançar os estudos e a leitura	259	8	Interação	Conectividade Hiperfídias	
Os alunos em condições eletrônicas geralmente levaram mais tempo para ler do que aqueles que leem a partir de livros didáticos tradicionais.	22	7	Interação Propósito de leitura	Conectividade Leitura de lazer	
Nossos dados oferecerem algumas sugestões para o aumento do tempo que os estudantes relataram para a leitura do texto eletrônico. Embora os alunos no laboratório não foram capazes de realizarem outras tarefas (informalmente, no entanto, nós fizemos evitar vários alunos nas condições de eletrônicos de tentar verificar e-mail ou mídia social), os estudantes em casa eram livres para ler a qualquer hora entre o recebimento do material e responder ao questionário e eles eram livres para se envolver em outras atividades como eles escolheram.	22	7	Interação Propósito de leitura	Conectividade Leitura de lazer	
É razoável especular que estudantes de leitura de texto a partir do mesmo computador no qual eles verificam e-mail, Facebook, etc. podem ser tentados a buscar essas mesmas atividades como leem.	22	7	Interação Propósito de leitura	Conectividade Leitura Educativa	
Existem dois formatos para os e-livros. São e-livros com páginas fiéis ao impresso e e-livros digitalmente refluídos (Jeong, 2012; Nelson, 2008; Vassiliou & Rowley, 2008; Chesser, 2011).	260	6	Interação	Hiperfídias	
E-livros com páginas fiéis são simplesmente imagens digitalizadas da versão impressa do livro. Um exemplo disso é um arquivo PDF com nenhuma mídia dinâmica, links da web ou a inexistência de capacidade para manipular fonte ou imagens.	260	6	Interação	Hiperfídias	
E-books usam um sistema de formato flexível que inclui mídia dinâmica e permite ao usuário modificar tanto o layout quanto os recursos interativos do e-book para se adequar ao visor	260	6	Interação	Ferramentas Hiperfídias	

<p>Os alunos também indicados outros factores, tais como o facto de o custo de compra / textos usados em linha foi menor do que o e-livro (n = 42, 9,7%); a capacidade de manter o texto tradicional após o curso (n = 17, 4%); a incapacidade de comprar o e-livro com dinheiro do empréstimo (n ¼ 16, 3,8%); dificuldade para ler na tela (n ¼ 16, 3,8%); e preferências de aprendizagem ou estilo (n ¼ 8, 1,9%) impactado sua decisão de usar um livro tradicional. Quinze alunos explicaram que gostava de usar e-livros, no entanto, formatos de e-livros didáticos são diferentes e eles não gostaram do formato proposto para o presente curso. Nove destes estudantes comentou que o formato era "muito restritivo".</p>	263	6	Interação	Ferramentas	
<p>Os participantes foram convidados a responder à pergunta: "O que melhor descreve como você lê o seu texto para este curso? Com três opções categóricas que incluíam " Leia palavra por palavra " / "superficial" e "Não leio para este curso". Sessenta e cinco por cento (n = 281) do grupo do livro tradicional relataram ler o texto palavra por palavra. Trinta e cinco por cento (n = 151) relataram ler superficialmente seus livros tradicionais. Por outro lado, 68 (64,3%) de grupo e-livro relataram que eles leem seu texto palavra por palavra e 38 (35,8%) relataram ler seus e-livros didáticos superficialmente. Uma análise do quadro demonstrou que os grupos de leitura em e-livro e livros didáticos tradicionais não diferiram significativamente na maneira pela qual eles se aproximaram de ler seus textos para os cursos. O grupo de e-livro e grupo livro tradicional (não diferem no número de horas por semana que relataram usar o livro para estudar para seus cursos.</p>	263	6	Propósito de leitura	Leitura de lazer	
<p>Os estilos para fazer anotações variaram consideravelmente por grupo. Usuários de e-books didáticos eram quase três vezes mais propensos a fazer anotações diretamente no texto, quando comparado com usuários do texto impresso. Ambos os grupos utilizaram regularmente notas manuscritas em papel.</p>	263	6	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
<p>Ao contrário de um computador pessoal, tablets e textos impressos são portáteis e possuem capacidade para destaque e anotações. Esses e outros novos desenvolvimentos em tecnologia podem ajudar a superar os desafios anteriormente documentados na literatura em relação ao e-textos e os dispositivos para leitura.</p>	264	6	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	

Os alunos escolhem livros eletrônicos devido ao custo e portabilidade, mas quatro em cada cinco alunos esmagadoramente continuam a preferir livros didáticos impressos devido à familiaridade com versões impressas e a capacidade de destacar texto, colocar orelhas nas páginas e tomar notas.	264	6	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
Relatos de técnicas de leitura dos alunos produziram percentagens comparáveis na leitura concentrada e superficial e não houve diferença significativa no tempo de estudo com base na versão de texto selecionado.	264	6	Propósito de leitura	Leitura de lazer	
O relato de uso dos dois formatos indica que os usuários de e-books didáticos realmente interagiram mais com o texto através do uso de recursos eletrônicos, tais como destacar e tomar notas.	264	6	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
Leitores de e-book serão capazes de realizar tarefas como impressão, conteúdo audiovisual, interatividade sensível ao toque e até mesmo comunicações sem fio.	1803	5	Interação	Ferramentas	
Para os estudantes, o uso de e-Books traz uma série de impactos, uma delas é a redução do esforço para transportar os livros convencionais. E-Books beneficia fisicamente, academicamente e psicologicamente o aluno. Um e-reader pode comprimir o conteúdo de um livro convencional.	1804	5	Propósito de leitura Sustentabilidade	Econômica Leitura Educativa	
Do ponto de vista dos pais ou responsáveis, o uso de e-livros nas salas de aula será econômico. A maioria dos e-books são subsidiados pelas escolas, emprestados aos alunos, e mantido por tecnólogos.	1804	5	Sustentabilidade	Econômica	
O empréstimo de e-Books irá eliminar a necessidade de comprar livros didáticos impressos, que são objeto de menor vida útil em comparação com os e-Books.	1804	5	Sustentabilidade	Ambiental	
Há uma capacidade de armazenagem limitada sobre o próprio hardware	1804	5	Interação	Conectividade	Dispositivo
Alguns e-readers desencorajam anotação de texto. Os alunos não podem escrever, sublinhar, circular ou mesmo comentar nas margens para ajudá-los a compreender e analisar o texto.	1804	5	Interação	Ferramentas	
DRM rigoroso (Digital Rights Management) muitas vezes impede os e-Books de serem deslocados de um dispositivo para outro.	1804	5	Interação	Conectividade	Formato

E-Books pode apresentar qualquer tipo de materiais auditivos ou visuais, incluindo voz, texto, música, animações, fotografias ou vídeos, isoladamente ou em combinações diferentes	1805	5	Interação	Hipermídias	
A capacidade de apresentar informações e atividades em vários formatos também significa que os e-Books podem aceitar uma variedade de entradas de alunos, variando de cliques de mouse para texto escrito e palavras faladas. Ele pode ser programado para verificar o trabalho de um estudante.	1806	5	Interação	Conectividade	
O e-book pode, por exemplo, gravar as respostas de todos os estudantes de uma classe e, em seguida, comunicar imediatamente ao professor os erros cometidos por cada aluno, bem como os erros comuns feitos por toda a classe	1806	5	Interação	Conectividade	
A maioria dos softwares de e-books oferecem a possibilidade de realçar seções do texto e tomar notas. Alguns até mesmo permitem criar desenhos no livro. Todos esses recursos podem aumentar a compreensão e a atenção do aluno para uma determinada obra	1806	5	Interação Propósito de leitura	Ferramentas Leitura Educativa	
Enquanto suporte que prevê o processo de aprendizagem, também deverá promover o desenvolvimento sustentável do conhecimento e da aprendizagem social.	1806	5	Sustentabilidade	Ambiental	
A maioria dos e-books incluem pontos de acesso ocultos que são dispositivos incorporados na tela que se destinam a fornecer informações adicionais sobre o texto. Ao clicar em uma palavra de incandescência no texto às vezes dá às crianças uma explicação da palavra, clarificando o seu significado. Ativação de e-books que incorporam um dicionário embutido pode oferecer às crianças a oportunidade de aprender o significado de palavras novas.	614	4	Interação	Ferramentas	
crianças expostas a animações demonstram maior progresso nas habilidades de linguagem e compreensão narrativa do que aquelas expostas a imagens estáticas nos e-books	616	4	Interação	Hipermídias	
E-books com dicionário interativo propiciam melhores práticas de leitura para crianças do que a interferência de adultos, para explicação ou o uso de um dicionário impresso.	619	4	Interação	Ferramentas	

Nossa pesquisa mostra que um dicionário focado em "palavras alvo", quando animado, é mais eficiente para a aprendizagem do que a apresentação estática.	624	4	Interação	Ferramentas	
O texto tradicional não é o único construtor de significado; vídeos, músicas, mídia social, e hipertextos multidimensionais também levar o leitor ao longo de caminhos de criação de significado durante o qual o leitor é um agente ativo. Esses processos, em que os textos são misturados e reconstruídos, diluem os limites da propriedade textual e autoria	108	3	Interação	Hipermídias	
O processo de leitura cada vez mais incorpora uma variedade de materiais e recursos sociais, como vídeos, imagens e outras pessoas (construção colaborativa e redes sociais ligados a leitura). Do ponto de vista pedagógico, isto significa que o foco é sobre as atividades estimuladas por textos em vez de medir ou avaliar a capacidade de um leitor em compreender um texto individual.	108	3	Interação	Hipermídias	
O processo de leitura já não precisa acabar na leitura e discussão de um texto. Em vez disso, a saída pode ser um vídeo, em que o leitor responde com a sua própria interpretação do texto.	110	3	Interação	Hipermídias	
Embora os dispositivos móveis tenham melhorado consideravelmente a leitura na tela, estudos recentes mostraram que o apoio para a leitura ativa, como a leitura de livros acadêmicos, continua a ser inadequada e insuficiente. Um problema é que os leitores têm dificuldade de construir um mapa cognitivo eficaz, que represente a disposição espacial entre objetos num ambiente.	32	2	Interação Propósito de leitura	Conectividade Leitura educacional	Plataforma
A Rolagem (scroll) e o número de páginas são dois métodos comuns para a navegação em documentos digitais. No entanto, estes métodos têm fraca eficácia para a formação de uma representação espacial do documento durante a leitura. A Rolagem pode indicar uma posição aproximada imprecisa e dá aos leitores proporções diferentes. Já os números de página tornam a navegação de página para página imaterial, enfraquecendo a associação entre páginas e texto. Estes dois problemas impedem o leitor de construir mapas cognitivos e prejudicam a prática de leitura digital	33	2	Interação	Ferramentas	

A partir dos dispositivos de leitura vários softwares de e-book têm desenvolvido aplicações como anotação, busca, navegação, representação dinâmica de conteúdo e gerenciamento de e-book.	33	2	Interação	Ferramentas	
Leitura digital existe desde que o computador pessoal foi criado, mas a sua ampliação ocorreu somente na década de 90, com os computadores residenciais e o acesso à internet	346	1	Interação	Conectividade	
Para livros de referência, como dicionários, que necessitam de pesquisa na obra, os alunos preferem o e-book, com os hiperlinks ao invés do impresso	347	1	Interação	Ferramentas	